



JOSÉ WILKER
DAS LIGAS CAMPONESAS
ÀS TELAS DE NOVA YORK

rãdice

LUTA

PRAZER

ANO I, Nº 4, X DEZ 81, 100,00
ESTA EDIÇÃO ESTÁ ÓTIMA. ARREPIOS

BISSEXUALISMO



O que é isso, minha gente?

SEXÓLOGO DE LISBOA



PARA AS VIRGENS EU
RECEITO "NAS COXINHAS"

SATURNINO BRAGA



SE ELEITO, LEGALIZO
O JOGO DO BICHO

PSICOTERAPIAS



O GRUPO DISCUTE:
SERÁ QUE FUNCIONA?



FOTOS SAQUES
A MAGIA DO PARTO



EXPEDIENTE

EDITOR GERAL: Carlos Ralph Lemos Viana
EDITORES: Aduari Bastos, Amanda Strausz, Eugênio Marer, Fernando Pessoa, Jorge Veloso, José Luz Thadeu, Libe Beigel, Luciana Bicalho, Luiz Sarmiento, Marcos Moreira, Pedro Castel, Raul Ribeiro, Sílvia de Barros, Tuika, Valéria Pereira, Vera Lins
REDAÇÃO/SÃO PAULO: Gino Xavier, José Maurício de Oliveira, José Tadeu Arantes, Lúcia Villares, Luiz Carlos da Rocha, Luciana Pereira, Magali Mussi, Maria Rita Kehl, Mônica Engelbrecht, Ricardo Rosa, Ulisses Tavares.
REDAÇÃO/BELO HORIZONTE: José Estanislau Vilela, Luiza Villaméa Cotta, Marilene Maria, Ricardo Amaral, Waldemar Valverde
CORRESPONDENTES: Fortaleza: Frederico Abintês; Natal: Roberto Hugo Bielchowsky; Recife: Caesar Sobreira, Edvaldo Pena Jr., Kilma Valença, Kênia Kemp; Macaé: Afonso da Fonseca; Salvador: Bené Simões, Ligia Portela, Paioma Rocha; Brasília: Cely Bertolucci; Lajinha: Hiran Pinel; Petrópolis: Luiz Antônio Mamede, Fernando Albuquerque; Londrina: Carlos Sahyun; Florianópolis: Margarete Fletas; Porto Alegre: Ademar Becker, Dóris Blessman, Paulo Slomp, Analice Palombini, Humberto Cavalcanti, Edson Souza, Kátia Frizzo.
PELOTAS: Cláudio Gastal, Jorge Ferraz.
PUBLICIDADE RIO: Jorge Veloso (tel.: 242-0126); **SÃO PAULO:** Nelson Lopes (tel.: 66-8686); **BELO HORIZONTE:** Espaço (tel.: 463-3559)
ADMINISTRAÇÃO: Sílvia Barros
COMPOSIÇÃO, FOTOLITO E IMPRESSÃO: Gráfica Editora Jornal do Comércio S/A
DISTRIBUIÇÃO: Fernando Chnaglia Distribuidora S/A. — Rua Teodoro da Silva, 907 — Rio (exclusivo para todo o Brasil).
RADICE LUTA & PRAZER é uma publicação da Rãdice — Editora e Comunicações Ltda. Rua da Lapa, 180/504-505, Rio de Janeiro, CEP: 20021. CGCMF 27.587. 401/0001-46. Insc. Est. 33.200.589.846
RADICE LUTA & PRAZER não aceita matérias pagas que possam ser confundidas com matéria redacional !!! Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores !!! Não reservamos direitos, podendo nossas matérias ser reproduzidas à vontade, desde que citada a fonte.

Por uma Política do Corpo

Neste momento, em que se fala tanto em "liberdade sexual", nada melhor do que ver o que é a "liberdade" tão decantada pela sociedade de consumo.

Os movimentos de contestação dos beatniks e hippies foram deflagradores de profundos questionamentos em relação à sexualidade "normal" e a muitos outros valores vigentes que estavam entrelaçados à questão — casamento, família patriarcal, consumo desenfreado, trabalho alienante e sem prazer, política tradicional, etc.

Na medida que tais movimentos cresceram foram inicialmente combatidos, mas depois desvirtuados pelo sistema de comunicação comprometido com o status quo, e a seguir assimilados no que eles tinham de vendáveis (estilo de roupas, de cabelo...) retirando o seu aspecto revolucionário. O questionamento social que continham em si estes estilos foram "esquecidos".

A "volta" ao corpo, ou a "descoberta" do corpo tem também esse aspecto. E para isso precisamos estar atentos para denunciar e resgatar as deturpações impostas pelos "artífices" e "mascates" do sistema.

Começamos pela divisão maniqueísta entre corpo e mente, como se o pensar não fosse uma função do corpo. Esta divisão nada mais é que produto da desvalorização do homem numa sociedade hierarquizada de classes. Os que trabalham com o corpo são "brutos, rudes", não têm cabeça". Os que trabalham pensando são "inteligentes, sensíveis" e, logicamente, mais bem pagos.

E com isso também fica-se de bem com a Igreja tradicional, pois "o diabo no corpo" são nossos desejos "animais". A negação do corpo, da sexualidade e sensualidade acaba servindo para a negação da vida, da alegria nas crianças, nos animais, na natureza. Acabar com toda vida livre e subjugar-la é uma das tarefas mais destruidoras do homem consumista. Escapa à sua compreensão a "ordem selvagem" e assim vai destruindo-a na Amazônia, nos grupamentos indígenas, nas brincadeiras infantis onde ela existir.

As características de apropriação pela máquina do consumo é retirar toda mudança estrutural existente nos movimentos de libertação, fazendo uma ruptura em toda crítica consciente e transformando-a, através de um jogo de palavras, em um instrumento de venda de valores já arraiados.

Alguns exemplos do que seja "liberdade sexual" para ser consumida:

- Utilização de toda parafernália comprada, com o intuito de aumentar o prazer sexual.
- Revistas eróticas que comercializam o corpo de "heróis do cinema e TV" como modelos de objetos sexuais.
- Abertura de "casas de massagem" (algumas com capital estrangeiro) que nada mais são que luxuosas casas de prostituição de homens e mulheres, autorizadas a funcionar.
- Abertura de motéis por todos os lados, para encontro de parceiros, funcionando num sistema de ilegalidade.
- Veiculação de filmes pornográficos.
- Abortos praticados clandestinamente em diversas clínicas.

Na verdade o que parece uma "libertação", nada mais é que um disfarce e uma válvula de escape para reivindicações mais amplas e de conotação sócio-política. O que há é mais liberdade para aqueles que têm dinheiro, mas mesmo assim de uma forma excusa, e sem que os valores tradicionais sejam questionados.

Senão, vejamos:

- A venda de equipamentos para melhor desempenho sexual encobrem idéias deformadoras, como a necessidade de subjugar a mulher, e não o prazer a dois. Encobre também a "impotência" e a ejaculação precoce originada por problemas de deformação na educação de jovens.
- As revistas eróticas aproveitam-se do interesse natural pela sexualidade e apresentam valores preconceituosos. É só ver as legendas que acompanham as fotos.

Os motéis continuam a funcionar sem uma aceitação social legal. É como se não existissem como tal, o sexo continua a ser visto como algo ilegal.

As clínicas de aborto continuam a funcionar à margem, como indústrias sem a mínima ética médica, tratando aqueles que a procuram de uma maneira perversa e deformadora. Só o fato de não existirem legalmente já faz com que aumentem as angústias e culpa dos jovens.

Uma verdadeira política do corpo pressupõe:

- Condições mínimas de sobrevivência para todos, englobando: alimentação rica em substâncias nutritivas e sem substâncias tóxicas, colorantes e aditivos artificiais.
- menos horas de trabalho e fixação de uma política de pleno emprego, com menos desigualdades salariais e industrialização excessiva. É uma afronta a declaração de um presidente de uma multinacional (sueca) declarar que eles aqui pagam 8 vezes menos a um operário de idêntica qualificação.

respeito ao meio ambiente, tentando soluções alternativas para a produção de energia e alimentos (com uso exclusivo de adubos orgânicos).

plano habitacional que atenda realmente a população e não os especuladores imobiliários.

reforma agrária e incentivos ao pequeno produtor, para não entregarmos nosso solo às "agro-indústrias", que nada mais são que os latifundiários nacionais internacionais com financiamentos subsidiados por nós.

questionamento de todo o processo educacional, que não está em crise, como pretendem que acreditemos, mas está fazendo o seu papel de alienador e de importador de modelos que nada tem a ver com a nossa realidade.

respeito às diferenças individuais, garantidas por lei.

liberdade sexual para os jovens, sem necessidade de locais clandestinos

creches e licença para os pais após nascimento de filho (no mínimo 3 meses para cada, pai e mãe)

valorização de todos os "não produtivos" — velhos, crianças, loucos — transformando os asilos em creches, oferecendo um papel social à maioria dos velhos; desinstitucionalização dos hospitais psiquiátricos.

E muitos outros aspectos. Basta que olhemos em nossa volta para verificar as múltiplas deturpações das mínimas condições de vida prazerosa. O verdadeiro prazer sexual não precisa de uma parafernália de estímulos, adquirida no mercado. Você não precisa "ter" o outro, mas se entregar na relação. É sentir o prazer a partir de você, e não através da dominação do outro. O "ter" em oposição ao "ser" origina-se no homem reprimido e obediente. Para que ele se afirme, só comprando objetos de poder, só subjugando tudo à sua volta. Tudo que devia estar dentro de você pode ser comprado fora.

Impotência? Compre uma moto e sinta-se identificado com a potência de seu motor. Opressão? Compre refrigerante tal e sinta a sensação de liberdade. Angústia, status? Fume cigarros X e sinta o prazer de saber o que quer. Tensão? Beba M e tenha todas as mulheres à sua volta, relaxadamente. Insegurança? Faça economia de poupança.

Agora, tomemos cuidado com aqueles que empunham a bandeira da libertação e da igualdade social e "esquecem" de incluir questionamentos ligados ao prazer corporal. Esta bandeira traz dentro de si o puritanismo. Basta de vermos revoluções que se revestiam de um cunho libertador e acabam com todos os direitos à diferença individual. Basta de repúblicas islâmicas de qualquer religião. Aqueles que querem seguir uma crença não têm o direito de impingir seus valores a outrem, assim como estes não podem exigir o fim das religiões.

Uma sociedade de desejos pluralistas e atenta ao desvirtuamento das necessidades reais do homem é a que deve ser almejada.

Em suma, uma sociedade humanizante, que não confunda necessidades essenciais e existenciais e que reafirme a comunhão de ambas num projeto de vida.

PSICOLOGIA, COMPORTAMENTO, CULTURA, ARTE, POLÍTICA, EXPRESSÕES DE VIDA

Prática/Teoria ALTERNATIVAS NO ESPAÇO PSI

O III Simpósio ALTERNATIVAS NO ESPAÇO PSI terá como tema a própria Vida, discutida e vivida em três dias de encontro humano. Vivências, debates, palestras, shows, mostras de arte, artimanhas, baile. Tudo que ousarmos criar e viver. Um espaço para se pensar, refletir, mudar a vida. Abrir portas, abrir cabeças, canais de sensibilidade. Impossível perder. Contamos com você.

DIAS 8, 9, 10 e 11 de Abril '82

Uma aprontação RADICE LUTA & PRAZER

Inscrições abertas a todos. Certificados.



PARA PARA TIM RA



Movimento pela Paz: Acabar com a guerra antes que ela comece

ALARME! Cresce em todo o mundo uma onda de proporções assustadoras, mobilizando milhões de pessoas, mexendo com governos e influenciando a política internacional. Uma espécie de vida, de consciência emergente, que é exercida ombro a ombro, sem armas na mão. Assim é o MOVIMENTO PELA PAZ, que toma as ruas da Europa em monumentais passeatas antinucleares.

UM MOVIMENTO SE MOVE

O Movimento pela Paz europeu tem seu núcleo nos grupos ecológicos e antinucleares, que há anos vem se organizando em todos os níveis, crescendo até no plano institucional, conquistando cadeiras no parlamento de diversos países. Nos países nórdicos já são considerados a terceira força e participam de negociações para formação de governos. Na França, os partidos verdes atingiram 8% do eleitorado nas últimas eleições, surpreendendo os mais otimistas observadores, e a tendência é o crescimento, principalmente após as últimas manifestações contra a nuclearização da Europa.

Em recente pesquisa, foi perguntada à população de diversos países se apoiavam as enormes passeatas (sempre com mais de 100 mil pessoas) contra a instalação de mísseis nucleares na Europa. Os índices de respostas positivas variaram de 78% de concordância na Holanda, a 50% na França, excelentes, visto que concordavam com "manifestações ativas".

Outro dado importante é que, assim como a Bomba de Nêutrons, sua arqui-inimiga, o Movimento pela Paz atinge somente as pessoas, independente das instituições a que possam estar ligadas. Na Alemanha, por exemplo, um dos líderes e organizadores mais ativos do Movimento é um capitão do exército. É certo que sua carreira militar está estacionária, por agora, mas isto pouco significa para quem luta por finalidades exatamente antimilitares. Na Holanda, na última grande manifestação, toda uma unidade do exército, com cerca de 300 membros, aderiu voluntária e ruidosamente à manifestação, recebendo a saudação das 300 mil pessoas integrantes. A pressão popular afastou qualquer possibilidade de punição dos militares pacifistas.

REAGAN, O GRANDE ALIADO

As atitudes insanas e belicistas, calcadas em interesses econômicos, do mocinho americano, foram as detonadoras das amplas manifestações. Sua in-



tenção de nuclearizar totalmente a Europa, com a instalação de milhares de mísseis, faz parte de uma política defendida por alguns estrategistas da morte do Pentágono, denominada "Guerra Nuclear Estratégica".

Tal proposta está calcada na visão de uma guerra nuclear **localizada**, no caso na

Europa, entre as duas superpotências, o que, de princípio, pouparia seus territórios das bombas inimigas. Pura balela, pois qualquer detonação nuclear, mesmo que para fins "não militares", se é que isso possa haver, interfere em toda a atmosfera do planeta, aumentando o grau de radioatividade de todas as moléculas vivas. Imaginem só uma guerra, com centenas de bombas sendo estouradas num festival de mortes... Esta postura de defesa de guerra localizada não esconde o tipo de filosofia e visão da vida dos nucleocratas belicistas. Mesquinhos e estreitos, compreendem a vida com algo estático e sem continuidade. As futuras gerações, mesmo a de americanos, que se virem para sobreviver num mundo destruído e radioativado, composto por milhares de seres com deformações genéticas insanáveis. Para eles, o negócio é agora, o lucro é pra já.

A negaceada política do ator Reagan, propondo a revisão dos planos e nuclearização zero da Europa, é mostra da força atingida por este Movimento em defesa da vida. A posição da Rússia em desmistificar o ato hollywoodiano e negar-se a acompanhar o desarmamento nuclear, mostra o quanto o governo soviético também está envolvido nesta louca corrida em direção da morte. Independentemente das motivações e interesses de Reagan, qualquer proposta de diminuição das armas nucleares deveria ser discutida e aceita incontinenti. Mas o mundo está mais recheado de mocinhos que possamos acreditar.

A partir desta edição, RÂDICE LUTA & PRAZER acompanhará e trará aos seus leitores os fatos e os desdobramentos do Movimento pela Paz em todo o mundo, assim como o pensamento de pacifistas e ativistas da vida.

CÉ RALPH.

Um conto hindu com direito à receita da pura beleza líquida

"Havia uma vez um homem muito poderoso e robusto, mas de péssima reputação, que se enamorou de uma linda jovem. Ela não só tinha uma linda aparência, como também era santa, e, por conseguinte, não gostava das insinuações amorosas daquele homem. Mas, apesar disso, o homem insistia, devido aos seus fortes desejos luxuriosos. Então, a linda jovem pediu a ele que esperasse somente sete dias, fixando o momento em que poderiam encontrar-se. Ele concordou e ficou esperando com enorme expectativa o momento prometido.

Com o intuito de manifestar a verdadeira beleza da verdade absoluta, a santa donzela adotou um método bastante instrutivo. Tomou grandes doses de laxantes e purgantes e durante sete dias defecou e vomitou continuamente tudo o que comia. Além disso, guardou todo o excremento líquido e o vômito em recipientes adequados. Devido aos purgantes, a linda jovem emagrececeu e ficou tão magra como um esqueleto; sua tez escureceu e os lindos olhos afundaram até a parte de trás do crânio. Neste estado, ela esperou ansiosamente a chegada do ávido cavalheiro na hora marcada.

O homem apareceu no local do encontro elegantemente vestido e muito corfês, e perguntou à feia mulher que ali se encontrava pela linda jovem com a qual iria se reunir. Ele não reconheceu que esta mulher era a mesma jovem bela que buscava; com efeito; ainda que ela confirmasse sua identidade repetidamente, ele não pode reconhecê-la devido a sua condição tão lastimável.

Finalmente a mulher disse ao poderoso homem que havia separado os ingredientes de sua beleza e que os havia guardado em uns recipientes. Também lhe disse que ele poderia desfrutar desses sucos de beleza. Quando o gafa mundano pediu para ver esses sucos da beleza, ela o enviou ao lugar em que estavam guardadas as fezes e os vômitos líquidos, dos quais desprendia um odor intolerável. Assim, ele descobriu a história do líquido da beleza. Finalmente pelas graças da santa jovem, este homem de má reputação pode distinguir entre a sombra e o tangível; e assim recobrou a razão."

Extraído de "A CIÊNCIA DA AUTOR-REALIZAÇÃO", de A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. (Via Pan Caliente).



Revolta: Mataram a mãe, morreram os cinco filhotes

Mãe é mãe até pra gato. Help era uma boa mãe. Uma gata sensata, que não confiava nos homens, porque tem gente que não respeita a vida. Ela teve muitos filhotes, alguns morreram, outros esfão por aí dando vida à vida. Mas, com a sua última cria, ela não foi nem um pouco feliz. Sua desconfiança para com os homens não bastou nesta hora.

Na terça-feira, dia 22 de setembro, ela teve cinco filhotes e na quinta-feira, dia 24 de setembro, ela sumiu.

Um assassino aproveitou-se do fato dela estar com filhotes e a atacou. Só pode ter sido isto, pois uma gata com filhotes não some. Só o homem (espécie humana) é capaz de abandonar um filho.

No domingo, dia 27 de setembro, peguei os cinco gatinhos para tentar salvá-los. Eu sabia que a possibilidade deles sobreviverem era pequena mas, como sou uma pessoa que respeita a vida, tive esperança que algum sobrevivesse. Comprei mamadeira, água boricada e pus-me a alimentar os gatinhos. Sem os cuidados da mãe, as tetas, o calor, não dava. Nenhum deles resistiu.

Agora, estou muito triste. Quem fez, fez conscientemente. Sabia, inclusive, que os gatinhos não resistiriam. Por isso, peço a todos vocês que respeitem a vida, para identificar este cruel assassino que anda solto por aí. Ele deve ser um sujeito feio, frio e duro. Um tipinho vivo, mas sem vida. E também para preservar a vida dos animais.

Afinal, vida é vida, né?

SIMONE DA SILVA GOUVEIA

Este texto foi colocado embaixo de todas as portas do Conjunto Habitacional Super Resguardado da Equitativa, em Santa Teresa, no Rio. Não chegaram respostas.

Tem Amor Agarradinho na pág. 27. V. não pode perder! Vem lá!

LUTA & PRAZER 3

Estudantes e bicheiros

lado a lado

nesta página quente.

Arrisquem a leitura.



UNE: Delegados, Políticos e Caçadores de borboletas invadem Cabo Frio



O 33º Congresso da União Nacional dos Estudantes, ocorrido em Cabo Frio, Rio, no mês de novembro, foi um fiasco. O Brasil inteiro sabe disso através das reportagens publicadas na pequena e grande imprensa, cujos dados mostram detalhadamente os conchavos das tendências, os descarados jogos de manipulação dos dirigentes do Encontro, o constante clima de tensão, as assembleias infundáveis e o pequeno número de congressistas.

O que quase ninguém sabe é que o principal do Congresso não aconteceu dentro do Estádio "Barcelão", em meio a discursos envelhecidos, vaias, aplausos, fanfarras e palavras de ordem. O bom do Encontro ocorreu nos papos de almoço, nos banhos de mar, na rua e nos bares. Muitos estudantes inconformados com os rumos que a coisa havia tomado, reuniram-se à margem das atividades normais e criticaram os manobristas dos grupos que se mantinham no palco do Estádio, a maneira como a "galera" votava as propostas sem qualquer questionamento maior, namoraram, promoveram um "banho de mar natural" (para o qual os banhistas deveriam ir nus) e trocaram experiências sobre os trabalhos que vêm desenvolvendo em muitos Estados do Brasil.

Conversando com essa rapaziada, percebi que eles se preocupam com política, sim, senhor. Vi também que os mesmos já abandonaram a simples crítica, em função da procura de respostas concretas para as questões que se colocam para a realidade

brasileira atualmente. Assim, é que muitos pertencem a grupos de atuação política independente, produzem textos para reflexão, promovem palestras, debates, mostras de filmes etc., se reúnem regularmente e geralmente atuam à revelia do Movimento Estudantil oficial. Para eles, o negócio agora é trazer à baila temas amplos de discussão — como Ecologia e Paz Mundial —, ou assuntos mais próximos da juventude — drogas, aborto, feminismo, machismo, por aí.

A experiência de 68 é lembrada nos papos e a necessidade de crítica à repetição dessa postura é algo patente em seus discursos. Cabeira e outros teóricos da geração 68 não são citados com frequência, mas percebe-se que há uma semelhança muito grande entre o atual pensamento dos antigos guerrilheiros com o dessa gente nova.

A luta pelo poder não é vista como algo primordial e todos acham que ao invés de se ficar brigando por espaços sem discussão, qualquer avanço do Movimento tem que ser analisado, mastigado, aprofundado, e os envolvidos no processo revolucionário têm de ter consciência do que fazem e da importância de seus atos.

Enfim, o 33º Congresso da UNE serviu para mostrar que o número de vagalumes que começam a lançar luzes para o Movimento Estudantil está crescendo em todos os lugares e sua atuação colorida e questionadora começa a tomar corpo e espaço.

DAU BASTOS

Estão perseguidos e reclamam: Bicheiro não é bicho

De repente as bancas de jornais se enchem de manchetes sobre proibições, blitz, prisões, fechamento de bancas; tudo relacionado ao jogo do bicho. Nas entrevistas: comandantes, "capitães", "homens fortes". Os que mandam prender e os que pagam pra soltar.

Mas e os que correm, fogem de blitz, se expõem, são presos?

Os "testas-de-ferro" também têm o que falar...

Com a promessa de não ser identificado, entre um gole e a ida até a porta do bar ("pra não sujar pro dono") para escrever um jogo, realiza-se nosso papo.



marcos abel

"Antes de tudo, vê bem o que você vai escrever aí, vou te falar, mas vai ser uma 'entrista de costas', se tiver que se referir a mim, me chame de... de sombra." Tudo bem vamos lá.

Para nosso "sombra", contraventor, a vida dos bichos começou com um convite de um amigo que acabava de assumir o ponto do pai recém-falecido.

"Trabalhava numa gráfica, mas tava ruço, pouca grana, à fim de partir pra outra, quando pintou um amigo que me tocou e ensinou como se faz. Enfão eu vim

pra cá, onde dá mais. E tem uma vantagem: a gente tem sempre uma grana quando precisa, eles dão na hora e descontam o mínimo por mês. Já numa firma é a maior burocracia."

Apesar das onze horas de trabalho (começa às 8h e sai às 19h) ele se sente orgulhoso com o que faz. "Além de escrever, também sou caixa. Isso não é pra qualquer um, tem que ser inteligente. Quem trabalha aqui tira de letra o curso que pintar, a gente faz qualquer conta na hora; porcentagem é no ato, que nem máquina de calcular. É pura matemática."

Apesar dos cálculos, sua rotina de trabalho não lhe dá muitas dificuldades. "Escrevo o jogo, dou um tafão pro cliente e fico com outro. Coloco todas as cópias no envelope e mando pra apuração, que faz uma relação dos vencedores e me envia com o número do tafão e quanto cada um tem que receber. Eu pago e pronto."

Desquitado, morando num barraco no morro, ganha Cr\$ 21 mil fixos e mais uma comissão de 10% sobre o faturamento aos domingos, "que dá pr'eu tirar umas trinta milhas por mês e dar uma grana pra minha filha. Para minha mulher não dou nada, pois ela tá com outro macho sustentando".

Como não podia deixar de ser e como prescreve a moda, durante seus quatro anos de trabalho, já foi preso várias vezes.

"Já tive muitas prisões, mas só assinei uma, quando me pegaram escrevendo, o resto como não me apanharam com nada, me liberaram logo. Como a gente não tem carteira assinada, eles podiam dar uma vadiagem, mas sabem no que a gente trabalha e aí liberam. Você não vê o Castor, todo mundo sabe que ele é dono de bancas, mas também é dono de fabricas, cheio do ouro, e tá solto.

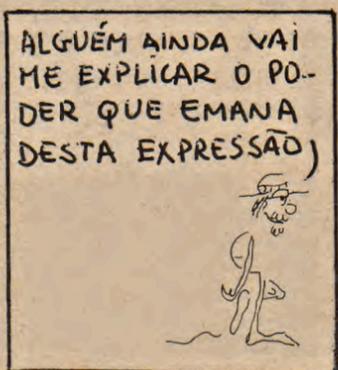
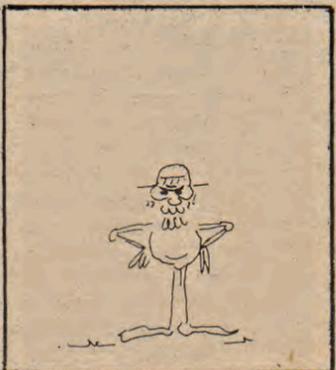
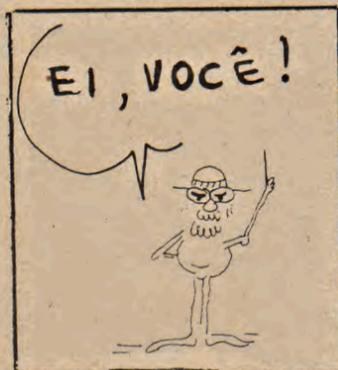
Mesmo quando abriram processo — continua — demorei pouco tempo preso, porque foram lá e pagaram a fiança de Cr\$ 2 mil. Mais tarde fui a julgamento, mas obtive a absolvição por falta de testemunhas. No que vi os homens chegando mandei o freguês embora. Como ninguém podia testemunhar, fui absolvido."

Com referência à "máfia" que mata e ao suborno aos policiais, "Sombra" acrescenta: "Não teve gente morrendo adoidado porque não concordava com o Presidente da República? No bicho é a mesma coisa, só que mais divulgado, se você se rebela e vacila, tá arriscado a dançar... Quanto ao suborno a gente que escreve não sabe de nada. Vou te dizer, isso é uma casa de caboclo que ninguém entende. Eles só chegam e falam pr'eu ir pra tal lugar que tá liberado. Enfão eu tô sabendo que pintou um esquema, mas não sei quanto e também não dou nada. Meu negócio é escrever e pronto."

Sobre sua situação de fugitivo desabafa: "Eles estão de bobeira; enquanto correm atrás da gente, vagabundo tá roubando à vontade..."

JORGE VELLOSO

Neo



4 LUTA & PRAZER

2 233 09 34 101

Gabeira, Marilena Chauí

Paulo Francis e Joãozinho Podre

todos juntos com João Figueiredo.

Que página! Isto é um folgado!

Disse
que
disse



No momento em que não se reprime a utilização do álcool, que é altamente nocivo à saúde, que causa uma profunda dependência física e que não é incriminado; no momento em que se permite a utilização do cigarro de tabaco, onde a nicotina traz graves prejuízos à saúde, por que razão a cannabis sativa, que coloca a saúde em menos risco que os dois anteriores, deve ter seu uso proibido?

Juiz Alvaro Mairink da Costa

Prefiro jornais sem governo do que governo sem jornais.

Thomas Jefferson

A vanguarda brasileira, que é classe média e católica, é moralista mesmo. Trocou o convento pela célula política.

Marilena Chauí

Lugar de acadêmico é desinformando a juventude nas universidades.

Paulo Francis

O problema da seca se resolve com água.

João Figueiredo

A natureza da Arte é a subversão. O princípio da Arte é o do prazer.

Jacó Klintowitz

Deus é, e sempre foi, garantia absoluta de vendas.

Chico Júnior

Pega
na
mentira



O rock'n'roll aproxima os jovens do demônio, estimula o egoísmo, a perversão sexual e o crime, provoca instabilidade nervosa e destrói o santo matrimônio. É uma influência maléfica na juventude.

Reverendo Albert Carter,
Sacerdote Pentecostal

Amor é o que a gente sente por um gato, ou por um cachorrinho. Não existe esse sentimento entre os seres humanos. Se alguém acha que ama outra pessoa é porque não está regulando bem.

Johnny Rotten —
Joãozinho Podre —
líder dos ex-punk Sex Pistols

Que beleza o livro do Gabeira, Fala Nelson Motta

A mesma unanimidade — escrita — que saudou "O que é isso, companheiro" e os dois livros seguintes de Fernando Gabeira, integra o coro dos descontentes com o primeiro romance do atrevido mineiro, o "Hóspede da utopia". Com certeza não será um best-seller, não provocará os debates acalorados, não esquentará verão algum: é apenas o primeiro romance de um escritor hábil e talentoso. Trata-se de estranho romance, pôsto que não feito de ficção, tanto quanto a ficção de Silviano Santiago — "Em liberdade" — é apresentado em forma de diário de Graciliano Ramos. O que atrapalha a leitura do livro do Gabeira, que confunde o leitor, é a identificação do personagem do romance, o narrador, com a imagem pública, a personalidade revelada, a estrela da mídia, o líder da juventude, essas coisas todas. Entendo que aquele que narra o "Hóspede da utopia" não é o "Fernando Gabeira", é uma personagem que muito se assemelha ao que as pessoas acham que conhecem, na verdade um personagem simples (mas rico), embora quase simplório, um tardio estrangeiro. Haverá uma hora para a estrada? Ou houve uma moda, apenas, que passou — a estrada, e as vocações para ela, permanecem. Parece simplório porque os caminhos se parecem — e neles, os que o povoam — com o que já foi exaustivamente narrado, aventurosamente, em passado bem recente. Mas é instigante pela simpatia-antipatia do personagem, cuja disponibilidade pela fruição plena de uma grande aventura vital, momentaneamente e individual, certamente agride e incomoda a todos os que dela não podem dispor, provocando inadvertida inveja; cujo impulso é negar verdade e luz naquela experiência de vida: uma aventura amorosa, pelas estradas do afeto. O personagem é simpático porque se lança, com grande coragem e serenidade, a uma tentativa de avanço da liberdade individual em um plano delicado — o relacionamento amoroso sob a forma de casal. O antropólogo do livro não é um personagem eletrizante, não ambiciona — aparentemente — muito, mas se sabe que em sua aventura vivida em carne viva está um experimento radical, no sentido de buscar a raiz do afeto — através de um casal. Claro, um casal especial, unido em romance, escrito, e em romântica e amorosa relação, intensa, onde a principal luta conjunta é contra qualquer sentimento de posse, exercício do poder. Repetindo, exercício do poder, no plano de um casal revolucionário. Não de revolucionários; de duas pessoas "simples", mas uma integração afetiva e sexual efetivamente expressiva de um desejo de não dominar, revolucionário dentro desse núcleo básico da sociedade, o casal. Certamente é um exercício rico esse que vivem o homem e a mulher do livro do Gabeira. É claro que é muito chato



— para os que dela ouvem falar apenas — toda aquela felicidade rural, mas os próprios rumos do personagem confirmam que virar um suave e campesino par não dá romance. E a melhor maneira de saber disso, para o personagem, foi exatamente vivendo lá, aquilo. Então, para quem lê sua narrativa daquilo, quando "não acontece nada", é chato. Como diziam os hippies de antigamente, "foi uma". Experiência, saboreada, que resulta em outros rumos, em efetivo crescimento da força interior do personagem, que em emocionante final encontra, pelas ruas miseráveis de Bombaim, o ancestral afeto personificado em um menino — em si mesmo, espelho e infância — o ponto de encontro de tanto caminho. Na verdade, a relação amorosa com a mulher é, em sua maior parte, uma banal paixão — desinteressante para os que, não sendo vovô, dela apenas ouvem contar: a relação fica mais interessante, para os que dela, daquela forma, participam, quando a paixão, aquela, passa — e continua, começa, uma permanente ligação amorosa, profunda, entre aqueles dois personagens. O homem e a mulher buscando — encontrando, temporariamente — a harmonia, incompatível no entanto com a vontade de ousar adiante, individualmente. A mulher, o homem e a criança, visto através de relacionamentos amorosos, delicados, onde a questão sexual é apenas uma componente, muitas vezes não determinante. Mesmo correndo o risco de ser uma leitura onde a expectativa de "ação" e "reflexão" levam a algum enfado, rural na maior parte, com certeza somente o levantar dessa questão, da liberdade dentro do núcleo básico da sociedade — o casal — vale a pena e o saco. O assunto é oportuno para ser discutido, é bom para todo mundo, conquistar maior liberdade para si sem que para isso seja necessário ou desejado exercer qualquer forma de poder sobre o outro. Utopia na qual se hospeda o narrador-personagem, e através dela nos conduz pelos caminhos do tédio, do prazer e da miséria. Mas — interessante — quase até sua parte final não é o que se poderia chamar de uma leitura agradável — sem que fosse, por outro lado, algo de garimpar mais árduo porque mais rico em significados. Apenas uma longa preparação — para um imprevisto encontro, que é



místico, é político, é sexual, emocionante experiência humana do encontro. Acho que os, odoricamente, entremeios interligantes antecedentes dos finalmentes, por sua não-história, chateiam, quando não se sabe ainda que é apenas trajetória.

O que certamente mais colabora para uma leitura interessante é a aproximação do personagem com o "Fernando Gabeira", pelos cenários onde a mídia já o narrou, aparentemente sem nada de novo a dizer. Mas muita coisa de muito nova — e de muito velha, passado recente — está dita ali, mesmo que precariamente, experimentalmente, em assuntos ditos "quentes" — amor, homem, mulher, homem, criança, o **homenino** de Caetano, Augusto de Campos e Lewis Carroll, pelos caminhos do poder. Do querer. Do desejo. Amorosamente, mente amorosa.

NELSON MOTTA.

Onde gastar (bem) sua (pouca) grana

- Compre a revista AFRODITE PERDEU O RUMO, editada em São Paulo e circulando nas bocas alternativas. Inteligente, instigante, maneira, charmosa, cheia de cintura, Afrodite é um convite à irreverência e plena à circulação de idéias e ideais. Caso a bocada esteja fechada, escreva para a Caixa Postal 20.083 — SP
- Compre bons livros. Se determinarmos o preço médio dos livros agora, em Nov 81, em 600,00, teremos que tal valor comprará: 40 cafezinhos no bar do seu Manel; 6 maços de cigarro metidos a besta com qualquer teor de nitroglicerina; 4 cervejas mornas na praia de Ipanema; 120 mijadinhas no banheiro "popular" da rodoviária; 7 litros de gasolina vagabunda e adulterada, à venda nos postos da cidade; um bofão de balas, jujubas, chicletes, que façam estremecer seus dentes e encher o bolso de seu dentista. Logo...
- Falando em bons livros, olho nesse "Família, Psicologia e Sociedade", coletânea de textos das mais diversas disciplinas, coordenados por Gilberto Velho e Servaldo A. Figueira, da Editora Campus. Família e parentesco são examinados a partir de diferentes perspectivas teóricas, formando uma interessante e complexa visão do assunto. 40 cafezinhos de boas idéias que não fazem mal pros nervos.
- "Amazônia, a Última Fronteira", livro de Edilson Martins, Codecri, é um livro advertência sobre a devastação da Amazônia. Nele, estão descritos os golpes fatais desfechados pelo capital industrial nos últimos 12 anos. As estradas, os garimpos, o Projeto Jari, a Fordlândia, os Grandes Lagos de Herman Khan, a luta dos oprimidos e a resistência da Igreja são alguns dos temas tratados por Edilson, neste livro definido por Darcy Ribeiro como "leitura obrigatória, no sentido de salvar alguma coisa".

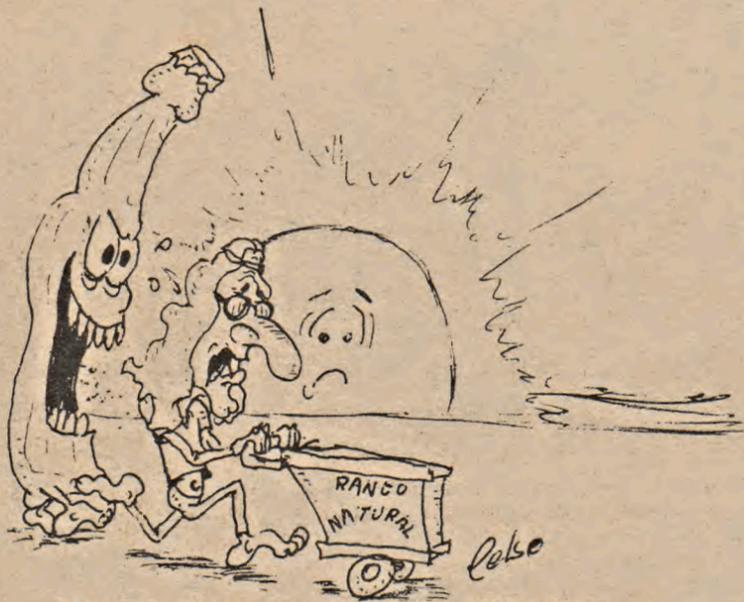
CÊ RALPH.

LUTA & PRAZER 5

De repressão em repressão

vamos enchendo o nosso saco.

Sem pureza e com pacotes.



**Trabalhar é preciso, difícil é
arranjar emprego, portanto...**

A crise econômica que se abate sobre nós nos últimos tempos tem levado todo mundo a procurar trabalho, pois essa história de se viver às custas da família já começa a cair de moda dentro da classe média. Porém, quase sempre não existem empregos e mesmo quando aparece algum, não satisfaz, ou pelo baixo salário, ou porque é alienante, ou porque não permite que o empregado faça outras coisas na vida além disso.

Como alternativa para se ganhar dinheiro sem patrão e com prazer, muita gente (estudantes, profissionais, intelectuais até) está se organizando em grupos ou cooperativas de trabalho, de preferência produzindo coisas com as quais se identifiquem ideologicamente e através delas se sintam fazendo algo de interessante no mundo. Assim é que cada vez mais encontramos vendedores de sanduíches naturais na praia, shampoos, camisetas pintadas, posters, sapatinhos decorados.

PUREZA PURA

Olha o sanduíche natural! Olha a Pureza! Quem vai à praia de Ipanema, no Rio, já está acostumado com o pessoal da cestinha e da camiseta lilás, onde se lê "PUREZA". Eles vendem sanduíches feitos com pão e outros produtos integrais, tortas de bananas e quibes feitos sem carne. São adeptos de uma alimentação vegetariana e contrários aos produtos refinados, como o açúcar branco, por exemplo.

Joaquim, figura típica e conhecida, incentivador e um dos fundadores da COONATURA (Cooperativa de Produtos Plantados sem Adubos Químicos) e ativista do movimento ecológico, é sócio de Murilo e Evandro, na Pureza. Joaquim estudou Comunicação Visual e passou de 76 a 78 morando em comunidades rurais, fora do Rio. Em 79, estava se sentindo isolado no mato, voltou para a cidade e começou seu trabalho de organização da Coonatura.

6 LUTA & PRAZER

Murilo é publicitário e o sócio financeiro da Pureza. Para ele, produto natural é um empreendimento em expansão e todo o resto é "blá, blá, blá".

Já Evandro vê a Pureza como continuação de um projeto de vida seu que começou na Bahia, onde transava Yoga e alimentação macrobiótica. Teve restaurantes em diversas cidades do Nordeste, conheceu Joaquim na Coonatura e daí surgiu a idéia de se fazer a Pureza. "O Joaquim é que agitou o dinheiro inicial e a divulgação. A venda no início, era apenas nas faculdades, mas nós sempre demonstrávamos a preparar os lanches. Um dia estávamos desanimados, pois já era tarde para irmos até a Universidade vender. Então resolvemos ir à praia. E desde esse dia não deixamos mais de vender na praia."

Mas como nem só de vendas vive a Pureza, paralelo às transações comerciais existe toda uma preocupação em que os vendedores expliquem pros clientes o porquê de uma alimentação integral e quais os problemas causados por alimentos cheios de corantes, adoçantes e produtos artificiais.

Hoje percebe-se que o empreendimento já tomou um rumo profissional bem definido. Do esquema artesanal do passado restam apenas algumas recordações de situações difíceis — às vezes engraçadas —, como na vinda do Papa ao Brasil. "Pensamos no monte de gente que ia ver o Papa — recorda Joaquim —, e preparamos dois mil sanduíches. Afinal, Papa e Pureza fêem muito a ver. Mas só uma multinacional qualquer que vai fazê-los largar mão de seus sonhos.

O pique empresarial é sentido, inclusive, na mudança das instalações: antigamente as coisas eram centralizadas na residência do Murilo, enquanto que atualmente há uma casa somente para isso, no Rio Comprido, bairro próximo ao centro da cidade. No mês passado a Pureza, lá, tinha um faturamento médio mensal de trezentos mil cruzeiros e uma folha de pagamento em torno de cento e cinquenta

mil cruzeiros, sem contar a compra de alimentos. Os vendedores das praias e das quatro carrocinhas ganhavam comissões sobre as vendas que atingiam a faixa dos vinte mil cruzeiros mensais, por uma média de cinco horas diárias de trabalho.

Evandro, Murilo e Joaquim não estavam fazendo qualquer retirada dos lucros da Pureza, pois era intenção deles comprar mais seis carrocinhas e aumentar os postos de vendas. Mas a indústria de refrigerantes Genial — que vinha tentando em vão conseguir autorização para instalar mais carroças de refrigerantes nas praias — pressionou tanto a Prefeitura do Rio de Janeiro que atualmente, a Pureza está proibida de vender seus sanduíches e tortas na Zona Sul carioca. Por causa disso, as carrocinhas já em funcionamento foram transferidas para a Tijuca e o espaço de atuação da Pureza ficou bem reduzido.

Mas o pessoal da Pureza está tranqüilo e sabe que não vai ser o dedo ridículo de uma multinacional qualquer que vai fazê-los largar mão de seus sonhos.

DAU BASTOS/ EUGÊNIO MARER

Uma operação militar fecha a abertura mas não acaba com os sonhos

O PACOTE E O SONHO

"A reforma eleitoral baixada pelo governo não foi uma manobra política, mas uma operação militar. Seu objetivo foi adequar a representação no Congresso ao plano que contempla a manutenção da atual estrutura de poder por mais nove anos" (Folha de São Paulo, 29 de novembro).

As notícias das primeiras reações dos políticos, no Congresso, condiziam com suas expressões, estampadas nas fotos. Perplexidade. Se naqueles homens, profissionais da política com grande experiência nesta singular e viciada forma de jogo político exercida no Brasil pacoteiro, existia a dúvida e a incerteza com relação ao futuro, o que dizer do homem comum, do brasileiro médio, que leva na cabeça diariamente dezenas de pacotadas que lhe custam o seu bem-estar, sua própria possibilidade de existência?

Este homem brasileiro, esta massa de carga pesada sem rosto definido, não se quedou aphonito, trespassado pelo traço de golpe. Aprendeu na prática a identificar que a esfera de vida que lhe diz respeito há muito não sensibiliza os donos tecnocráticos do poder. Durante todos esses anos seus projetos, foram transados ao largo do teatro político tradicional, seu ceticismo foi cultivado e cresceu. Além do



mais, o dia-a-dia é tão difícil que lhe exige toda a energia e atenção para se manter vivo.

Por outro lado, exerce da maneira que pode sua condição humana, especialmente sonhando, arriscando seus desejos. O canal institucional bem criado para ser depositário dessa realidade onírica, as diversas loterias e jogos populares geridos pelo Estado, não comporta a insaciável necessidade; sempre premente, de satisfação desses desejos. O projeto da saída pessoal, individual, permanece, mas dele não se pode viver, e muita vida está correndo por todos os lados. Há motivações humanas, gente pensando e fazendo junto.

A própria sociedade brasileira tomou para si a tarefa de ir se construindo, independentemente das firulas legislativas. As associações de bairro são as entidades mais representativas das populações; ali discutem-se os problemas comuns, tomam-se resoluções coletivas, atua-se solidariamente e de maneira eficaz. O poder é compartilhado, a representação é concreta, cercana: é o próprio vizinho. Esta "pessoalização" é um dado fundamental; através dela traz-se para o real as possibilidades de mudança. As pequenas lutas, por objetivos específicos, solidificam as relações entre os envolvidos, viabilizam esperanças comuns.

A quase inexistente Psicologia Social brasileira não virou seu pequeno foco para estas múltiplas e ricas realidades que formam esse "estar brasileiro". Quando o ex-vice-presidente Pedro Aleixo chamou atenção de Costa e Silva para o fato de que temia mais o AI-5 nas mãos do guarda da esquina que nas do presidente, usou de um conhecimento pouco difundido: o de quando e como uma decisão política estrutural é difundida em todos estratos de uma sociedade.

Este pacote, enfiado pela goela da nação, corrobora um ceticismo que esteve em baixa nesses períodos de abertura. A possibilidade de viver uma democracia consentida embriagou a muitos, mas sem as características de um grande porre. A ressaca, portanto, não é tão violenta. O acordar deste sono leve que nos permitimos ter não interrompeu nenhum sonho colorido, trouxe-nos somente à consciência que continuamos amarrados na cama, todos juntos. O sonho real, bonito e palpável, está sendo construído num outro nível de realidade e dela vai emergir rompendo com camisas-de-força de todos os matizes.

Esta decisão política empacotada, impingida pelos detentores do poder, pode ter o efeito do boomerangue, aquele estranho pau australiano que volta com mais força ao lugar de origem de seu lançamento; por nos despertar do leve sono democrático, talvez avive nossa vocação sonhadora, irreversivelmente libertária.

CÉ RALPH

SOMOS TODOS BISEXUAIS, É CLARO

E Freud já falava isso...



Juliano

Bissexualismo, afinal que bi é esse? Será o homossexualismo liberal, o conhecido desempenho gilete? Ou algum novo modismo do verão carioca? Ou ainda, técnica avançada de relacionamento íntimo ou nova linha de pret-a-porter? Nada disso, a questão não é mais embaixo, como poderia se supor à primeira imaginação.

A bissexualidade é um componente psicológico fundamental para a formação, desenvolvimento e estruturação da personalidade, e qualquer teoria psicológica razoavelmente elaborada reconhece este fato, bem explicitado por Freud.

Nossas referências sexuais não vêm pela única via do nosso sexo fisiológico; somos o conjunto da interação das vertentes da espécie: homem, mulher; pai, mãe; macho, fêmea. Somos a contradição e por isso evoluímos. A instabilidade de nossos impulsos, a hiperafetividade, a aptidão para a embriaguez e o êxtase, principalmente o orgástico, determinaram em grande parte nossa extrema complexidade cerebral. Que, por sua vez, exterioriza-se pelos mil canais de nossa consciência, espaços de nosso corpo, ação sobre o mundo.

A abertura para o prazer não deve conter limitações de ordem moral. Cada pessoa deve

ter o direito de procurar saciar seus desejos da maneira que julgar melhor, se isto não implicar em dano para o outro. Se a chegada ao prazer sexual se faz por mais vias que as divididas e estreitas forjadas pela sociedade patriarcal, que assim seja.

Há inclusive uma discussão interessante sobre este aspecto: se o bissexual que assim atua, inclusive no plano físico, consegue extrair mais prazer do seu corpo e dos outros com quem se relaciona, isto pode significar até um passo adiante em termos de espécie, como foram as utilizações crescentes de potencialidades localizadas em órgãos específicos, como as mãos, a boca, cérebro. Esta utilização mais completa do potencial corporal já foi sacada como tendência. Eduardo Mascarenhas declarou que viríamos o século com uma geração bissexualizada. Futurologia à parte, é bastante provável que a queda das amarras da sociedade falocrática se dê mais cedo que o pensado, pela nossa vã filosofia.

BISEXUALIDADE MACHISTA

É interessante que a bissexualidade no Brasil se expresse de maneira mais marcante no homem que na mulher brasileira. Alain

Giami, o psicólogo francês que entrevistamos (vide matéria na próxima página) constatou dois importantes fatos em sua estada entre nós: que sempre que falava em feminilidade masculina era entendido como falando em sodomização, e isto predominantemente entre as mulheres intelectualizadas do meio psicarioca. Os risos nervosos e os rostos corados foram alguns indícios que o levaram a afirmar que elas eram os mais fortes agentes do machismo que encontrara nesta terra do pau Brasil. Outro dado, que ele sentiu, uma forte expressão de feminilidade nos homens, apesar de bem defendidos sob a capa de um machismo chauvinista.

A estrutura da família brasileira facilita; afinal, cabem às mulheres a quase total responsabilidade pela criação dos filhos, além da postura submissa perante o macho provedor. O prato está cheio e servido.

A sociedade de consumo, apesar de seus canais de repressão institucionais, está cada vez mais permissiva com relação às opções sexuais, e, na medida do possível, faturando em cima. A moda unissex seria inconcebível há 20 anos atrás. O estereótipo do galã há muito que não passa por 60 de bíceps e 120 de tórax. Mick Jaegger, está tão próximo de

Weismuller quanto uma borboleta de um trator. Os signos não são mais os mesmos. Há maior interpenetração — a palavra é oportuna — entre os componentes masculinos e femininos e isto é indiscutível.

Mesmo nas relações heterossexuais se exerce a bissexualidade. A intimidade corporal com a quebra do padrão tradicional papai e mamãe, fruto de uma moral que retirava qualquer importância da atividade sexual, abriu horizonte de satisfação inesperados e expressivos. O tudo é possível.

(Ah, o espaço está acabando...) Começa a existir uma "naturalidade", pelo menos na aceitação da opção do outro, até porque este "outro" é cada vez em maior número, principalmente entre a juventude. E até as leves sacanagens machistas já denotam alguma complacência, tipo "a minha parte mulher é sapatão".

Bom, não deu espaço nem tempo para discutir mais aprofundadamente, mas alguns elementos estão no ar, para pensar. É soltar a imaginação, soltar o corpo nesta viagem pessoal e da espécie Homo Sapiens, pensar com a carne, sentir com a razão. E perguntar bem humoradamente, como fez Pascal a respeito do homem: "Quem, afinal, deslindará esta embrulhada?"

CÊ RALPH

PORQUE EU SOU É HOMEM

A música é muito a expressão de uma cultura, de um estado pessoal, de sentimentos, emoções. Música é uma linda expressão humana. E, no Brasil, a música é qualquer coisa. Nos momentos mais difíceis foi um grito ouvido e entendido por todos; nos momentos de descanso, acompanhava. O estar brasileiro é um estar musical. O povo canta, com todos os apesares. E ouve falar de si, também além do prazer de se tomado por esta magia rítmica envolvente.

Na música chamada popular, há uma conversa, onde o que se fala traduz muito a palavra do outro. E se fala muito o que a gente falaria. É ótimo descobrir no outro um pouco da gente. É lindo este sentimento de espécie, de humanidade. (Somos bichos muito interessantes — modéstia, de todo mundo — à parte.) E esta conversa da música facilita, sensibiliza. A colocação pessoal poemizada toca, amolece. Vem muito de dentro, muitas vezes, e falam das inúmeras realidades interiores que nos formam. O mundo está nas nossas realidades.

E aí este artigo, com uma idéia para se conversar, para trocar com outras numa boa, pra refletir. A bissexualidade ser mais expressiva pelo homem brasileiro, na sua criação musical, é um significado. Muitas coisas podem explicar o fato, mas não estou entrando nesta vertente.

A vontade é dar o toque audiovisual proposto por este jovial mensário. Portanto, sigam a receita: leiam uma vez reconhecendo as músicas, e depois repitam cantando. Se possível, inteiras.

"Um dia, vivi a ilusão de que ser homem bastaria/Que o mundo masculino tudo me daria do que eu quisese ter/Que nada, minha porção mulher, que até enfao se resguardara/é a porção melhor que eu trago em mim agora/ e que me faz viver..." (Superhomem — Gilberto Gil)

É difícil reconhecer a importância que o sexo dito oposto tem na nossa formação, no nosso ser. A sociedade patriarcal, machista, divide os sexos, a experiência, mas não consegue antagonizar, de todo, a sensibilidade. O comportamento padronizado, faz a gosto do consumo, rege, canhestamente, a sensação. A sociedade brasileira não segue a regra na medida do possível. Pelo menos, na medida da parte masculina, os poetas e compositores esão a exteriorizar a fao decantada e importante porção mulher.

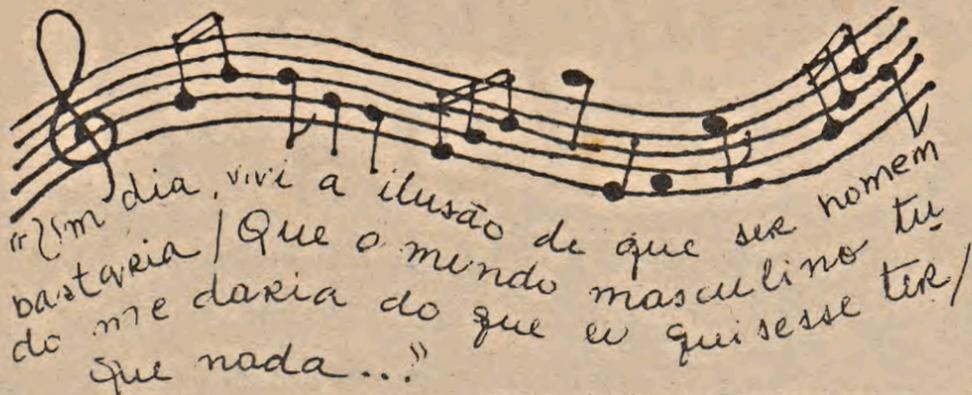
Na nossa música popular, a presença masculina é predominante, sem dúvida, especialmente entre os letristas, sem es-

quecer as incríveis poetizas que circulam no pedaço. Mas é um indício forte de uma realidade bissexual as inúmeras canções feitas sob a inspiração da "sensibilidade feminina", por parte de nossos melhores compositores, e a quase total ausência da "porção masculina" nas composições de nossas letristas. Pela poesia, canal profundo de desvendamento da subjetividade, comprova-se, de certa forma, um estado sexo-cultural de nosso povo.

"Ele está na minha vida porque quer eu estou pra o que der e vier/ Ele chega ao anoitecer, quando vem a madrugada ele some/ Ele é quem quer/ Ele é o homem/ eu sou apenas uma mulher." (Essa Cara — Caetano Veloso)

Os baianos falam muito e se expõem com tranqüilidade. "Meu caso é mesmo mulher, descobri. Minha maneira de sentir, de me colocar, de ter prazer, de estar, é extremamente feminina. Me identifico demais e por isso me dou fao bem com as mulheres". Gil é quem fala, e assim tam-

LUTA & PRAZER 7



bem se expressa com o corpo, em movimentos delicados e insinuantes, sensualizados. O reconhecimento internalizado da importância da feminilidade lhe traz uma tranquilidade difícil de identificar nos demais "homens brasileiros". Enfim um homem não machista? Pode ser...

Chico Buarque, o mais profícuo compositor feminino do Brasil, vide "Tatuagem", "Ana de Amsterdam", "O meu amor", "Terezinha", "Atrás da Porta", "O meu guri" e dezenas de outras lindas composições, estabelece um outro espaço: o sentimento de seu lado feminino espaçado pelo quase trágico da condição da mulher brasileira.

"E me agarrei nos teus cabelos/nos teus pelos/teu pijama/nos teus pés/ao pé da cama/Sem carinho/sem coberta/No tapete, atrás da porta/E reclamei baixo/ (...) Te adorando pelo avesso/pra mostrar que ainda sou tua." (Atrás da Porta — Chico Buarque)

É impressionante a sensibilização de Chico, do artista desta condição. As mulheres que o digam, sempre abismadas com a fidelidade aos sentimentos que julgavam ser exclusivos seus. E Chico é demais, chegando a repassar, sob a ótica da mulher, tanto a visão do mundo masculino, em "Com açúcar, com afeto": "Sei que alguém vai sentar junto/ você vai puxar assunto/ discutindo futebol/ E ficar olhando as saias/ de quem vive pelas praias/ coloridas pelo sol"; quanto o amor entre mulheres, como em "Barbara":

"Deixa eu ceder enfim a tentação das nossas bocas cruas/ e mergulhar no poço escuro de nós duas/ Deixa eu viver o mal de uma paixão vadia/ maravilhosa e transbordante feito uma hemorragia".

Paulo Vanzolini bebera também desta mesma porção dramática e angustiada em "Ronda": "Volto pra casa abatida/ desencantada da vida/ o sonho, alegria me dá/ nele você está (...) E nesse dia, enfão/ vai dar na primeira edição/ Cena de sangue num bar da Avenida São João".

Estas considerações sobre as peculiaridades de cada estilo, mostram a face mulher assumida por cada compositor, em função de sua formação, personalidade, percepção, etc. Gonzaguinha reafirma reivindicações também no plano do relacionamento:

"E daí? Eu sou uma mulher/ uma parte comum de um jogo qualquer/ Pra perder ou ganhar/ ou aquilo que for/ mas os dois com a mão na colher" (Mulher, e daí? — Gonzaga Jr.)

Em ambas as condições, masculina e feminina, Gonzaga Jr. estabelece sua marca polêmica, de luta por igualdade. Uma feminilidade integrada num contexto social.

Por aí também passa outro poeta feminino de sensibilidade e versatilidade impressionante: Vitor Martins, parceiro de Ivan Lins. Basta citar duas de suas composições para sentir o toque afirmativo da identidade feminina. "Começar de Novo",



conhecido tema de Malu Mulher dá o pique da suplantação da dualidade atração x repulsão: "Começar de novo/ e contar comigo/ Vai valer a pena/ ter amanhecido/ Sem as tuas garras/ sempre são seguras/ sem o teu fantasma/ sem tua moldura/ Sem tuas esporas/ sem o teu domínio/ sem tuas escoras/ sem o teu fascínio." Ou a mesma temática de afirmação em "Atrevida": "Já não sou mais a mesma/ respiro outros ares/ navego outros ares/ são tantos os olhares/ convites, sorrisos... Eu gosto, eu preciso, pois é/ Que ficou impossível não ver/ mudei de você/ Por isso me esqueça/ virei a cabeça."

Não são poucos os exemplos e poderíamos continuar cantando uns cem, só pra abrir os ouvidos e coração. Mas vale a pena pensar também na ausência da "esquecida" porção masculina, encontrada fugazmente na composição "Teco Teco", dos barbudos Pereira da Cos-

ta e Milton Vilela. Até aí, quando aparece, esta porção vem condimentada com um julgamento depreciativo: "Teco, e teco, teco, na bola de gude era o meu viver/ quando criança, no meio da garotada, com a sacola do lado só jogava pra valer/ Não fazia roupa de boneca nem tampouco convivia com as garotas do meu tempo, o que era natural/ subia em poste, soltava papagaio, até os quatorze anos era esse o meu mal."

Enfão é isso, querida Música Popular Brasileira, que continues a agir como em "O meu amor", do Chico, que na voz de Lúcia declama (lá, no singular): "Que roube nossos sentidos/ viole os nossos ouvidos/ com tantos segredos lindos e indecentes/ Depois brinque conosco/ ria de nossos umbigos/ e nos crave os dentes."

CÊ RALPH

A FEMINILIDADE REPRIMIDA...

Este texto, feito a partir de uma entrevista com Alain Giami e Claude Revault D'Allaonnes, teóricos e pesquisadores franceses, traz interessantes pontos para reflexão e debate, como a afirmação que a sociedade reprime de maneira mais forte a feminilidade do homem do que a masculinidade da mulher, ponto de partida para análise feita. Outra questão bastante interessante é a explicação do machismo como ato defensivo a uma feminilidade transbordante, passada na educação pela mãe, no exercício de seu poder subjetivo. As questões estão apenas esboçadas, mas já permitem um desenvolvimento na cabeça de cada um.

Sobre o caráter "universal" da bissexualidade situam-se diversas posições, visto que as diferenças culturais são decisivas. Sobre a atuação dos diversos movimentos — homossexual, feminista, do contracepção — o debate se aviva em vertentes políticas. Ambos os temas serão tratados em outro artigo, oportunamente.

Da entrevista com Alain e Claude participaram também Eugênio Marer, Amanda Strausz e Renato Aguiar.

A reflexão de Alain Giami e Claude Revault parte da noção de bissexualidade de Freud, que distinguia três diferentes níveis de inserção da sexualidade: um nível fisiológico — definido pelo aparelho genital externo, um social, que seria a influência social sobre a diferenciação sexual, e um psicológico, que seria a representação mental dos componentes masculino e feminino, e que variam, em diferentes dosagens, segundo a cultura, a idade e as peculiaridades pessoais.

Freud definiu a masculinidade como o componente atividade, e o feminino como passividade, sem, no entanto, dicotomizar totalmente esta separação/oposição entre os sexos. Isto, numa visão progressiva, pode se

traduzir pela constatação que a sociedade, por dividir fortemente os papéis, forja uma via muito estreita em direção ao prazer, orgástico para o homem e procriador para a mulher. Esta canalização dos modelos da sexualidade se dá com a escolha e definição de papéis e comportamentos.

A hipótese de trabalho assumida pelos dois franceses foi que a sociedade reprime mais a feminilidade do homem que a masculinidade da mulher, pois a homossexualização feminina não ameaça as suas faculdades procriadoras, o que não acontece no caso contrário, quando todo o sistema patriarcal é colocado em jogo.

Mas que feminilidade e masculinidade são essas? São os desejos de cada um dos

sexos de ter os atributos do outro sexo. Para eles, sempre se falou muito do desejo das mulheres de serem homens, mas muito pouco do inverso, como por exemplo, das manifestações do homem durante a gravidez. Há inclusive o ritual de uma tribo africana, onde, depois do parto, quem retoma as atividades é a mulher, ficando o homem em casa, simbolizando também o seu resguardo. Ou de outros componentes rituais, onde mensalmente o homem se corta, abrindo em si a vulva feminina e sangrando como na menstruação.

Estes desejos são frequentemente bloqueados, em nossa sociedade, ao nível consciente, pois o sistema patriarcal é introjetado em cada ser social. Este sistema apoia-se na alienação da mulher e de seu corpo, visto somente como um recipiente que transmite o patrimônio e o nome. Para Claude Revault, o fato da filiação materna ser a única onde a certeza é possível, é a chave para a explicação de todo o patriarcalismo. Como se os homens estivessem numa posição defensiva e alienável em sua sexualidade, frente a esse poder natural da mulher. A atividade masculina seria a compensação, até mesmo punitiva, desta fragilidade interna, e aí, na subjetividade, estaria colocado e exercido o poder feminino. Este poder se concretiza com o jogo da culpa, da pseudo fragilidade, na educação das crianças, na sedução.

Quanto mais o sistema é patriarcal, mais propicia uma maior diferenciação entre os sexos, com a mulher se ocupando em escala maior do contato com os filhos na primeira infância. Este dado é fundamental para a introdução cada vez maior da imagem feminina na criança; a figura paterna passa

ao filho via discurso materno. E, ao contrário do que se possa pensar imediatamente, este componente feminino transbordante desemboca num machismo mais exacerbado, como barreira à esta mesma feminilidade.

A tendência mais atual de participação do homem do mundo feminino, seja conhecendo melhor a fisiologia feminina, ou participando mais ativamente no parto e criação do bebê, atenua a diferença e modifica as relações de papéis. Simone de Beauvoir já afirmara que "a próxima revolução é a dos papéis e das tarefas masculinas e femininas". Para Claude, a idéia é interessante, mas extrapolará o espaço de papéis dominantes e entrará no das posições do homem e da mulher no sistema. E isto passará, inevitavelmente, pelo desejo de ser também do outro sexo e tudo que isto implicar no campo social, político, sexual, etc.

Complementando, Alain e Claude ressaltam que interessa à sociedade patriarcal a demarcação de zonas de tolerância à exteriorização da bissexualidade — festas, guetos, etc — onde não há mudança real de comportamento, mas sim do ato imediato, voltando-se à postura inicial tão logo mude-se a geografia. Encarar o sistema de comportamento sexual dentro de um todo político, cultural, histórico é uma postura que pode identificar as ciladas e artimanhas frequentemente expostas pelo sistema de dominação patriarcal. Se passa-se a atuar na sexualidade somente do ponto de vista do ato, sempre haverá a possibilidade de uma recuperação aos ditames do sistema. Pode-se até resolver as questões relativas ao ato, mas não resolverá a questão.

CÊ RALPH

O que é que a Bahia tem?

Gabriela, Carlete e Muriçoca são travestis. Homens que numa época da vida resolveram ser mulheres. Moram no Pelourinho, em Salvador, que além de ser um dos maiores conjuntos arquitetônicos do Brasil Colonial, abriga uma vasta população marginal, que os planos de recuperação e tombamento da área nunca beneficiaram.

Os três vivem de prostituição. Duplamente marginalizados. Pela profissão e por darem um nó na cabeça de toda a gente negando-se a serem homens numa sociedade falocrática e machista.

No Pelourinho vivem centenas de prostitutas, travestis, pivetes, ladrões. Todos escondidos dos "clics" das máquinas fotográficas dos turistas que visitam Salvador, "Capital do Turismo".

Nesta entrevista ao LUTA & PRAZER, Gabriela, Carlete e Muriçoca falam de seu cotidiano duro, marcado a gilete, perseguição e pouco amor.

BENÉ SIMÕES E MARLENE LOPES

A casa é grande e sem conservação. Não há entrada de luz em nenhum dos cômodos. Os quartos são tão escuros quanto a vida que eles levam. Gabriela, Carlete e Muriçoca são travestis do Pelourinho, no centro histórico de Salvador. Durante o dia arrumam a casa e cuidam da cozinha: são donas-de-casa. À noite saem na batalha de fregueses e, muitas vezes, amanhecem encarcerados nos pequenos e fétidos cubículos — cheios de percevejos, ratos e baratas — da Delegacia de Jogos e Costumes. Toda noite a DJC registra uma média de cinco travestis presos sob a alegação de "atentado à moral e aos bons costumes".

"Adoro ser travesti", "deito com muitos mas só gozo com meu homem". Eles dizem tudo, não escondem nada. "Gosto dos marginais. São maravilhosos. Fazem parte do mesmo lodo que eu". Carlete — no real, Carlos Santiago de Almeida — defende a marginalidade e responsabiliza a polícia, que habitualmente prende e espanca.

A rotina é a mesma todas as noites. Se vestem de mulher e saem às ruas para a batalha, que geralmente acontece na orla marítima de Salvador — Barra, Pituba, On-

dina. Os problemas são muitos, começando pela polícia e indo até a concorrência das prostitutas, e eles enfrentam sem medo. Gabriela (Lucrécio Silva, 21 anos), mostra com orgulho as cicatrizes em todo o braço. A auto-mutilização — cortar os braços com gilete — é a maneira mais comum com que os travestis presos alcançam a liberdade. Quando o delegado vê sangue, providencia o transporte do preso para o Hospital do Pronto Socorro.

Aos 26 anos, Carlete se considera o mais vivido dos travestis do grupo, que inclui ainda Vanessa, Daniela e Miriam. Ele calcula que no Pelourinho morem cerca de 70 travestis, geralmente em grupos para se defender melhor. Carlete diz que são muitas as torturas ao travesti, que além de preso, espancado e posto para dormir nu ao frio, é obrigado a manter relações sexuais, à força, com os policiais. "Tratam a gente como marginais da pior espécie", desabafa.

Em meio a tudo isso eles não estão de bem com a vida, nem com as pessoas. Para Carlete a sociedade "é um grupo de caretas que fabrica o homossexual e depois o rejeita". Gabriela acha que são "uns despeitados que gostariam de ser bicha e não podem, por isso detestam a gente." Muriçoca, 19 anos, se confessa decepcionada com a sociedade formada "de pessoas preconceituosas e enrustidas". Para ele, a pressão social sobre o travesti causa um trauma que resulta na loucura: "Já me considero uma pessoa louca, a cachaca comeu meu cérebro."

MACHO LEGÍTIMO

A maioria da clientela é de homens casados, com idade entre 30 e 40 anos e das mais variadas profissões: advogados, engenheiros, médicos, empresários, etc. Para os travestis, eles não são homens normais: "Se fossem homens de verdade não iam procurar bicha em vez de mulher", diz Gabriela.

Os preços variam muito, depende do travesti e do freguês. Gabriela diz cobrar Cr\$ 3 mil por "uma hora de amor". Mas nem todos pagam o que é acertado e brigam. O "amor" termina se transformando em guerra e nessa batalha os travestis perdem peruca, peças de roupa, dinheiro, etc.

Durante as horas de trabalho não há espaço para o prazer. Carlete, como os outros, não sente prazer nenhum com os fregueses. "Ai eu finjo que estou gozando para aumentar o prazer deles." Orgasmo, só com o próprio homem. Carlete tem um "caso sério" com um pintor de paredes que ela diz ser "um macho legítimo". "Com ele consigo o orgasmo de várias formas, só não admito que ele saia de

Para homens casados entre 30 e 40 anos, três mil por uma hora de amor



Carlete: a sociedade é careta



posição de macho para se comportar como bicha, me chupando, por exemplo."

Já Gabriela tem o prazer mais limitado e apenas de uma maneira. "Faço de tudo, mas só gozo quando tomo no bumbum." Segundo Gabriela os clientes são, na maioria, pessoas pouco gentis e tratam os homossexuais como mercadorias prontas para consumo. A clientela chega de carro e antes de abrir a porta já pergunta o preço e as habilidades do travesti. Chocada, Gabriela diz que se sente como uma mercadoria sendo escolhida na prateleira, para provocar prazer sem ter direito de gozar.

NUNCA COM MULHER

Muriçoca tem 19 anos. Antes de ser travesti profissional trabalhou numa firma de acrílico e também como office-boy de uma copiadora. Ele explica que conseguiu ser respeitado porque "não dava bandeira pra ninguém perceber que eu era bicha". Hoje não acredita na possibilidade de mudar de profissão. Carlete chegou a ser manequim no Rio e não foi discriminada pelos colegas porque eram todos "entendidos".

Gabriela, desiludida, não tentou trabalhar em outras áreas. Saiu da casa dos pais aos 10 anos e veio morar com uma prostituta. Nessa época ainda era Lucrécio da Silva. Hoje, como Gabriela, não pensa mais na família. Preferiu esquecer. Foi a forma que encontrou de mostrar respeito pelos irmãos que "são pessoas de bem e nunca iam aceitar um travesti dentro de casa".

O líder do grupo — Carlete — estudou até o segundo colegial no colégio Severino Vieira (um dos maiores de Salvador). Não quis tentar o vestibular. Convicta de suas tendências, disse que a universidade não tinha nenhum curso que combinasse com a sua vocação de ser travesti. Abandonou os estudos e caiu na vida desde cedo.

Mudar de sexo? Nunca. Hormônios já usaram e não usam mais. "Se usar muito perde o tesão", diz Carlete. Quase gritando, ela afirma que mesmo podendo nascer de novo, pediria para nascer bicha, nunca mulher. A relação heterossexual é respeitada, mas não praticada. Batendo no peito e fazendo ar de rejeição, Carlete fala: "Com uma mulher, nunca."



Gabriela: "gostariam de ser bichas e não podem, por isso detestam a gente"

O SEXÓLOGO LUSITANO E...



Meninos, eu vi. Quer dizer, um deles eu vi e o outro eu só ouvi por telefone e depois tive a notícia por carta — mas é o suficiente. Nas duas ocasiões pensei em “investigar” os casos e fazer dessas denúncias jornalísticas que dão capa de Manchete e quadro polêmico em programa da TVS. Depois desisti, achei sacanagem: se for para denunciar alguma coisa no terreno da chamada sexologia, é bom denunciar a cambada toda: de Master & Johnsons até o mais cabotino de seus seguidores. E como é inútil querer denunciar no Brasil uma “ciência” consagrada nos States (e ainda mais com bases behavioristas, tão em moda nas faculdades psi), resolvi deixar de ser moralista, ou classista ou sei lá o que, e não incomodar o trabalho do Sexólogo de Lisboa, nem de seu colega, Irmão Alípio, pois nenhum dos dois deve ser mais nocivo aos seus “pacientes” do que as bem aparelhadas clínicas de sexologia para a burguesia — que por sinal exploram muito mais sua clientela, mas cada um tem o sexólogo que merece.

MARIA RITA KEHL

Fotos Lipiani

O sexólogo lusitano — vulgo Dr. Oliveira, para efeitos jornalísticos — veio me procurar há alguns anos num congresso de psicanálise que eu estava cobrindo para uma revista de São Paulo. Ofereceu-se para ser entrevistado por mim: um trabalho inédito, precisava ser divulgado. Gordo, uns quarenta e cinco anos, cabelos à escovinha, camisa abotoada no peito estilo PC do B, e uma cruzinha de ouro no pescoço. Na entrevista, começou me apresentando seus créditos: formado em psicologia? Não, mas diplomado em algum curso técnico de formação de terapeutas (desse curso de complementação, não anotei o nome) em Lisboa. Mas não é o diploma que revela a base de sua formação, argumentou o Dr. Oliveira, apresentando-me confidencialmente o filé minhon do seu currículo: uma vastíssima experiência sexual, iniciada aos cinco anos de idade com a empregada da casa de seus pais e incluindo, a partir de então, incursão pelos leitos mais variados de não menos do que cinco mil mulheres de várias partes do mundo, das mais diferentes raças e idades (um cientista não pode ter qualquer tipo de preconceitos) e nas mais extravagantes situações. Pois, pois. Para se conhecer os segredos da mulher é necessário antes de mais nada muita experimentação empírica. O dr. Oliveira não estava brincando comigo, e eu anotei rigorosamente seus créditos em matéria de laboratório sexual.

— Mas o Sr. trabalha apenas com clientela feminina? — Sim sim, apenas com mulheres. — E a sexualidade masculina, o doutor desconhece? — Não é bem isso minha filha. É que esse é um trabalho arriscado. Os homens são menos compreensivos e menos humildes que as mulheres em matéria de sexo. Eles pensam que sabem tudo, e não aceitam conselhos. Com as mulheres, nunca tive problemas — mas depois que alguns senhores e rapazes que eu estava tentando tratar me ameaçaram com violências físicas, desisti da clientela masculina. As senhoras e senhoritas aceitam melhor minha ajuda e então se trabalha que é uma maravilha...

O Dr. Oliveira não conhece Reich e acha que Freud “exagerou um pouco” nos conceitos da psicanálise: nem tudo é sexo nessa vida, não é mesmo? Existem os valores espirituais também, os valores morais, as normas que regem a vida social... Concordei imediatamente com ele: o velho Freud devia estar meio gagá, vendo sexo em toda a parte,

pois pois. E como é que o senhor aconselha sua clientela feminina, doutor? Não é nada difícil. As mulheres casadas sofrem em sua grande maioria de um único problema: o tédio nas relações sexuais, a indiferença dos maridos. Alguns conselhos médicos comprovadamente eficazes:

— Mudar a iluminação do quarto, a colcha da cama (um tecido mais brilhante, mais agradável ao toque), a decoração das paredes. Alguma coisa mais insinuante, mais convidativa, quebra a monotonia cotidiana e incita grandes fantasias — quem sabe o marido se sente novamente nos ambientes proibidos de sua juventude, e faz da esposa personagem comparsa de uma noite da saudade?

— Nem só de cama vive um casal. A esposa que se sente desvalorizada pode surpreender o marido com sua imaginação ousada convidando-o a ter relações, por exemplo, no elevador do prédio ou mesmo no tapete do hall de entrada do apartamento; o perigo é um poderoso motivador da excitação.

— A dona de casa precisa cuidar mais do próprio corpo. Se não tem tempo ou dinheiro para freqüentar massagistas e salões de ginástica, não faz mal: ela deve escolher um sutiã mais moderno, que dê novo formato ao busto, ou usar um salto de sapato um pouco mais alto, sabe como é? “Desses que fazem erguer um pouco as ancas da mulher”...

As mulheres casadas, então, estão com a vida feita. Mas e as solteiras? As adolescentes? A juventude em geral? O Dr. Oliveira não discrimina idade ou estado civil: todos têm direito a uma vida sexual satisfatória. Respondeu com segurança à última pergunta de minha entrevista. Em seu trabalho com jovens, palestras em colégios e prestação de esclarecimentos sexuais, explica que a única limitação para essa faixa etária deve ser a preservação do hímen, “barreira natural” que protege o corpo da mulher até o casamento. Natural, sim: pois a mulher não nasceu com ela? Deve ser rompida só no casamento, quando a fêmea então exige seus direitos de procriadora, reprodutora da espécie. E a tal vida sexual satisfatória para a juventude, doutor, como é que fica? — Ah, isso nem é preciso ensinar-lhes: eles sabem por instinto. Mas para os mais tímidos eu sempre explico como se resolve a coisa: que façam sexo nas perninhas, entende? Nas perninhas...

O PADRE TARADO

Alguns anos mais tarde conheci Irmão Alípio numa situação totalmente diferente: estava fazendo um programa na Rádio Mulher de conselhos e diálogo com as donas de casa, e uma ouvinte me ligou pedindo para conversar "fora do ar". Explicou seu problema, falando baixinho pelo telefone: menos de 40 anos de idade, 19 de casada, e há dois anos vivendo na mais absoluta carência sexual. O marido talvez tivesse "outra", pois andava completamente frio, nem a tocava. E ela cada dia mais nervosa, mais tensa, sabe como é. Até que uma amiga lhe apresentou Irmão Alípio, a solução de todos os seus problemas.

Irmão Alípio, um ex-padre "mas vivendo ainda dentro de todos os preceitos da moral cristã", abandonou a batina por um único motivo: não conseguiu suportar o celibato clerical. A partir daí, passou a viver um outro tipo de apostolado. A pedido da ouvinte, liguei para o número do tal Irmão Alípio e tive uma longa conversa, onde ele me esclareceu sobre sua obra de caridade: Irmão Alípio é a favor do casamento indissolúvel, mas considera injusto o padecimento de tantas mulheres de meia idade. Desprezadas pelos maridos, fiéis, e sem alternativas de satisfação sexual a não ser a masturbação (que ele, no caso, recomenda antes de mais nada). "Quero fazer o bem, ajudar minhas irmãs à beira de um colapso nervoso", explica. "Mas não é profissão nem prostituição; o que Deus me deu, eu dou de graça".

Apesar de minha insistência ao telefone, Irmão Alípio recusou-se a ter sequer uma entrevista comigo, pois eu disse ter trinta anos e ser desquitada: "seu caso é outro, minha filha. Você é jovem e deve procurar companheiro; afinal, se o marido a abandonou, a culpa não é sua. Eu só atendo a senhoras sem esperanças, e que desejam preservar casamentos à beira da falência por motivos de indiferença sexual. Você sabe que muitas de minhas irmãs, após algumas sessões comigo, me agradecem dizendo ter adquirido técnicas e conhecimentos o suficiente para seduzir novamente os maridos e despertar seu desejo

"A penetração foi a última coisa que o Alípio fez"

por elas?"

Desisti de batalhar Irmão Alípio, liguei para a ouvinte que esperava um "conselho meu" para tomar sua decisão e não soube o que dizer: faça o que você estiver a fim, e seja o que Deus quiser... Felizmente meu "conselho" não foi decisivo: ela já havia marcado entrevista com o ex-padre. Só me lembrei de lhe dizer que não lhe desse endereço ou qualquer referência pessoal ao cara, para evitar futuras chantagens, e que exigisse dele um atestado médico. Também inútil: Irmão Alípio já havia pedido que a sua cliente levasse atestado médico e se apresentasse sob pseudônimo!

Semana seguinte, recebo uma carta que vale à pena reproduzir aqui, e que (ser for verdadeira, pois seu estilo de "Forum" da revista ELE & ELA me confundiu um pouco) só serviu para me deixar ainda mais sem critérios de julgamento para esses casos de "sexologia empírica": faz mal, faz bem, é inócua, é revolucionário? E a ciência, onde é que fica? E os laboratórios? E a psicanálise, e o feminismo? E os relatórios de pesquisa norte-americanas? E eu? Perdi o pé. Se a carta for verdadeira, só posso pensar: seja feliz, cara ouvinte. Meu caminho é outro, mas tomara que você seja feliz. A carta tá:

... "Maria Rita, o Alípio é uma pessoa maravilhosa, fala em Deus e a família ele coloca em primeiro plano. Conversou uma hora comigo, e nada quis saber de minha pessoa; deixou bem claro que eu não me envolvesse com ele, pois assiste mais de 50 irmãs. Ficou estipulado que vai me "atender" só



uma vez por mês. Ele teve uma atitude que muito me comoveu: pediu para que eu ajudasse os pobres, dando para as casas de caridades as roupas que minha família não mais usasse. Deixou bem claro, que quando eu estivesse no transe do prazer, devia imaginar que era meu marido que estava me dando tudo aquilo. Ele é alto, claro, cabelos pretos, olhos verdes (lindos de morrer) e super educado; me instruiu para que eu tenha bastante diálogo com meu marido sobre sexo, pois assim em futuro bem próximo, as coisas podem ir para seus devidos lugares. (...) No ato sexual, ele soube me satisfazer umas cinco vezes, fazendo comigo coisas que eu esperava há 19 anos. A técnica empregada é digna de estudos, pois eu pensava que era uma mulher "fria". Estou feliz, pois sei que não sou fria; sou mulher (graças a Deus) e sinto pena não possuir um marido como esse ex-padre.

Ele me disse uma verdade: os casais atualmente não são felizes (sexualmente) devido à falta de diálogo, e devido ao fato de começarem por onde deveriam terminar (você notou o teor dessa frase?): é a maior verdade que eu ouvi, pois a penetração foi a última coisa que o Alípio fez. Você deveria levá-lo na rádio, para que ele "instrua" os machões que só gritam e berram e "nada" fazem (e se fazem, é malfeito...).

Que pena o próximo encontro com ele estar tão longe! Mas estou feliz, pois agora vi que sou MULHER. Tchau!" M...

E aí, como é que fica? O irmão Alípio e seu colega lusitano transam os mesmos valores e conceitos que a moderna sexologia

considera quase como critérios científicos. Preservação da família e do casamento (exagerando um pouco — da virgindade); treinamento empírico da sexualidade, eficiência e pouco papo, a não ser alguns conselhos práticos. Sem questionar a vida que a pessoa leva, sua ideologia, as limitações que o mundo lhe impõe; sem indispor a cliente contra a sociedade e a opressão sofrida dentro e fora do casamento; sem mais delongas, pragmaticamente, resolve-se a questão. Afinal, isso de levar a mulher a uma compreensão mais profunda de seus problemas, de sua relação com os homens e com o próprio corpo, a uma espécie de reestruturação da personalidade de modo a permitir a emergência da tal sexualidade reprimida — isso tudo demora muito e é arriscado: imaginem se depois de tanta transformação, a paciente resolve cair na vida?

Por essas e outras é que resolvi deixar em paz o dr. Oliveira e o Irmão Augusto: qualquer escândalo que eles pudessem provocar, seria consequência apenas do fato de atenderem a uma clientela de classe mais baixa, num "trabalho" sem qualquer verniz científico ou cultural. Pela ótica dominante — a nossa — Irmão Alípio e Dr. Oliveira são folclóricos, enquanto outros charlatões mais diplomados e consagrados pela grande imprensa seriam consideradas dignos de nosso respeito, e merecedores de uma crítica pautada pela ética de bom comportamento acadêmico. Enquanto o último behaviorista não for enrabado pelo último sexólogo, irmão Alípio e dr. Oliveira merecem trabalhar na deles.

TERAPEUTA

BIONERGÉTICO

Eu sofro e me alegro
Com minha voz
Com meu corpo
Com meu sexo
Eu sofro e me alegro
Por inteiro

(Paródia a Janis Joplin)

Pedro Castel (CRP 05-4533)
Informações tel.: 225-8275
Rio de Janeiro

GAPSI

(Grupo de Assistência Psíquica)

Uma equipe de profissionais e estudantes de Psicologia e Medicina que atendem domiciliarmente pacientes em crise, evitando-se a internação desnecessária.

Informações com:
Patrícia/Pedro (tel.: 225-8275)
José Inácio (tel.: 235-2115)
Maria Helena (tel.: 274-5836)

PSICÓLOGO CLÍNICO

Ψ IRANI MENEZES
(CRP. 05-3417)

Terapia Centrada no Cliente
adolescentes e adultos

Marcar hora.

De 2ª a 6ª, de 8 às 12h.

Rua do Catete 168/606 - A - Rio

Apareça!

Os termos do convite você define; a impressão bem cuidada, o acabamento impecável, a apresentação esmerada, ficam por nossa conta.

Nossa especialidade são serviços gráficos bem feitos, bonitos. Convites de formatura, cartões de visita, comerciais, formulários diversos, talonários, papéis de carta, folhetos e mesmo cartazes.

Fale com a IMPRESSORA, certeza de um bom impresso.

Serviços finos em alto relevo. Apareça e encomende seu convite, seu cartão. Será um prazer.



IMPRESSORA Rua da Lapa, 123-A

Tels.: 252-9717 - 242-4639
Rio de Janeiro - RJ



HORIZONTES DO DESEJO

ELIANA BERTOLUCCI

Muito se tem dito sobre sexualidade atualmente, mas a forma como o assunto vem sendo abordado pela imprensa, televisão, etc, não tem favorecido o terreno da polémica, deixando a desejar em termos de profundidade. O raciocínio que se tem feito para "explicar" a sexualidade, tem se aproximado mais de fórmulas prontas e pontos de vista reducionistas, do que contribuído para alargar horizontes de seu alcance.

A contraposição que se faz entre "repressão" e "liberação" da sexualidade, por exemplo, situa a questão entre dois pilares falsos: o primeiro é a crença de que o principal impedimento para o exercício da sexualidade é a repressão, que atua de fora (sociedade) para dentro (indivíduo). O segundo é o enquadramento de uma infinidade de questões sob o rótulo mágico de "liberação da sexualidade", entendida como livre exercício de práticas sexuais.

Sabemos, contudo, que a repressão não é apenas uma "entidade" exterior a nós; faz parte da forma como olhamos, como falamos, como nos relacionamos. Se quisermos nos aprofundar na questão e abranger suas dimensões mais ocultas (inconscientes) que dizem respeito diretamente à nossa prática cotidiana, temos que entender a repressão como interioridade que se expressa na relação com o outro.

MITOS E PRECONCEITOS

Atualmente existem alguns hábitos no discurso sobre sexualidade, que mais se aproximam de fórmulas prontas e preconceitos do que de uma visão aberta e consequente sobre a questão. Estes hábitos se manifestam a nível da criação de alguns mitos que parecem ter o poder, por si só, de explicar e solucionar tudo o que acontece a nível da dicotomia "repressão" x "liberação" da sexualidade.

Um dos mitos mais divulgados é o mito do "ORGASMO": é claro que o orgasmo não é apenas um mito, mas enquanto mito, ele reduz a questão do desejo e do prazer a alguns espasmos involuntários obtidos em determinados momentos, sós ou acompanhados...

O mito do orgasmo torna o amor uma questão mecânica e reduz a sexualidade a um "know-how". Caímos no âmbito das fórmulas, da solidão, da competência: Não importa com quem eu esteja, não importa como sou capaz de sentir orgasmos e por isso de tenho a chave da sexualidade.

A "APOLOGIA DO CORPO" cai também, a meu ver, no perigo de se tornar um mito. "O incremento" da sexualidade é buscado em algumas aulas de dança, num terapeuta de abordagem corporal, numa alimentação "Zen", numa relação sexual "liberada"... enfim, tudo se resolve num passe de mágica! Basta curtir o corpo enquanto um conjunto de músculos, de funções, de tensões, de sensações...

Outro mito que também aparece como uma das soluções mágicas para a "carece" geral em relação à sexualidade é a "AUSÊNCIA DE PRECONCEITOS": Neste mito o que é dito é que basta querer para podermos nos despir de todos os preconceitos, como quem manda as roupas sujas a um tintureiro. Basta querer e tudo está devidamente resolvido...

Os preconceitos, a repressão, o orgasmo ou o corpo tornam-se, através dos mitos, en-



A repressão não é apenas uma "entidade" exterior a nós; faz parte da forma como olhamos, nos relacionamos.

tidades que podem ser jogadas fora, evitadas, adquiridas ou manipuladas, tudo sob as ordens claras e explícitas da razão.

O QUE SE FALA, O QUE SE FAZ

Esses mitos, contudo, não explicam, como era de se esperar, uma outra dimensão da realidade dos fatos: a distância que existe entre o que as pessoas falam e o que sentem, o que fazem e sentem, o que falam e fazem, o que sentem e expressam... e a forma inconsciente desse processo de "compartimentalização da existência". Cada "compartimento" nos quais somos divididos corresponde a uma redução de nosso ser, a uma deformação, que pode levar a inúmeras consequências. Entre elas existe a dicotomia entre "teoria" e "prática". Se a nível da "teoria" corrente sobre sexualidade existem muitos pontos a serem criticados, dos quais fizemos pequeno esboço, a nível da prática é que as coisas realmente apertam. Como feminista, já cansei de trombar com casos exemplares de autoritarismo dentro do movimento de mulheres, e como mulher, com casos exemplares de machismo entre os homens autointitulados "liberados sexualmente" ou mesmo "feministas".

Vemos, portanto, mais uma vez, que a repressão permeia toda a nossa prática de vida, determinando viciados hábitos de pensamento (ex.: tudo se consegue pela razão ou pelo corpo), aprisionando nossas emoções no que se convencionou serem os "sentimentos" (ciúmes, paixões desenfreadas, amores românticos, etc.) e principalmente fragmentando, compartimentalizando o ser humano tanto individualmente quanto em relação ao outro, o que leva a bloqueios a nível da ação, reduzindo nossas possibilidades de existência.

A natureza da sexualidade não traz, em si mesma, as formas pelas quais ela pode ser

vivida. A despeito da herança biológica, ou melhor, exatamente por causa dela, a sexualidade humana tem infinitas formas de se manifestar. Freud nos ensinou muito bem isso. A libido, energia psíquica de natureza sexual, tem como característica própria a sua mobilidade, responsável pela multiplicidade de manifestações culturais, práticas sexuais, produção de objetos, enfim, pela multiplicidade da cultura humana.

O SER-EM-RELAÇÃO

Nossos determinantes biológicos são de tal natureza que criam condições para se superarem a si próprios. Explicar nossos comportamentos em termos de determinantes biológicos estritos revela uma concepção bastante reducionista do que seja o ser humano. O aspecto mais fundamental que caracteriza o humano é o fato de ser-em-relação. O sentimento solitário, a sexualidade solitária, o "prazer" independente do outro é mutilador, destruidor. O ser humano só pode se desenvolver plenamente em sociedade que, ao mesmo tempo que o determina é determinada por ele. Um corpo só se constitui em relação. "A formação dos cinco sentidos é trabalho de toda a história passada" (Marx).

Um corpo isolado não pode fazer muita coisa e "liberar-se" sozinho. Por mais que meu corpo seja perfeito e minha cabeça livre de preconceitos, isso de nada garante uma vivência satisfatória em relação à sexualidade.

Chegar à compreensão de que o mais importante é a relação, e conseguir vivê-la, é, sem dúvida, mais complicado do que manter um corpo relaxado e a cabeça sem preconceitos. Apesar dessa dificuldade, temos que nos esforçar para deixar de fazer raciocínios que reforcem a dicotomização de nossa existência.

Uma sexualidade assumida é aquela que se manifesta em todos os níveis de nossa vida. Ela atinge condições plenas de existência a partir do momento em que minha vida tem significado.

Esse significado surge na minha relação com o mundo através da mediação do desejo.

O que caracteriza a cultura humana, em última instância é a atribuição de significado às coisas, aos fenômenos da natureza, às pessoas. Não existe experiência humana fora do âmbito daquilo que ela significa. Através de nossa capacidade simbólica organizamos o mundo e podemos desejá-lo.

SEXUALIDADE TOTAL

A sexualidade não é domínio do corpo nem domínio das palavras. Sua plena manifestação só pode se dar onde o desejo pode retornar plenamente e com mais vigor, à própria fonte, ampliando nossas capacidades de percepção, de entrega, de relação plena com o outro. Para isso participam tanto o corpo quanto o intelecto, tanto as sensações, quanto as intuições, tanto nossa capacidade de resolver problemas como de nos esquecer deles, tanto nosso orgulho quanto nossa modéstia... O que importa é a sintonia que podemos manter com o outro e o espaço que podemos abrir para que ele possa se expressar, dizer, movimentar.

Nesse sentido, a sexualidade se manifesta em todas as relações, e não somente naquelas em que se inclui a genitalidade. Tudo o que faço, inclusive em relação a mim mesma, a meu trabalho, minha compreensão da realidade, da natureza, minha participação na cultura, as relações de amizade etc., incluem a sexualidade. Em relação a nós, próprios, a sexualidade se manifesta na forma como nos cuidamos, como abrimos nossos espaços tanto geográficos quanto psicológicos e sociais, como criamos nosso cotidiano, como investimos nossa energia em direção ao auto-conhecimento.

Em relação ao trabalho, a sexualidade se manifesta no desejo de realizá-lo, de superar etapas, de participar com os outros nossas criações, nossas dúvidas, nossas buscas.

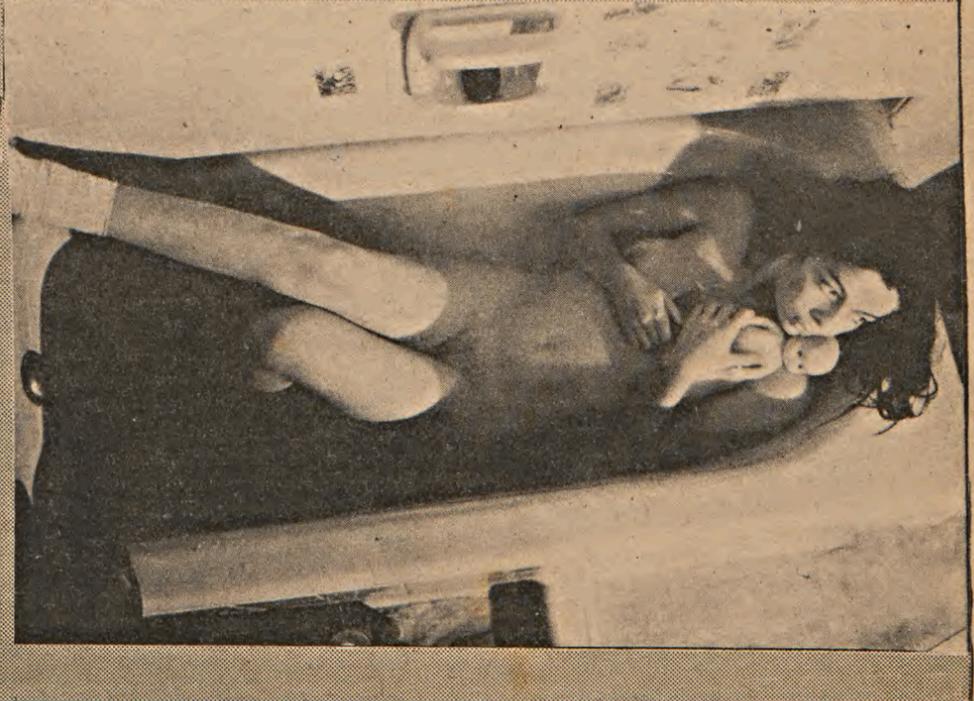
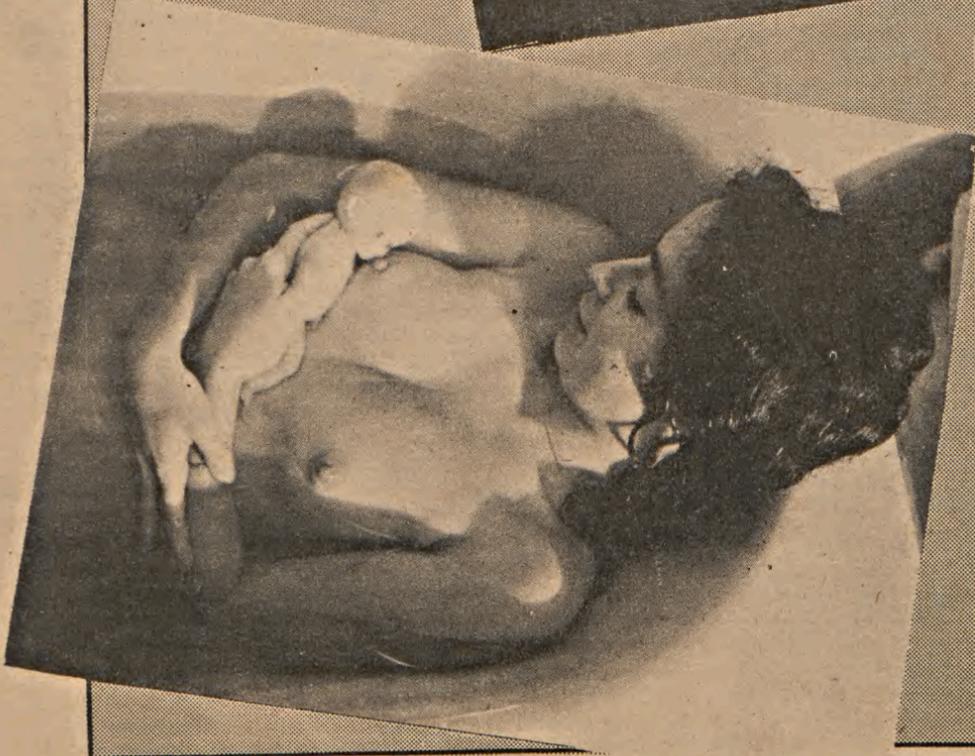
Se a repressão diz respeito ao controle, de qualquer espécie que seja, ao estreitamento de nossos horizontes afetivos e intelectuais, o exercício da sexualidade implica, não em descontrolar, mas em entregar, no mais amplo sentido possível: entrega de nossas defesas, tantas vezes necessárias para coexistirmos com uma ordem repressiva, criação de espaços para entrega de nossos sentimentos e emoções, desenvoltura e mobilidade no agir, percepção cuja capacidade mais e mais se aprofunda...

Se repressão implica em controle, sexualidade implica em movimento, em gestos não convencionais. Controle e repetição andam juntos. Sexualidade, movimento e criatividade também.

Por essas razões e dentro dessa ordem de raciocínio, fica claro porque não concordo com uma abordagem da sexualidade que privilegia o corpo, pois dessa forma caímos no perigo de hierarquizar ordens diferentes de fenômenos, deformando a totalidade. Enquanto totalidade, a sexualidade diz respeito a todos os fenômenos da vida humana e sua expressão não tem forma única, pois é o exercício constante da criatividade e, como tal, implica sempre em novas descobertas, cujo motor é a amplitude dos horizontes do desejo.

A magia

do parto



Alexandros Evremidis é o autor dessas incríveis fotos. Grego-brasileiro, Alexis é escritor, jornalista, bailarino e artista plástico. Tem dois livros publicados em português: um, MELISSA, retrata sua vida em comum com Elke Maravilha; o outro, ADEUS, GRECIA, é um interessante romance. Os livros podem ser adquiridos com o Alexis mesmos, que os vende diretamente pelo telefone 287-9536. Vale a pena.

As fotos sobre a Magia do Parto fazem parte de um livro de fotografia a ser editado, denominado MOMENTOS DE MULHER, que retrata numa série de ensaios, a mulher, dos seus momentos mais íntimos aos mais cotidianos.

A intérprete das fotos é uma pessoa extremamente bonita e viva, Francinette, bailarina e atriz, que está para estreiar um trabalho de dança aqui no Rio, AVIS RARAS, no Teatro da Galeria, inicialmente.

A dupla é fantástica e tem milhares de outras fotos incríveis. Por enquanto, viajem nessa magia.

Ralph — Você é diretor de cinema, ator, faz televisão, escreve, é diretor da Martins Pena... Como é que você consegue viver esses diversos papéis na sua vida?

Wilker — Aparentemente é complicado, mas é uma coisa bem simples, porque, ainda que pareça um chavão, eu sou um homem de teatro e quando falo teatro eu me refiro a televisão, cinema e teatro. Além disso, acho que para você fazer bem alguma coisa nessa área é importante que se interesse por tudo o que ocorre na manifestação no seu todo. Me interessa do teatro desde a bilheteria, desde a porta do teatro até a cochia, e do fundo da cena. Como me interessa da televisão desde o contato publicitário até a obra, o seriado ou a coisa no final. Me interessa tudo. Basicamente eu sou um ator, mas acredito que serei um ator melhor, um ator mais à vontade dentro do próprio trabalho se estiver atento a todos estes aspectos do trabalho. E mesmo quando dirijo a escola, sou um ator dirigindo a escola, mesmo quando escrevo, eu sou um ator escrevendo. Basicamente sou um ator, ainda que seja sociólogo e economista.

Viola — Como é que você vê a separação entre o atuar em cena na televisão e o atuar em cena no teatro?

Wilker — É, há uma diferença da qual eu me dei conta... Quer dizer, demorei no tempo, porque inicialmente eu reagi à televisão da forma mais comum, qual seja, a forma de considerar a televisão um meio de comunicação menor. Hoje considero a televisão um meio de comunicação diferente, com o seu ótimo e o seu péssimo, assim como o teatro tem o seu ótimo e o seu péssimo, o cinema tem o seu dez e o seu zero. Então, por exemplo, se eu quiser realizar em televisão aquilo que realizo em teatro, e que é bom em teatro, eu posso fazer má televisão, certamente. O que vai ocorrer se eu quiser fazer no teatro o que faço na televisão. Esse aspecto da questão pode ser verificado perfeitamente quando grupos de pessoas se aproveitam do sucesso que fazem na televisão e montam no teatro uma peça que reproduz os personagens que elas fizeram na televisão, pra ganhar um pouco mais de dinheiro. E aí elas estão fazendo uma má televisão, e um mau teatro. Cada um desses veículos tem uma língua própria, tem a sua forma especial de comunicação, dentro do limite que vai da portaria até a coisa genial.

Viola — Dá para ter uma visão distanciada de quanto a televisão cerceia tu potencial criativo?

Wilker — Eu acho difícil que dentro da televisão uma pessoa possa se desenvolver até a plenitude, se ela começa e continua só na televisão, porque a ela falará uma coisa que talvez só o teatro dê, que é o sentido de comunhão, o sentido de ritual, que é a única coisa, por exemplo, que te liberta da esquizofrenia. Deixe eu explicar melhor: se você se divide em dois na vida, se você se parte ao meio, certamente você vai ser internado, porque isso é esquizofrênico. E quando você representa, você é pago em todos os níveis para se rachar em dois, para fazer personagens. Mas em teatro você compreende o que é isso. Você em teatro, pode perceber, pode se aprofundar no que é essa divisão, sem que isso se transforme numa doença ou cacete. O que eu tô

WILKER

Das ligas camponesas às telas de Nova York

fazendo agora é uma representação teatral, eu me exponho na tua frente, enquanto que na televisão é muito rápida, você hoje aparece na TV Globo e daqui a três, quatro, cinco dias de aparição diária, você foi consumido por quinze milhões de pessoas que vão te reconhecer, que começam a te escrever cartas, que, dependendo do personagem que você faça, vão te adorar ou vão te odiar, ou seja, terão uma relação de afeto, uma relação emocional, uma relação de envolvimento com você, entende? É muito rápido.

Então você aparece na televisão num esquema de trabalho industrial, no qual você não pode se aprofundar. E você faz o que é mais fácil, aquilo que agrada. Você recebe essa quantidade enorme de respostas e na novela seguinte você repete aquilo que foi sucesso na primeira; em três trabalhos você começa a plagiar-se, né. E em cinco, você se acaba, porque ninguém é tão interessante que possa repetir-se indefinidamente. Caso você não tenha o background que o teatro te dá, a televisão te acaba.

Paulo Gracindo, que pra mim é um dos maiores atores do Brasil, é uma pessoa com um tipo de formação especialíssima, porque ele de repente é o que é hoje não por ter feito muito teatro, mas porque fez muito rádio e fez muito rádio com auditorio, ele era animador de programa de auditorio. Então o domínio que esse cara tem do inconsciente de platéia é inimitável. Ele usa isso hoje na tevê e consegue resultados que poucos atores conseguem em teatro com muitos meses de ensaio. É de tirar o chapéu.

Ralph — Eu queria abordar o lado do teu cotidiano, o cotidiano de um artista de televisão que é reconhecido, visto na rua, solicitado a cada momento. Porque existe um consumo...

Wilker — ... é existe, existe e é uma coisa às vezes dolorosa. Mas acho também que às vezes isso é estimulado por nós. A gente precisa se dar conta de que muitas vezes a gente adoece da própria vaidade, adoece do próprio narcisismo. Nosso narcisismo e nossa vaidade de ator são coisas muito importantes na nossa profissão porém frequentemente ocorre que a gente se deixa adoecer delas. E isso é ruim. Existe um momento em que de fato nós perdemos a própria privacidade diante da máquina. Mas acho que há um segundo momento neces-

sário, vital, que precisa ser trabalhado legal, que é o momento em que você precisa saber de que maneira pode readquirir, num outro nível, a privacidade perdida. Quando falo tudo isso eu tô falando em tese, porque eu não sei se sou assim, não sei se tô doente ainda da minha vaidade e vivendo na primeira infância, deslumbrado com o fato de ser reconhecido. Mas acredito que tenha alcançado o nível de maturidade de poder sair na rua impunemente e de ter uma vida privada, porque até agressivamente separo bem as coisas. Eu digo pras pessoas frequentemente que prefiro dar entrevistas aqui na escola ou na televisão, e não na minha casa, porque eu considero que a minha casa é o meu templo, onde entram as pessoas da minha religião. Isso não quer dizer que elas sejam ruins ou boas, mas é que a minha religião, na minha casa, não inclui entrevistas no seu ritual. Incluí muitas outras coisas: brincar com a minha filha, fazer amor com a minha mulher, ler meus livros, ouvir meus discos, conversar com meus amigos, mas não tem entrevistas, por exemplo.

Viola — Já teve alguma época na tua vida em que pintou algum conflito maior com essas coisas?

Wilker — Não, essa coisa já me deslumbrou, mas nunca me incomodou. Houve um tempo em que me deslumbrou demasiadamente; houve um tempo em que essa relação me deixava com o ego tão pleno, tão inchado, tão satisfeito, que eu sobretava no meu trabalho, me exibia no pior sentido da palavra. Ao invés da atuação eu preferia a performance, ao invés de fazer eu preferia mostrar a minha capacidade de fazer. Isso foi ruim.

Viola — Você acha que a televisão só trabalha o ego do ator, enquanto que o teatro pega o outro lado da questão, de maneira mais ampla?

Wilker — É difícil te dizer porque eu não sei como é que funciona pra todo mundo. Pra mim no começo funcionou assim: eu satisfiz uma necessidade que eu tinha de aceitação naquilo que eu fazia. E só. Mas eu não creio que isso ocorra com todo mundo, até mesmo porque a televisão ocorreu na minha vida numa época em que eu tava precisando de fato disso. Eu sou uma pessoa cuja formação começou trabalhando com o Arares, depois, perdi uma revolução em 64, vim para o Rio e perco uma revolução em 68 e que em 70 vou pra televisão precisando de alguma forma vencer,

ser vitorioso, ser compreendido, ser aceito, ter algum lugar no qual se apoiar. Eu, que não acreditava na luta armada, seja por ideologia, seja por falta de coragem, precisava de outro lugar. E a televisão foi esse lugar pra mim. Então é um exemplo particularíssimo, uma circunstância também especial. Já o teatro me destrambelhava mais, o teatro me deixava mais desmontado...

Ralph — A aparição constante nos vídeos acaba influenciando até mesmo as relações pessoais, não dá pra saber se as pessoas estão se relacionando com a pessoa ou com o



Juliano

José Wilker é um dos poucos atores brasileiros que teve a oportunidade de desenvolver seu background cênico nas ribaltas, telas de cinema e estúdios de televisão. Um rosto público. Se autodefine como "uma pessoa de teatro", dando ao teatro uma dimensão cênica que extrapola o palco, inserindo-se em seu cotidiano. Certamente essa dimensão que ele atribui à vida artística às vezes interfere em seu dia-a-dia, por isso a necessidade de um espaço privado "na minha casa só entra gente da minha religião, da minha tribo". Será que a relação dialética Ator/Público só é levada para o plano da mitificação se o artista a isso se propõe? A televisão permite esse domínio do ator frente à deusificação do público para com sua pessoa? Investir em Narciso ou na liberdade de tomar um café na esquina sem ser importunado? Todas essas dúvidas são levantadas pela pessoa José Wilker sobre o ator José Wilker: por quê tal dicotomia?

Nesta entrevista exclusiva ao LUTA & PRAZER, José Wilker fala da responsabilidade de dirigir a única escola de teatro do Brasil, talvez na América Latina, da sua intimidade, da sua visão de mundo.

Participaram da entrevista: VIOLA, DAU, RALPH e JULIANO.

mito. Isso atrapalha sua vida afetiva?

Wilker — É, pode ser meio cabotino o que vou falar, mas eu assumo, tudo bem: hoje ninguém se relaciona comigo pensando em personagens, porque a minha personalidade se demonstrou o bastante forte pra sobreviver a uma porrada de coisas da televisão. E hoje as pessoas se relacionam com o José Wilker, que é a pessoa capaz de fazer essas personagens. Por outro lado, comecei por isso a me despreocupar o fato de que eventualmente alguém me procure como a perso-

nagem, porque, mesmo quando isso acontece, ela vai me encontrar, pois eu sou também essas personagens, essas personagens são eu, são parte de mim, eu gosto muito delas, sabe.

Dau — Como é que é a relação das pessoas contigo, com sua esposa, com sua filha?

Wilker — Uma vez tivemos uma experiência meio complicada: fomos ao Zoológico num dia de semana, porque não tinha gente, pra Mariana ver bicho. Por acaso pintou um ômbus de turista e a gente foi quase agredido pelas pessoas, mas isso aconteceu por não termos tido a habilidade pra explicar bem pras

pessoas. Você pode conversar com elas e explicar, só que a gente ficou com medo e agrediu as pessoas. Aí fomos agredidos. E ficou difícil. Mas eu acho que dá pra você transar, eu quero acreditar que dê.

Dau — E a sua esposa? Ela deve ser sempre tratada como a mulher do José Wilker, né?

Wilker — Não, aí é que está, eu sou casado com a Renée de Vjelemond. E isso facilita bastante. A Renée, pra uma quantidade bem significativa de pessoas, tem a importância inversa que você falou: eu

sou o marido da Renée. E me sinto muito bem assim. Acho uma coisa legal, entende? Quer dizer, evidentemente que a gente compete, por que não? Acho uma coisa sadia pra burro que um casal estabeleça uma relação de competição. Não acredito nesse tipo de mentalidade classe média que fala: "eu abro mão". Não, eu abro mão coisa nenhuma, eu tô competindo numa boa. Pode ser que eu perca, mas eu brigo pra ganhar. Não acredito em nenhuma das frases pilares do comportamento de classe média. No plano profissional, no plano afetivo, sabe, eu quero que a Mariana goste mais de mim e tudo mais. A Mariana gosta mais da Renée e eu fico chateado, a Renée quer que ela goste mais dela. Isso é sadio se você transa numa boa. Se você não fica fazendo disso um joguê "porra, eu tô..." não, eu tô competindo sim, tranquilamente, e é bom. O que leva o ser humano pra frente é isso, eu acho. É a gente querer. Eu não quero desistir de querer.

Dau — Mas de que classe média você tá falando?

Wilker — De uma classe média que diz o seguinte: "não há nada de novo sob o sol". E ninguém discute isso. Quando na verdade só há coisas novas sob o sol. Desde que há sol, a começar por ele. Essa mentalidade que diz isso admite, por exemplo, que existam novidades no setor da tecnologia, mas do ponto de vista moral, no que diz respeito ao relacionamento em sociedade, não. Existem valores que Deus nos deu e esses são indiscutíveis. Porra, no momento, por exemplo, em que um monstro tecnológico como a televisão surge é evidente que os valores morais vão modificar. São novos sob o sol. A juventude de hoje é nova sob o sol a cada dia. E é exatamente porque o sistema no poder introjeta nas pessoas que não há nenhuma novidade sob o sol que ele pode controlar melhor essa juventude nova. Porque ela mesma se deixa enganar, ela mesma envelhece aos quinze anos, pensando assim.

Ralph — Você, no seu casamento, não tá de certa forma reproduzindo o sistema? Ou você ousa acreditar que nessa relação possam surgir coisas boas entre as pessoas?

Wilker — Acho que sim, rapaz... Olha, eu sugiro pra mim diariamente diante do meu espelho que não tenha medo do cotidiano, que não tenha medo do dia-a-dia. Eu tenho uma mulher, uma filha, uma casa, um carro, um emprego,

eu tenho horários e tudo mais. Agora, veja bem: é preciso ser subversivo nisso, e o ser subversivo nisso é uma coisa extremamente sutil. Isso não pode ser considerado como uma prisão, como uma coisa que me massacre, isso é uma coisa que me liberta. O passarinho numa gaiola é uma coisa triste, mas alguns passarinhos numa gaiola fazem da gaiola a sua existência, fazem da gaiola a sua vida. E não sabem viver fora dela. Eu quero dizer duas coisas com isso: é triste que um passarinho não possa viver fora da gaiola, mas é fantástico que ele tenha aprendido a viver dentro da gaiola e dentro dela tenha feito o seu mundo. Eu respeito o cotidiano, eu sigo o caminho do cotidiano, mas tem um momento meu, no qual eu rio, que é o meu momento de vitória. Eu acredito nisso. É bom ter filho, ter mulher, ter casa, mas é lindíssimo ter uma filha como eu tenho. É muito bonito o tipo de emoção que ela desperta em mim, é de uma criatividade incrível, não dá pra descrever, porque se eu ver, balizo, empobreço. Eu só te diria, por exemplo, que seria incapaz de me imaginar, antes da Mariana, tendo a tranquilidade que tenho pra dirigir essa escola. Isso é uma repartição pública, ou seja, isso deveria ser o túmulo da criatividade.

Viola — Como é que você veio parar aqui na Martins Pena?

Wilker — Eu tinha um projeto de trabalho que era um pouco a extensão do que a gente começou a fazer no Movimento de Cultura Popular, em Recife, em 64. E eu sempre quis testar a viabilidade desse projeto. Então fui contratado pelo Klaus Viana pra isso, e acabei aqui na Martins Pena. Esse trabalho consistia em, junto com as comunidades teatrais, reavaliar a importância, o significado e a viabilidade do teatro no nosso tempo. E ambicioso pra burro, é uma coisa bem vaga, mas concretamente a intenção era perguntar a nós, que fazemos teatro, e a cada grupo do Estado do Rio, por que fazer teatro, como fazer, pra quê, pra quem fazer, essas perguntas simples. A segunda coisa está no nível de responder ao que é determinado pela lei que regulamentou a profissão. A lei exige, para ser ator, formação profissional a nível de segundo grau. E como não existia no Rio nenhuma escola que atendesse a esse dispositivo da lei, então a gente começou a trabalhar aqui no sentido de criar um curso, a nível de segun-

do grau, que atendesse a formação de atores.

Mas isso implicava em um monte de coisas. A primeira delas era estudar que tipo de curriculum seria adequado para a formação de um ator nesse tempo, porque o curriculum estabelecido pela lei era pra formação de atores na década de trinta, quando a demanda de mercado era outra, quando o teatro era outro, quando se ensinava nas escolas de teatro o francês, como exigência. Então a gente precisou começar a discutir se seria necessário um curso de formação a nível de segundo grau. E essa discussão é importante na medida em que a gente vive a realidade de um mercado com seis mil profissionais e quinhentos empregados. O resto não tem emprego. E desses quinhentos, uma boa quantidade é subempregada. Bom, depois perguntou-se que curso seria importante. E vimos que o importante seria um curso que estivesse adequado ao tempo dele, quer dizer, ao século XXI, que já começou. E adequar significa que a gente precisa dar ao ator que se forma hoje informações que cabe a ele estender, desenvolver e ampliar, que vão desde representar da forma mais elementar até antropologia, história do Brasil, sociologia, economia, filosofia. A idéia seria despertar nas pessoas o interesse por situar-se de forma clara no mundo. Depois de situado, que teatro vou fazer? Como vou fazer? Qual é a melhor forma de chegar até as pessoas?

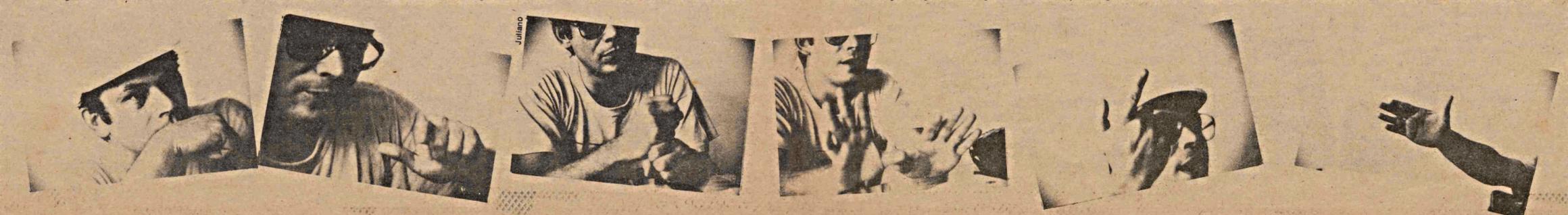
Atualmente, temos 90 alunos. Isso porque resolvemos reduzir ao máximo o número de alunos, sem evidentemente fazer nenhuma injustiça, ser seletivo, ser elitista. Mas porque a gente não pode esquecer que tem esse mercado inflacionado.

Dau — Tendo o curso da Martins Pena a lei permite que a pessoa faça qualquer coisa: novela, teatro...

Wilker — Permite, contante que seja para atuar em cena. E pra fazer o curso aqui o que se exige é que se tenha o segundo grau completo ou que se esteja cursando o segundo grau. Agora, não sendo para trabalho de cena, tem-se que estudar na Uni-Rio, porque é a única escola de teatro de nível universitário. É intenção da gente ligar a Martins Pena à UERJ, torná-la uma escola de nível universitário. Mas não sabemos até que ponto o Estado tem condições e interesse em apostar nisso. Agora, da parte do Estado nota-se um real interesse em apostar na escola. Pra você ter uma noção, a verba do ano passado da Martins Pena foi de sessenta mil cruzeiros enquanto que a desse ano foi de quinze milhões. Não quero entrar em nenhum mérito se é por causa da eleição ou se não é, mas tá sendo interesse do governo traçar uma política cultural no que se refere a teatro e esse interesse se nota quando ele aposta na gente.

Dau — Você, na função de diretor da escola, não se sente oprimido e obrigado a evitar certos tipos de pronunciamentos?

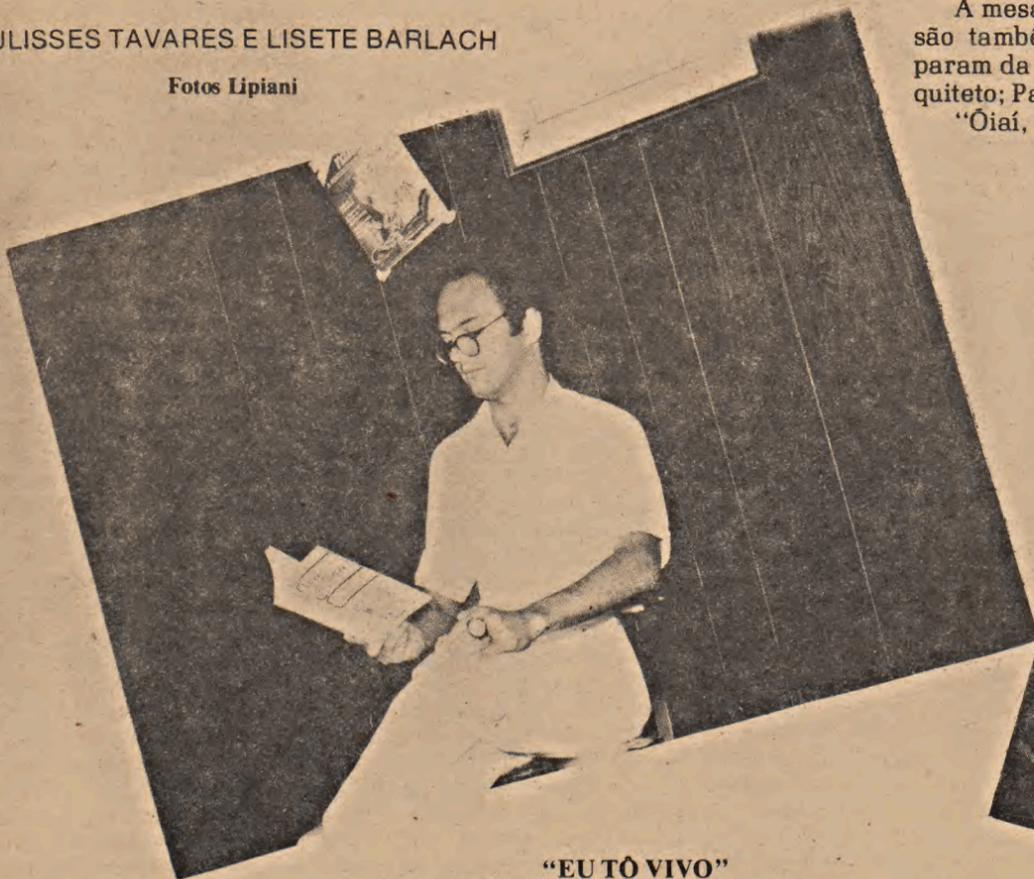
Wilker — De jeito nenhum. Até agora te confesso muito satisfeito. Que em nenhum momento me senti no dever de deixar de dizer qualquer coisa que pensasse, por causa desse cargo. Ele não é nenhum peso pra mim. Aliás, ele tem sido frequentemente a oportunidade de poder dizer e ser ouvido.



Psicoterapia

ULISSES TAVARES E LISETE BARLACH

Fotos Lipiani



“EU TÔ VIVO”

MAU — Tô fazendo há 4 anos e... tô aqui. Acho que funciona, né?

IVO — Se funciona ou não é uma coisa que depende muito da experiência: eu fiz dois anos e meio de análise, larguei, 3 anos depois comecei de novo e tá sendo muito diferente, a dinâmica é outra.

ULISSES — Eu sinto que uma terapia funciona na medida, não que ela resolve um problema, mas na medida em que ela te joga pra vida. Nesse sentido vocês acham que é uma experiência que vale a pena ou é uma coisa que cês poderiam ter contornado de outro jeito?

Paulo — Olha, eu acho que *funciona* mas que eu poderia viver sem terapia também. As coisas que eu tenho descoberto em terapia, eu poderia, num processo mais longo, descobrir na vida mesmo. Mas a terapia hoje em dia é uma instituição como o Estado, sei lá, como a medicina, e é uma instituição que te leva a pensar que nessa sociedade a relação entre as pessoas é uma relação doente, porque leva as pessoas com determinados conflitos — mas todo mundo tem — a recorrer a um sujeito que tem um papel determinado, que recebe por isso, entende? E que exerce essa profissão porque ele tem um diploma. E se ele não tivesse diploma correria o risco de ser uma charlatão, um Arigó.

ULISSES — O que eu queria saber é cumé que o cara, um carinha assim normal, vai ter uma possibilidade de uma experiência mais rica de encontro humano. Será que existe outra alternativa ou fica só na terapia? Como é que pinta para cada um, por exemplo, o Ari não faz, né?

ART — É, eu não faço, então, por isso não posso falar de como é terapia. Eu não faço porque eu resolvo esse desequilíbrio, esse confronto com as coisas da minha vida, de outras formas. Eu vou suprir esses conflitos via arte, através da criação ou através de leitura de poesia. Eu sempre acreditei também em terapia social, coletiva, através de festas, de intercâmbio entre as pessoas, terapia espontânea, natural. Eu queria também fazer uma pergunta que é uma curiosidade minha: a terapia proporcionou situações que tenham deixado vocês mais felizes, ou alegres, ou com mais jogo de corpo para a vida?

MAU — Ela aumenta a angústia, só (espanto de Ari), mas isso é uma coisa sadia.

ARI — Não entendo, isso é masoquismo... Eu, quando quando faço poesia, tou fazendo terapia, quando tou no bar bebendo cerveja, quando tou trepando, tou fazendo terapia; quando eu tou trabalhando... não tou fazendo terapia. E quando eu tô fazendo poema, é uma puta terapia e é um momento de muito prazer. E a terapia dá esse prazer?

MAU — Às vezes dá, às vezes não dá. É um vulcão que vai saindo. E às vezes é maravilhoso, sai luz, sai sol, sai tudo, né? Eu acho que é importante eu citar uma experiência. Antes de fazer terapia, eu tive uns problemas bastante sérios. Quando eu falei, ironicamente, que ela funciona é porque eu tô aqui, é porque... eu tentei suicídio já, duas vezes. Então ela funciona porque ela fez eu reencontrar lá o meu ego, mexer com ele e torná-lo menos exigente, menos agressivo e equilibrar as coisas. Mas ainda tô sentindo dificuldades dentro dela. Mas eu tô vivo. Eu fiz terapias com outros caras e pintaram coisas como relaxamentos e outras técnicas. Mas quando a coisa chegava num grau muito sério, o analista encaminhava a um outro, como doente mental. Então, eu acho que tem analistas e analistas. Tem aqueles que eu considero sérios e tem aqueles que (não tá, brincando mas não têm força, não têm garra. Eu passei por vários analistas) até que encontrei um que me colocou como um ser humano comum. A questão é de encontro. Às vezes eu tenho um puta ódio dele e às vezes eu tenho uma profunda gratidão. Eu acho que é uma terapia bem feita. Eu fiz 6 meses com um cara, ele quase não conversava, ele fazia relaxamento (sorri). Eu queria falar, eu queria expor... quando chegava no expor, ele ficava um pouco assustado, até o ponto de ele me mandar prum outro cara pra fazer narcoanálise (com narcóticos). Eles usam uma droga, Pentotal, que foi usada na guerra para lavagem cerebral. Tem um monte de leitões, as pessoas deitam, tomam a droga, viram de cabeça pra baixo e falam, eles gravando tudo. Em sete sessões eles ficam sabendo *todos* os grilos, os problemas, os vampiros, e dão a ficha, como um computador, pro analista. O que eu quero dizer com isso é que existem analistas, não vou dizer bandidos, mas que

Atenção, isto é uma gravação... de um papo. De uma longa conversa em torno de um tema: Terapia Funciona? A partir daí, os oito jovens abaixo assinalados foram fundo com tudo a que um papo tem direito e um pouco mais. Não faltou espaço para a colocação de questionamentos, opiniões, teorias, brincadeiras, besteiras, colocações emocionadas, delírios e sugestões. Dos oito, só um nunca fez terapia, o Aristides, que ainda acha que a arte é a melhor terapia.

A mesa-redonda foi coordenada por Ulisses Tavares e Lisete Barlach, que são também os autores do controvertido “Possíveis Instruções...”. Participaram da mesa: Aristides, poeta; Maurício, trabalha em propaganda; Ivo, arquiteto; Paulo, desenhista industrial; Cláudia, socióloga e Milton, fotógrafo. “Óiaí, Ulisses, traz mais uma estupidamente gelada aqui pro divã!”

não conseguem ajudar e passam pra essas coisas mágicas, como narcoanálise, como relaxamento.

JOGANDO PRO MUNDO

CLÁUDIA — A partir do que vocês dois falaram, que “terapia é quando eu crio”, e o Maurício falou que morte é quando você não pode mais criar, eu comecei a pensar no momento em que eu fui fazer terapia. Era um momento em que a minha possibilidade de criar qualquer coisa era impossível. Meu único medo de terapia é que eu começo a me entender melhor com quem faz terapia; é como se entre as pessoas que fazem terapia, se criasse um subentendido, um universo próprio e isso me deixa ressabiada.

LISETE — Gostaria de retomar algo que se passou rápido, que era uma colocação de cada um situando sua experiência em psicoterapia.

PAULO — Bom, eu fiz um ano e pouco terapia de grupo. Em 68 eu tinha 17 anos e sou daquele pessoal, os adolescentes de 68., secundaristas, essa coisa toda. Naquele momento, pegando o que o Ari falou, política pra mim, tinha também um lado de terapia; foi um momento em que a política me jogou pro exterior. Até aquele momento eu era um moleque que jogava bolinha de gude. De repente, eu moro no Brasil, o Brasil tem S. Paulo, tem Brasília, tá no mundo etc. A terapia de Grupo foi legal me trouxe de certa forma um equilíbrio: eu valorizei o que tinha que valorizar naquela transação toda de política e essas coisas não me limitaram mais, eu me ampliei. O meu político hoje é muito maior do que o político que eu tinha antes. Hoje em dia, eu não nego a transação das transformações econômicas etc., mas acho que só isso não basta.

...ISSO É UMA PROPOSTA?

ULISSES — Como é que era essa terapia? Vocês mais se tocavam ou mais se falavam?

PAULO — A disposição era aquela disposição circular e as pessoas começavam a falar sobre seus problemas e aí se manifestava mesmo a transação da mini sociedade porque eu tinha que brigar pelo meu espaço. Eram 10, 12 pessoas e o tempo era de 2 horas, quer

dizer, todo mundo querendo transar seu tempo. Eu deixei a terapia porque estava muito caro.

ARI — Você disse que interrompeu a terapia porque tava cara. Porque você não promove lances de terapia com seus amigos, terapia de grupo? Junta algumas pessoas e faz terapia, na tua casa, ou na de alguém. No nosso círculo de amigos tem muita gente que saca o lance do controle do papo, da intervenção pra segurar as barras, fica mais barato e mais divertido, mais vivo, mais aproximação. Então você rompe com esse papo de instituição, de oficialidade. Aí vira uma coisa mais natural, porque vira a vida cotidiana, transar a terapia entre amigos ou entre pessoas que não se conheçam.

ULISSES — Aí a gente vai ter que esperar a utopia, bicho. O dia em que eu puder realmente tocar ou ser tocado sem precisar de um pré-requisito a utopia tá realizada...

(CONFUSÃO TOTAL)

ARI — Por exemplo, porque não transar uma terapia aqui? Eu não os conheço...

MAU — Discordo. É como eu falei antes, assim vira mágica. Isso é um troço muito sério...

ARI — É uma totemização, o terapeuta é uma totem que você lá...

MAU — Se a gente começa um processo de terapia aqui... quem tem condições de segurar quem aqui?

ARI — Mas não é nessa de segurar; se eu tiver com necessidade de fazer terapia de grupo eu convido umas pessoas e...

MAU — Ah, bate-papo, então.
ARI — É, mas um bate-papo que vai fundo. Eu queria que terapia fosse como o dentista, que eu vou lá quando eu preciso mesmo. Vou, dou um trato e vou embora.

FORA DE SINTONIA

CLÁUDIA — Quando você tá com uma gripe e vai no médico alopata, ele te dá uma novalgina e você sai de lá crente que tá curado. Tá curado nada, o próximo micróbio que pintar na tua frente, você pega. Agora, vê a homeopatia. Eu acho que homeopatia tem

SERÁ QUE FUNCIONA?



muito a ver com o que é terapia. Ela não vai tratar a tua gripe, a gripe é um mero reflexo. O homeopata vai te cuidar inteiro.

ARI — Deixa eu contar um casinho; eu conheço um cara, um cara de processamento de dados. Ele largou a mulher e se perdeu no mundo. A cabeça dele saiu de sintonia, ele perdeu os valores e tava pensando em suicídio, aí mandaram ele fazer terapia. Pegou uma psicóloga, ele começou a se ver no mundo, achar, começou a sair do poço. Aí ele entrou numa de venerar, idolatrar a psicóloga. Agora ele vai fazer psicologia e coleciona o Flávio Gikovate, aquele babaca que escreve na Folha. Então, ele entrou numa alienação violenta... ele não existia e passou para outra não-existência.

(espaço para a chegada do Milton)

ULISSES — Quem sois?

MILTON — Meu nome é Milton Ferraz e eu faço Comunicação.

LISETE — Você já fez ou faz terapia?

MILTON — Várias.

LISETE — Então, conta aí.

MILTON — No começo fiz psicodrama com o Sapienzo, 2 anos, aí fui expulso do grupo porque casei com uma das moças do grupo, que é psicóloga e me relatei com outras duas. Deu um forrobodó... O Sapienzo é um dos caras que eu mais respeito em termos de terapia. Daí, fiz um tempo de chá das cinco com o Zida; era pra ser psicodrama...

ARI — É isso mesmo, é chá das cinco.

MILTON — Daí piquei a mula, fiz um mês com o Barros, rogeriano, uma cuca maravilhosa, mas eu não tinha dinheiro pra sustentar. Fiz terapia de casal...

ULISSES — Com a sua mulher...

TERAPIAS E CONFUSÕES

(risos gerais, explicação de que a mulher, embora psicóloga, na terapia de casal era também paciente, etc, etc.)

MILTON — Quando eu me separei dela é que eu fiz terapia de casal.

ARI — (irônico) Pra se separar numa boa, né?

MILTON — Aí o terapeuta fez o que queria: eu convenci ele de que na realidade ele não tava assumindo a separação e ele entrou assim, zapt-zapt.

ULISSES — Aí você passou a não querer mais separar, né?

MILTON — Não, não, a gente se separou.

MAU — Então terapia funciona, mais um ponto.

MILTON — Pra quem sabe manipular o terapeuta, funciona, sem dúvida.

ULISSES — Cê fez quanto tempo de terapia?

MILTON — Doze anos.

LISETE — Pode contar como foi que você começou a fazer terapia?

MILTON — Foi uma descoberta como pessoa, numa viagem que eu fiz. Depois eu fiz um mês de psicanálise laciana, até descobrir que o terapeuta tinha tantos problemas pra discutir dinheiro comigo... e um dos meus principais problemas era discutir dinheiro. Aí eu falei: não vai dar certo... e piquei a mula sem pagar o terapeuta. Bom, daí... daí eu conheci um monte de psiquiatras e terapeutas porque comecei a me relacionar afetivamente com uma psiquiatra. Nisso, eu descobri a maior terapeuta brasileira viva. Chama Raquel Rosenberg; é uma rogeriana, uma mulher brilhante, se eu posso ser fã de auditório de alguém, é dessa mulher. Eu comecei a ler Rogers depois disso... eu sou obrigado a aceitar que o Skinner tem toda razão, porque ele funciona na prática, tá? O que me entusiasma são humanistas, não os comportamentais...

(confusão no microfone)

PROÁLCOOL TERAPÊUTICO

ARI — Agora, falando mais do lado poético, a terapia não funcionaria, não seria uma espécie de vodka na vida da gente?

CLÁUDIA — Agora explica a vodka, porque...

ARI — Ao mesmo tempo que o Paulo, ele necessita de caminhar até o terapeuta dele uma vez por semana, ou duas, eu poderia,

digamos assim, necessitar tomar um litro de vodka por dia, pra segurar as minhas barras; ele, para segurar as barras dele iria ao terapeuta, nesse sentido que eu falo...

CLÁUDIA — Não é segurar, eu acho que não é segurar.

ARI — Ou impulsionar, ou modelar...

MAU — O duro é que ele não segura absolutamente nada, e o álcool segura.

LISETE — Dando uma juntada nas duas perguntas: ele tá falando que o álcool serviria como uma descarga, um apoio e por outro lado vocês estão colocando que a terapia não segura nada...

MILTON — Terapia de apoio? Vai fazer a mesma coisa que álcool, ela exerce a função do álcool...

(comentários desencontrados)

TÉCNICA ESPECIAL OS PROBLEMAS DE CADA UM

MAU — Só uma coisa, quando vocês dizem terapia como instituição o que vocês estão querendo dizer com isso?

ULISSES — Eu quando uso essa palavra, eu vejo como a existência de um monopólio, existe quase que um consenso, em qualquer pessoa que tenha acesso a pagar, de que o terapeuta tem uma missão na Terra... Eu acho que eles próprios manipulam isso. De certo modo, uma Sociedade de Psicanálise, quando faz uma série de pré-requisitos para exigir que alguém faça psicanálise do outro, eles estão se outorgando uma missão. Quando vira um modismo, você encontra alguém que te diz: olha, eu vou deixar bem claro, eu sou reichiano, isso também é se outorgar uma missão.

MILTON — Não sei, o médico também acha que tem uma missão, o advogado, o

professor... A única diferença é que a gente mitifica o terapeuta. Somos nós que botamos ele lá.

ULISSES — Não sei se é bem assim... isso é como uma pessoa que no auge do desespero político diz que cada povo tem o governo que merece. A prática da maioria das análises é a de quem se outorga uma missão. Você pode falar: agora terminou seu tempo, agora pare a sua pesquisa de você. Porra, bicho, isso é uma das formas mais autoritárias de lidar com o ser humano e nessa medida a análise é uma relação dominador-dominado, na maioria das vezes, tá entendendo?

MAU — Quer coisa sem horário é querer utopia. O terapeuta é um técnico naquilo, ele vive disso.

LISETE — Eu acho que aí está a grande contradição da terapia. Ele é um técnico, mas você não espera isso dele. Eu quero que me escutem como uma pessoa especial.

MILTON — Você quer ser escutado pelo melhor técnico que aparecer, só isso.

MAU — A gente quer colo com todo mundo, no relacionamento com o mundo, só que o terapeuta também faz parte do mundo. Então tem que pagar, tem os 50 minutos, é isso que ele coloca como o real, não tem segredo nisso. Eu não fico me machucando muito com isso porque eu também cobro pelo meu serviço.

Pra mim o bom terapeuta é aquele que trabalha por amor, antes de fazer isto por dinheiro. Amor, só no sentido de que eu sou uma pessoa que me disponho a empatizar com alguém, ou seja, me disponho a que o outro entre dentro de mim e que isso me bata de uma maneira que eu possa devolver algo de substantivo para ela.

POSSÍVEIS INSTRUÇÕES PARA UMA POSSÍVEL ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DE CLIENTES DE TERAPIAS DISTRIBUIR AOS ASSOCIADOS:

1. Como todo mundo que você conhece, 9 entre 10 profissionais de psicologia & congêneres são arrivistas, omissos, alienados, cagadores de regra e afins que você fique pagando a terapia e o status deles o resto da vida. Cuidado com eles.

2. Se o que você espera de sua terapia são mudanças a curto prazo, procure as de abordagem corporal. Se você sente que não é tão

urgente, ou quer se poupar, invista em psicanálise & quejandos.

3. Não se impressione com belas teorias. Nem sempre um bom teórico é um bom praticante. A teoria pode impedi-lo de ver o óbvio: Você

4. Não tenha vergonha de negociar o preço de sua terapia. Conquiste sua independência desde o começo: não pague mais do que pode.

5. Defenda-se quando o terapeuta lhe diz sempre que você está se defendendo. Veja se você não tem motivos reais para se defender.

6. Analise seu terapeuta tanto quanto ele te analisa. Exija honestidade na relação. De tempos em tempos pergunte se ele não tem dúvidas.

7. Leia, pergunte, confronte os diferentes métodos de terapia existentes. Quem sabe você não está no método errado. Ou com o terapeuta errado?

8. Terapeuta não é missionário, não é guru, não é dono da verdade. Esteja aberto a outros toques que a vida lhe dá.

9. Por que não organizar grupos de terapia entre amigos e convidar um terapeuta? Sairia mais barato e talvez fosse o embrião de uma nova sistemática cliente-terapeuta, rompendo com o círculo vicioso das relações capitalistas.

10. Nenhum terapeuta tem o direito de te induzir a relações sexuais alegando ser isso necessário ou bom para seu crescimento. Se você não sentir muito tesão, recuse.

O BICHO LIVRE, LEVE E SOLTO

O senador Roberto Saturnino Braga é economista, no entanto, seu discurso é claro, pausado e parece que já tem todos os problemas sócio-econômico-políticos do Estado do Rio de Janeiro equacionados.

Vai se candidatar a governador em 82 através do PMDB. Tem 50 anos e, pelo seu ar aristocrático, muitos já o caracterizaram como um mordomo de filme inglês. Começou a carreira política em 62 como deputado federal.

De 1966 a 1974 ficou afastado da vida política, trabalhando para o BNDE. Afonso Celso, candidato do MDB, teve um problema de saúde 60 dias antes das eleições em 1974 e ele resolveu substituí-lo, e, em apenas dois meses de campanha pela televisão, derrotou o Marechal Paulo Torres, que tentava a reeleição na condição de Presidente do Congresso. Foi uma vitória surpresa. Roberto Saturnino Braga conseguia uma cadeira no Senado.

Em 82, Roberto Saturnino — um dos principais críticos do modelo econômico do golpe de 64 — acha possível que ocorra uma composição de todos os partidos de oposição “fora o PP — comenta — que no RJ seria a continuação da política chaguista”. E é justamente do PP que Saturnino encontrará seu mais forte adversário; o populista Miro Teixeira.

Nessa entrevista ao LUTA & PRAZER, Roberto Saturnino Braga antecipa-nos a plataforma do PMDB para a política carioca: “Se um dos fatores principais de corrupção no RJ é o jogo-do-bicho, por que não legalizá-lo?”

EUGÊNIO VIOLA

* L&P — Senador, quais as medidas a serem adotadas — como provável futuro governador do RJ — PARA PÔR FIM A ATUAL CORRUPÇÃO QUE ASSOLA O Estado?

Roberto Saturnino — Se eu não puder nomear o secretário de segurança e o comandante da polícia militar, então não serei governador, porque este é o primeiro ato definidor. O decreto de nomeação para esses cargos é assinado pelo governador. Quem puder, deponha o governador, mas a afirmação de autoridades deve sair no primeiro instante. É decisão política do governador nomear o secretário de segurança e o comandante da PM. Agora, o processo de subordinação do comandante da PM ao Comando Geral das Polícias Militares do Ministério do Exército é decorrência de lei e o governador não pode mudar uma lei federal, pode sim até mobilizar os companheiros de seu estado e partido no Parlamento para modificar isso, mas enquanto existir essa lei, essa subordinação continuará existindo. No entanto, o secretário de segurança e o comandante da PM serão pessoas de confiança do governador. Há vários meios de enfrentar a corrupção, claro que não se pode pretender a sua total extinção, porque sempre onde há uma atividade humana há as distorções dos padrões morais da sociedade. Mas, no nosso país e, em particular no RJ, a corrupção atingiu uma tal proporção que se constitui hoje num dos problemas mais difíceis. É perfeitamente possível reduzir esse processo de corrupção.

Um governador que não exprime pelo seu modo de ser e pela sua própria atividade particular um padrão de austeridade, claro que começará a infundir o mau exemplo de cima para baixo. Um governador que fez seu patrimônio particular explorando um jornal que por sua vez explora o crime já é um péssimo exemplo para início de apreciação — (N.R. será que é preciso dizer que esse governador é o Chagas e que o jornal é O Dia?). Além disso, na construção de sua máquina política, ele considera normal a transação com a contravenção e com outras formas de corrupção que aí estão, e esses exemplos vão se multiplicando, são do conhecimento público e se generalizam rapidamente. Outra medida importante que pode diminuir a

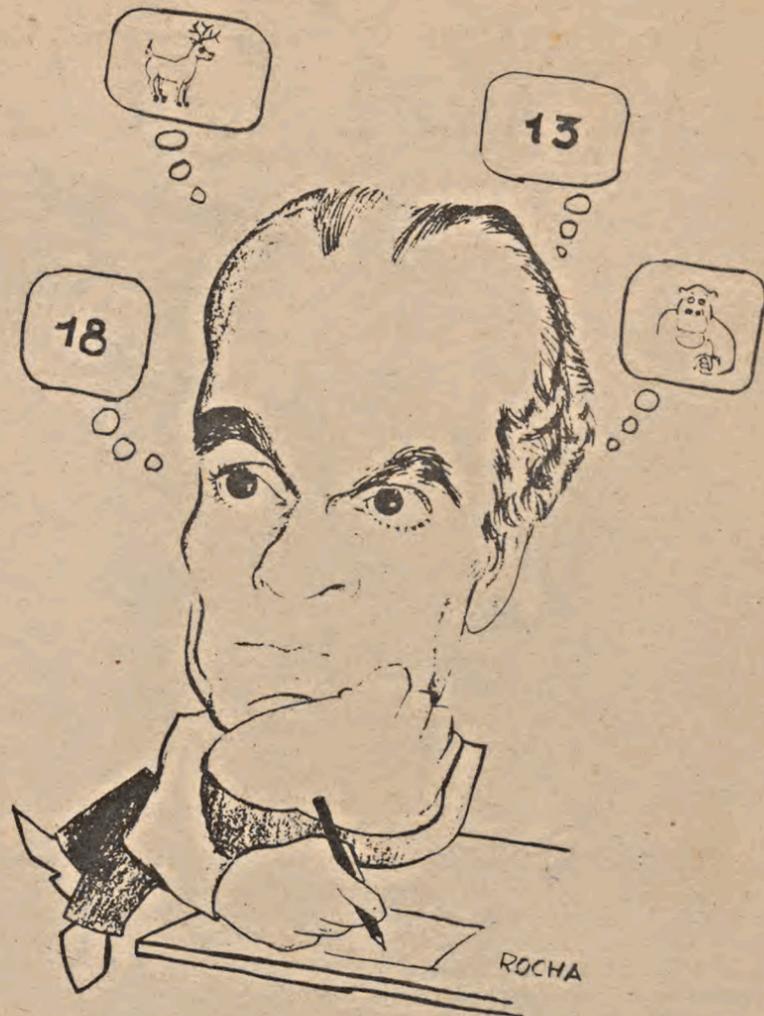
corrupção é abrir os canais de comunicação entre o governo, em todos os seus escalões, com a comunidade. É princípio nosso prestigiar as formas de organizações populares, sejam as que já existiam ou as novas, como é o caso dos sindicatos e associações de bairro. Ou seja, na medida em que se sistematiza as formas de comunicação do governo com a comunidade, naturalmente será mais fácil ter acesso às denúncias de corrupção para serem punidas, através de um processo de baixo para cima.

L & P — O Sr. é a favor da legalização do jogo do bicho?

R.S. — É mais que sabido que uma das grandes fontes de corrupção atualmente é devido ao jogo-do-bicho. É contravenção, tudo bem, mas não vejo razões de natureza moral para se condenar este jogo, que é a loteria do pobre, é o modo pelo qual as camadas mais pobres procuram arriscar pequenas apostas para ver se melhoram suas vidas naquela semana, naquele mês. É uma tradição deste estado, não leva ninguém à ruína, jogo-de-bicho não é cassino. Sou contra a abertura dos cassinos, mas o jogo-do-bicho não leva nenhuma família à ruína, por isso não vejo o porquê de não ser regulamentado. O que existe de muito ruim no jogo-de-bicho é justamente a corrupção a que ele dá lugar, porque é considerado contravenção e é tolerado, então, nesse processo de tolerância, ao invés da comunidade receber o imposto que deveria ser pago como atividade legalizada, e que poderia ser aplicado socialmente de forma útil, quem recebe esse “imposto” é a autoridade que tolera a contravenção, recebe particularmente para o seu bolso, para a sua conta bancária, para a sua máquina eleitoral. Aí que está a podridão do jogo-de-bicho. Então, sob nosso ponto-de-vista, é uma atividade que deve ser legalizada.

* L&P — A retórica sempre foi usada como arma política, ainda há espaço para “promessas” que sejam inviáveis frente à realidade?

R.S. — É também objetivo de nosso partido recuperar a seriedade do compromisso político, porque atualmente o que se percebe é que a população está sentindo um descrédito em relação às promessas dos políticos, o que já se tornou até chacota de programa de televisão. Não há nada mais sério num regime



democrático do que o compromisso de um candidato e do partido com a plataforma que ele apresenta e sob a qual tem que basear sua prestação de conta estando no poder. Se apresentou uma plataforma e foi eleito, ele tem que executar o programa prometido, ou ao menos dar uma satisfação convincente que justifique à comunidade o não cumprimento do que antes havia prometido.

É preciso termos o realismo político, não vamos cair no erro de pensar que para ganhar eleição é preciso ter uma retórica radical, isso é bobagem, porque a população já não será mais mobilizada pela retórica, frases de efeito ou por posturas radicais. Esta população será mobilizada exatamente pela credibilidade na proposta e postura que os candidatos apresentarem. A população precisa sentir que as propostas que forem apresentadas são viáveis e realistas, não adianta mais usar do velho artifício demagógico que isso não produz mais efeito mobilizador, principalmente porque estamos numa época em que o chamado comício envelheceu e que a atividade política se faz através de um contato direto ou em debates nos meios de comunicação, o que não tem mais nada a ver com o tom dos comícios tradicionais onde o que valia eram as frases de efeito.

L&P — E quanto às transformações necessárias na estrutura agrícola do Estado?

R.S. — Os bancos do Estado devem servir ao Estado e, no caso do RJ, devem fomentar a produção agrícola, já que estes bancos recebem recursos do Banco Central também para essa finalidade, só que, como nos faltam bons projetos no RJ, o que vemos é que o Banerj está direcionando recursos para o desenvolvimento agrícola de São Paulo e do

Paraná, e a consequência é que nossa agricultura decresce de ano para ano e isso não é possível. Vamos então convocar o empresário agrícola, botar a Secretaria de Agricultura para funcionar, dar assistência ao pequeno e médio agricultor, seja através de financiamento, ou através de fornecimento de insumo de sementes, assim como através da assistência técnica. E também estimular a aproximação entre o empresário agrícola organizado e o agricultor organizado, já que está surgindo formas espontâneas e novas de comercialização, onde as associações de moradores vão buscar junto às cooperativas de produção agrícola diretamente o fornecimento, quebrando, assim, toda uma cadeia de intermediação que hoje existe e que prejudica ao produtor e ao consumidor. É preciso fazer com que os agricultores, empresários agrícolas e posseiros acreditem que o Estado está a seu lado para possibilitar o acesso ao mercado.

L&P — E quanto ao melhor aproveitamento das terras ociosas do Estado dentro de uma postura ecológica?

R.S. — Existem grandes extensões ao longo do Vale do Paraíba cujo desgaste da terra alcançou um nível tão elevado que não têm mais nenhuma utilização, nem para pasto. Só há uma possibilidade para o reaproveitamento destas terras: o reflorestamento, que deve ser bem aproveitado, com fins predominantemente energéticos, com a preocupação do meio ambiente, para não se constituírem em florestas estéreis do ponto-de-vista biológico. E a proposta para a utilização de nossas terras para fins energéticos se fortalece com o encarecimento dos derivados do petróleo.

“Enquanto não houver possibilidade de legalização do MR-8 ou do PC, nós os receberemos no PMDB”

É o Amor Agarradinho, hein? Tu vai lá dançar com a gente?

Tenho percorrido o Estado do RJ e visto dezenas de empresas que tinham suas indústrias movidas com caldeiras à base de óleo diesel, trocando essas caldeiras para que funcionassem à base de carvão de lenha e carvão mineral, e estão importando de MG. E isso ocorre com uma indústria têxtil perto de Petrópolis, indústrias de cerâmica na região de Itaboraí e de Campos, indústrias químicas em São Gonçalo, entre outras. Portanto, eis as razões principais para um vasto reflorescimento em todo o Estado do RJ. Pela simples falha de não ter-se registrado no IBDF como distrito florestal, o RJ não recebeu nenhum recurso para um plano de reflorescimento, isso é inacreditável.

L&P — O que o Sr. pensa das obras faraônicas — tipo metrô — que vêm sendo realizadas no RJ pelos últimos Governos?

R.S. — É necessária a criação de um ambiente social mais propício, porque se não houver uma revisão nas prioridades, na estrutura dos gastos públicos, investindo-se mais em Educação, Assistência Social, Urbanização dos bairros mais necessitados, na questão da Justiça e Segurança, é claro que esse ambiente social deteriorado é um empecilho muito sério e que pode se agravar de um momento para outro e inviabilizar todo o processo de recuperação da atividade econômica do Estado. Temos que criar fórmulas de realização de obras públicas e investimentos que multipliquem a geração de empregos, porque estamos numa angustiante situação de desemprego, principalmente na camada de renda mais baixa. Então, se ao invés de concentrarmos os gastos públicos num pequeno número de grandes obras, tipo Metrô, que é o mais caro do mundo, o dobró do custo em outros países, ou seja os metrôs mais sofisticados do mundo têm custo de US\$ 50 milhões de dólares por km e nós gastamos US\$ 100 milhões de dólares por km. Os cofres do Estado não podem ser esvaziados nessas obras faraônicas, como estradas

Lagoa-Barra, via paralela, metrô, etc. É preciso realizar um grande número de pequenas obras, descentralizar para gerar maior número de empregos com o mesmo capital investido.

L&P — Por que foi quebrado o pacto com o Hélio Fernandes?

(N.R.: No LUTA & PRAZER n.º 3 publicamos uma entrevista exclusiva com o jornalista Hélio Fernandes no qual ele afirmava que havia mantido conversações com o senador Roberto Saturnino para que em 82 um disputasse o Governo do Estado enquanto Hélio disputaria a senatória — "(...) alertei o Saturnino que meu nome poderia ser vetado pelo MR-8, pela extrema esquerda... houve uma suposta votação na comissão executiva regional e meu nome não figurou na lista... liguei para o Saturnino e disse que ele havia faltado o compromisso comigo e 'que estava fazendo uma grande burrice, mas como o Saturnino é muito subserviente... ai me afastei (...)".) Hélio Fernandes acabou fazendo um pacto com o Miro Teixeira (PP-RJ) nas mesmas bases que havia pretendido com Roberto Saturnino, um para Governador e outro para Senador, após ter mantido conversação com os líderes de todos os partidos de oposição. E, misteriosamente, o veto à Hélio Fernandes ainda não foi bem esclarecido. Quando indaguei a Saturnino o porquê da quebra do acordo com Hélio Fernandes, foi perceptível que a pergunta o pegou de surpresa, e com um bom jogo-de-cintura verbal respondeu: "Honestamente não sei o porquê do veto, ele tinha uma postulação, tinha o desejo de ser candidato a senador como expressou e eu simplesmente disse que ele teria que se submeter à convenção, eu não sou dono do partido. Inclusive achava que o nome dele teria grande aceitação do partido, mormente continuando a existir a sublegenda, mas que não poderia garantir ou firmar um pacto com ele, já que não mando no partido. Não houve nenhuma convenção nem reunião



**“Com o PP carioca
não há possibilidade de composição.
A política chaguista não é de oposição”.**

para examinar esse assunto, acho que há um equívoco. A escolha dos senadores só vai se processar no ano que vem. (N.R.: Será que em política a verdade só corre pelos bastidores e a plebe nunca terá acesso ao realismo dos fatos???)

L&P — Qual a influência do MR-8 no PMDB?

R.S. — “O MR-8 existe, a gente sabe disso, mas como é um movimento clandestino eu não sou capaz de identificar as pessoas, então não sou capaz também de medir seu poder de influência e determinação no PMDB. Agora, enquanto não houver possibilidade de legalização do MR-8 ou do Partido Comunista, nós os receberemos no PMDB.”

Quanto à sua localização ideológica dentro do PMDB, já que este partido traz em seu quadro um amplo matiz ideológico (a dis-

tância é bem grande desde o MR-8 até o recém-ingresso deputado Alacid Nunes ex-PDS), o senador Roberto Saturnino novamente usa seu jogo-de-cintura respondendo “eu me posiciono de uma forma há muito professada: a de centro-esquerda, numa posição próxima do socialismo democrático. Minha biografia política sempre esteve centrada nesta posição. Isso é muito difícil de responder, mas afirmo que estou no meio dessas duas posições.

Em relação a uma possível composição de todos os partidos de oposição, Roberto Saturnino responde decididamente “acho possível entre o PMDB, PDT e PT, naturalmente que com o PP carioca não há a menor possibilidade porque não há lugar para a política chaguista num verdadeiro partido de oposição”.

**MUDAMOS
MUDAMOS
MUDAMOS**

RUA RIACHUELO 101

**252-2916
222-0483**

**ARTE
COMPOSIÇÃO
FOTOLITO
IMPRESSÃO**

serthel

**Lira
Paulistana**

Um jornal de lazer, cultura, agitos e muitos serviços



Nova Iorque tem Village Voice e New Yorker
Paris tem Pariscope e L'Officiel des Spectacles
Londres tem Time Out e What's on in London
Berlim tem Wohin in Berlin
Barcelona tem Guia del Ocio

São Paulo, agora, tem o **Lira Paulistana**
Um jornal de cultura, lazer, prazer, agitos, entretenimentos,
buxixos, transações, eventos e muitos serviços.

LUTA & PRAZER 19

EMOÇÕES BARATAS



Pra sobreviver ao sol escaldante do verão nada melhor do que um coração molhadinho... Aqui, no EMOÇÕES BARATAS, você pode molhar o coração à vontade: pedindo um príncipe em casamento, implorando que ela volte, colocando-se à disposição para eventuais encontros, enfim... Relaxe, solte as amarras do lado esquerdo do peito, escreva seus desejos em letra de imprensa e EMOÇÕES BARATAS fará o resto. E olha, sem brincadeira, essa seção tá fazendo milagre: os namoros se sucedem, paixões impossíveis se tornam realidade, encontros se concretizam em noites de lua cheia... E sabe quanto cobramos pelo serviço? Nada, ora, que sentimento não é coisa que se comercialize. Tudo nessa seção é grátis. Basta que você envie seu recado para EB, LUTA & PRAZER, Rua da Lapa, 180/504, Cep. 20.021, Rio. Ah, não esqueça de mandar também um endereço completo para que as respostas às suas emoções cheguem até você. Ai, abre coração, vem me fazer feliz...

LÁBIOS DE MEL

— Será que já se passaram três anos?

Marquesa de Maricá
ESPAÇO ALTERNATIVO
— Espaço experimental de formas alternativas de relacionamento, onde dinheiro não entra. Discussão aberta sobre qualquer assunto, inclusive sexo. O conhecimento das inclinações, dos desejos e das fantasias de cada um possibilitará escolher com quem e com quantos cada qual prefere fazer sexo (individual ou grupal). Ou apenas um bom papo, até mesmo amizade ou, quem sabe, qualquer outra coisa.

Alfa & Omega — Caixa Postal, 296 — Rio — CEP 20.021

BEIJO PRO BEIJO

— Estou utilizando esta seção para dar um beijo no pessoal do "Beijo" da Ciências Sociais, da USP. Afinal, já era tempo das pessoas ficarem gostosas por aqui. O tesão da transação está cada vez maior. Um beijo, um carinho e uma passada de mão em todo mundo. Todo mundo que estiver a fins, favor escrever.

Marrey — Ciências Sociais — USP

SÓ PARA OUSADAS
— Estou amando e quando fico nesse estado meu coração se agita, se abre para o mundo e cada vez cabe mais gente. Quem tiver a coragem de se interessar por um garoto quente e apaixonado, porém polivalente, escreva-me.

Apaixonado — EB-11 — RIO

AMOR CRÍSTICO

— Médico, 37 anos, membro de uma Sociedade Iniciática de Kriya Yoga e vivendo num estado psicossomático alfa de alta frequência vibratória e num estado de consciência e Amor Crístico altamente desenvolvido, com todos os Chacras abertos, inclusive o coronário, deseja conhecer uma Yogueine muito evoluída espiritualmente, com mínimo de 5 anos de prática de Yoga para o corpo físico, para uma amizade e, se possível, um relacionamento afetivo que pode desembocar em casamento. Telefonar para: 541-0260 ou 541-8705, das 12 às 15h.

Dr. Alquimista da Era de Aquarius — Rio

PROFESSOR II — Eu sei que o carma é teu e que eu não posso fazer nada. Mas eu detesto te ver assim tristinho, cheio de lua nos olhos e não resisti à tentação de mandar uma via-láctea de estrelinhas via L&P. Boa sorte. Muito boa sorte. Ótima sorte e um beijinho canalha.

Geminiana Solidária

MARIDO PLATÔNICO

Você pode brigar comigo pior que meu pai fazia, tem nada, não. Eu amo você do mesmo jeito, viu? E vê se pára de brigar e fazer cara feia senão eu não te levo mais cafezinho, não corto mais seu cabelo e não costuro mais nada proê. Carinhos da tua:

Esposa Platônica da Gôta Serena.

Amor Agarradinho, o melhor remédio para solidão. Dia 22, na Tinadentes, 21 horas
PAIXÃO INCURÁVEL

Jandira, não suporto a saudade dos teus lábios vermelhos sempre abertos para mim. Ainda sinto teus cabelos escorregando por entre meus dedos. Pensas que estou ficando louco ao tentar um contato contigo por meio dessa seção? O que faço então da minha vida se antes de dormir penso em ti, se sonho contigo durante a noite e se acordo de manhã com o teu cheiro? Me mato? Sei que parece pieguice, mas viver sem ti é uma coisa insuportável. Ligue-me, pelo amor de Deus.

Loirinho de Olinda MENINO TÍMIDO

— Tô sabendo de você que não me liga, tô sabendo de você que não me olha. Tô sabendo tanto que sei que não é desprezo, é medo de paixão. Relaxa que o fim do mundo, segundo Nostradamus, vem afe não tem segunda chance. Abre o coração, deixa a luz do sol entrar.

Luz do Sol — EB-13 — RIO PELA ABERTURA

— Casado, mas não parado. Discussão vai, discussão vem, conclusão: a relação a dois só sobrevive se se abre. Mas a gente fica destreinado na paquera, preocupado com o outro que ainda está naquela da qual você já saiu. Daí, quem tiver uma cabeça aberta para relações paralelas (de preferência que tenha um outro), escreva para

Coração Aberto — EB-13 — CASAMENTO COLORIDO

— Dispensando as gatinhas do sol de Ipanema pelo cheiro que agora divide o meu travesseiro, o meu cotidiano, meu prazer. Casamento à moda antiga ainda é receita de felicidade senhores e senhoras modernos, descobri na prática. A aliança não pesa no meu dedo, pelo contrário, enfeita-o. Por isso dispense qualquer carta para minha caixa postal, apenas fazendo uma ressalva: se eu me arrepender posso voltar a procurar as gatinhas do Sol de Ipanema, tão bundundinhas???

Eugênio Viola — sem EB — RIO

ADORO LOURAS — Procuo as louras de hoje, de outrora ou as vindouras. Heleonorra, cadê você? Meu coração enrustido precisa tanto... tanto... Vivo pendurado nos teus cabelos. Oh loura, me ligue (245-1311).

Amauri (Super-man) Titú!

Gostaríamos de ter publicado as muitas e gostosas cartas que recebemos esse mês, entretanto a Pichadora de Laranjeiras, a Linda Morena Desvairada, fechou (!) todos os espaços disponíveis e assume:



O PRAZER SÓ É MAU PARA QUEM NÃO O SENTE! Quem pichou isso fui eu. Mas podia ter sido você. Eu moro ali. Vivo neste Rock-Horror-Show onde todo dia tem grito de minha mãe "grito de esfagueado bêbado", grito de atropelado por carros a mil por hora; e isso tudo se mistura no meu coração com uma vontade louca de cantar. Mas é preciso que esta vontade não fique só na vontade. Que eu cante realmente. Mas não quero vir com esse papo de cantar mais alto do que os gritos de desespero dessa gente toda à minha volta. Existe dor mesmo. As pessoas são realmente frágeis. A neurose não está mais na moda, mas existe de verdade. E as pessoas estão aflitas e não é a toa. Vou cantar por mim. Não vou cantar por você. Vou cantar com a minha dor e a minha alegria, e vou fazer isso com prazer. Se a barra pesar quem vai segurar sou eu, mesmo que você prometa que vai botar o bloco na rua, com médico e tudo. Não quero médico. Não quero bloco. Não quero tua solidão emprestada fazendo frente à minha. Só o meu espelho sabe quantos gritos bem pouco afinados eu dei pra poder ter hoje o meu corpo numa "nice".

Tou de saco cheio de gente que fala de democracia e não consegue conversar com o seu vizinho. Tou de saco cheio de gente que fala de corpo e não consegue suportar seu próprio cheiro. Tou de saco cheio de quem fala de saúde só porque a Rita Lee tá com um LP em cima. Há milhões e milhões de manuais explicando como é que fazem as mil e uma posições eróticas. Tou procurando ao menos um aluno aplicado que me diga o que é paixão, na boa, sem metafísica e sem papo "new-romantic", tipo revista JB domingo.

Meu namorado, não sei se é meu namorado, não me atura. Sou grude. Telefone compulsivamente. Claro, há um orelhão em cada esquina — e olha que eu nem ligo todas as vezes que sinto vontade. Quem pode com isso? Nem eu, malandro.

Agora, junta tudo isso com aluguel dobrado, mãe, gato, faculdade, neurônios a menos por excesso de uso e abuso de alucinógeno, trabalho, música, poesia, transas nem sempre felizes porque "eu não sou nescou, não sou instantâneo, não tenho cinco orgasmos múltiplos por minuto", Brasil, mediocridade, delírios

políticos e culturais — sabe o que é que que é que vira? Uma morena alegre, desvairadamente poética e desvairadamente desvairada mesmo. Uma criatura inteligente que nada, corre, faz capoeira, é cantora, compositora, namoradeira militante, neurótica de guerra com uma vida comprida demais para ser contada. Muito apaixonada, nada apaixonante, afinal de contas não é fáo fácil ser aquilo que se teoriza.

E, nesse ponto, questiono se este jornal tem conseguido atingir seu propósito de não ser simplesmente um jornal, mas um processo na vida de cada um de seus integrantes. Me pergunto até que ponto vocês vivem o que está escrito no papel — a fundo — à luta, o prazer, a paixão, a alegria — e por que não dizer — a tristeza, que também faz parte de nosso carnaval? Se é que podemos considerar que "tudo é político", inclusive na hora que se fecha a porta e apaga a luz, cabe alertar que as coisas não se dão fáo alegremente assim, como às vezes dá a impressão. Eu falo isso com vocês, com os "outros", conosco.

Às vezes fica ridículo, piegas — adjetivos terríveis que as pessoas razoadas dão para outras pessoas que ousam, por exemplo, entrar numa assembleia de estudantes, rodar o chapéu para descolar fundos para o próprio aborto, dão show, anunciam no jornal sobre sua última dor de cotovelo com a mesma naturalidade que falam sobre política internacional. Eu acho, vagamente, que é isso. Algumas coisas que uns podem achar a "maior caretece", e outros a "maior porralouquice", alguma coisa que no fundo só se pode dar um nome; realidade. Sem neutralidade científica. O meu ponto de vista. Meu, todo meu, como o céu de estrelas cadentes.

Tudo isso foi escrito com carinho de namorada. Mas daquelas namoradas que já se tem há um tempo e que perderam o ar de novidade.

Beijos a todos e todas.

CYNTIA DORNELES.

Perca A Barriga Com

**PESO
LEVE**

A Academia de Ginástica Portátil

A VENDA NAS MELHORES LOJAS DO RAMO

“TUDO O QUE É HUMANO NOS INTERESSA”



A Psicossíntese é uma sociedade criada por psicólogos e psiquiatras insatisfeitos com a prática de Saúde Mental no Brasil e preocupados em fazer um trabalho de assistência voltada para a plena realização do homem enquanto “síntese bio-psico-social”, dando-se, porém, maior ênfase ao aspecto social, pois, como diz o psiquiatra Eros Suscena Teixeira — um dos coordenadores da Instituição —, “o homem é um ser social e só a psiquiatria é que não enxergava isso”.

Na busca dessa visão global do ser humano a Psicossíntese já deixou de ser uma associação específica da área psi, para ser um grupo de pessoas interessadas em estudar e trabalhar o homem de uma maneira despreconceituosa e multidisciplinar. Assim é que hoje a entidade já conta com boa parte de sócios que atuam em outras áreas de Ciências Humanas e não é exigido nenhum diploma ou bagagem cultural dos novos associados.

Pela Psicossíntese, Eros Suscena Teixeira e Julius Martins Teixeira.

DENÚNCIAS SIM, PROPOSTAS TAMBÉM

“A assistência de Saúde Mental do país está voltada para uma política de louco e não para uma assistência que vise a recuperação mental do indivíduo”, comenta Julius. E Eros completa: “Porém, nós não temos somente denunciando, mas contribuindo teoricamente para a melhoria dessa situação.”

DAU BASTOS

E as contribuições a que Eros se refere são publicadas numa revista que leva o mesmo nome da sociedade e é vendida em clínicas, congressos e universidades, além de ser enviada para quase cem assinantes. A periodicidade da revista não é regular, mas os assinantes são compreensivos, entendem as dificuldades de uma publicação sem anúncios. “E quando a coisa aperta — comenta Eros —, a gente toma uma iniciativa financeira”, ou seja, faz-se um baile, uma festa, um ciclo de palestras, qualquer coisa. Graças a isso é que a revista já está na sexta edição, não trouxe dívidas para a Psicossíntese e promete sobreviver.

No momento a Psicossíntese também está fazendo um filme documentando a vida nos hospitais psiquiátricos brasileiros, associada a um grupo de cineastas cariocas.

UMA PRÁTICA NOVA, NEM SEMPRE BEM VISTA

Alguns membros da Psicossíntese mantêm consultórios na Zona Sul do Rio e prestam assistência em postos de saúde do Interior. No trato com os clientes geralmente tem-se uma relação honesta e democrática. “Não nos preocupamos em ser donos da verdade — afirma Eros —, mas antes em aprender com os pacientes. Eu é que fico ali deitado e o paciente fica sentado.”

Já no trabalho em hospitais geralmente essa honestidade não é bem vista. Julius trabalhava no Dr. Eir, de Maracambi, Estado do Rio, de onde foi demitido por ter se negado a internar pacientes que estavam precisando apenas de um tratamento simples. É que, se diminuem os casos de internato, há uma baixa no faturamento do hospital!

CORPO E PRAZER, CUIDADO!

Durante a conversa fiquei interessado em saber que peso a Psicossíntese está dando às expressões corporais do homem, já que ela se propõe a trabalhar com populações carentes, onde o analfabetismo e a dosagem de sangue africano (sobretudo) e indígena leva as pes-



soas a se comunicarem muito mais pelos gestos do que pelo verbo.

Lancei minha dúvida e Julius me respondeu: “Claro que um indivíduo mais intelectual usará uma linguagem mais convencional do que a linguagem corporal, enquanto que o indivíduo trabalhador usa mais o corpo, o gesto, o afeto, um abraço, muito mais do que um simples aperto de mão. Isso é uma coisa importante e nós estamos começando a aprofundar esses aspectos, mas nunca como uma forma isolada do ideológico, do filosófico, porque pode-se cair num certo modismo, num certo consumismo.” E Eros acrescentou: “Nós temos medo de explicar o homem pelo seu prazer social, como faz a Psicanálise. E num país como o Brasil não se pode pensar em grandes prazeres. O prazer hoje é difícil até para a classe média. Mas nós nos preocupamos com isso.”

FALTA ESPAÇO E VERBAS

Apesar das boas intenções (ou talvez por causa delas), mesmo estando engajada em vários movimentos de transformação da realidade do “doente mental”, a Psicossíntese

sofre graves problemas financeiros. A irrisória quantia que cada sócio paga (200 cruzeiros por mês) não chega sequer para as despesas mínimas de manutenção da sede provisória. Na verdade, o pequeno apartamento de Eros serve apenas como ponto de referência, pois as atividades maiores são sempre realizadas num espaço exterior alugado. Por falta de espaço também é que o projeto de Psicologia Comunitária ainda não vingou.

E a falta de verbas faz com que muitas pesquisas não saiam da gaveta. Há algum tempo, por exemplo, fez-se um projeto de estudos com bancários, para averiguar o grau e a origem das neuroses dos mesmos, alguns órgãos do governo foram contactados, mas não veio nenhuma ajuda financeira. Arquivou-se mais uma pesquisa.

Mesmo assim, a Psicossíntese está crescendo e aumentando o número de sócios; sem ajudas governamentais, com pouco espaço, mas com muita coragem e vontade de transformar a realidade.

Colaboraram na Matéria: Cris, Libe e Fernando

“PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA PSICOSSÍNTESE”

- O homem é uma síntese bio-psico-social, ideológico-afetiva.
- Rejeitamos um rígido e exclusivista determinismo econômico na formação da personalidade humana e, particularmente, em sua ideologia.
- O estudo da pessoa humana em sua globalidade bio-psico-social, dada a maior ênfase ao social, deve constituir-se numa ciência relativamente independente; a PERSONOLOGIA.
- Fundamentalmente, o homem adoece socialmente; como consequência dita ou indireta da exploração do homem pelo homem.
- Nem todos os que atravessaram ou atravessam sérios problemas sócio-familiares adoecem mentalmente. Entretanto, vimos constatando ser deveras muito mais difícil o adoecer psíquico sem tais problemas.
- Geralmente o homem não adoece só. Reafirmamos mesmo que toda doença é

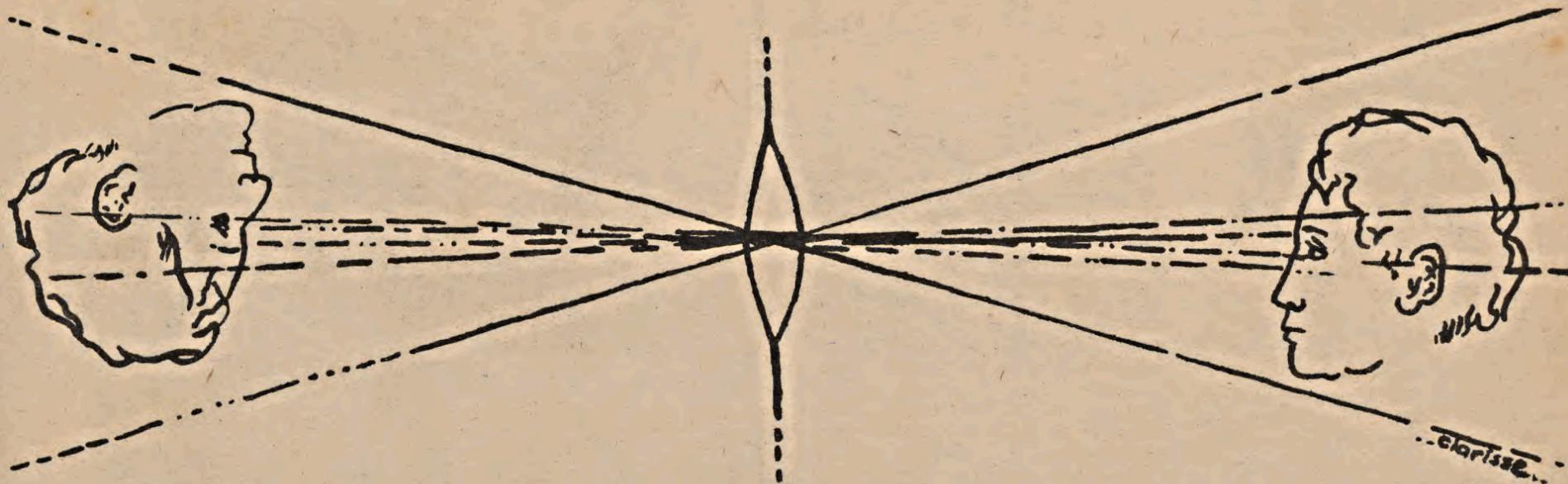
- social e historicamente determinada.
- Tentamos tratar o micromundo social — a família — e não só o indivíduo.
- O fundamental mesmo para nós são a Psiquiatria e a Psicologia Comunitárias, que são primordialmente preventivas e coletivas. Todavia, queremos deixar bem claro que, para nós, prevenção é a promoção social da saúde.
- Os problemas de saúde em geral requerem, fundamentalmente, soluções sociais e políticas.
- O terapeuta não pode ficar neutro diante da luta que trava, social, política e psicologicamente aquele a quem tem que ajudar.
- Para modificarmos o “estado de espírito”, ou “estado d’alma”, teremos que, forçosamente, também alterar a “filosofia de vida”, ou “visão do mundo” do paciente, assim como a sua praxis, isto é, o “estilo de vida” que aqueles estados correspondem.

- Nossa psicoterapia, como se vê, realiza, simultaneamente com a análise, uma síntese da realidade interna (subjetiva), com a externa (objetiva); uma síntese do social com o individual (este em seus dois aspectos: orgânico e psicológico).
- E é a Psico-Síntese uma doação de amor. Dá-se e recebe-se afetos e não só informações. Acreditamos que, só assim, poderemos abalar estruturas e, simultaneamente, reconstruí-las sadiamente.
- A Psico-Síntese é, pois, um processo de humanização.
- Praticamos uma Psicoterapia democrática, que é constantemente avaliada, criticada e discutida no seu decorrer, tanto pelo psicoterapeuta como — e o que é o mais importante — pelos pacientes.
- (Já no início do processo terapêutico) iniciamos também o processo de independência do paciente, no sentido de capacitá-lo a resolver, ele próprio, seus problemas. Julgamos fundamental tal iniciativa. Este é o primeiro esclarecimento que fazemos aos nossos pacientes.
- Nossa psicoterapia valoriza muito, não só o sentir e o pensar, mas também o agir, pois pretende ser uma psicoterapia transformadora. Exige dos pacientes, ação: uma praxis, uma participação social. É ela, pois, socializadora. Daí nosso lema: PENETRA NA VIDA!

- Evitamos o mais possível as intervenções, a retirada do paciente de seu próprio meio.
- Difícilmente podemos tratar com eficácia um paciente isoladamente. Sua problemática, em regra geral, tem implicações sócio-familiares e passamos, assim, a cuidar terapêuticamente de toda a família.
- Acreditamos que a saúde mental deva ser vista conjuntamente com o problema geral de saúde de nosso povo. E como, sendo de natureza predominantemente social e política. Isto porque estamos convencidos de que as causas das doenças em geral estão fundamentalmente relacionadas, com a exploração e a luta de classes. Com “a exploração do homem pelo homem”.
- Estamos convencidos de que as simples denúncias e protestos não são tudo o que vemos fazer. Nessa luta, todas as correntes psiquiátricas e psicológicas, independentemente de suas divergências filosóficas ou científicas, devem unir-se numa ampla Frente de Luta da qual a Psico-Síntese faz questão, de, democraticamente, participar.

Os “PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA PSICOSSÍNTESE” foram publicados na íntegra na Revista PSICOSSÍNTESE, Ano 1, 1979, n.º 3, que pode ser adquirida através de pedidos endereçados à Rua Xavier da Silveira, 45/1.108 — Copacabana — Rio.

REFLEXÕES SOBRE O HOMEM NOVO



URGÊNCIA

Quem não beijou ontem, não beijará jamais aquele beijo, não reviverá aqueles momentos. Outros beijos estão sendo perdidos por cada um de nós. Hoje, muitas pessoas que detêm algum poder, estão constantemente a nos prometer beijos para amanhã. Agora, dizem, a contenção de emoções, o sacrifício, a poupança, o aumento de produção; no futuro, a explosão das emoções, o paraíso, o descanso, o consumo.

Fizeram e fizemos a mesma coisa com nossos pais e avós desde há muito tempo. O destino nosso e de nossos filhos construímos, constróem, agora, a todo momento.

O MELHOR LUGAR DO MUNDO

Incomoda-nos a inflação, o trânsito, a burrice, poluição, pobreza, tudo que interfere no nosso bem-estar. Mas muitas vezes, não conseguimos ver o que está atrás de tudo. E mesmo quando tomamos consciência, o salto para a ação como que fica suprimido. Incomoda-nos a angústia provocada pela não satisfação dos nossos desejos mais profundos. Incomoda-nos também as reclamações dos nossos corpos, com "doenças" muitas vezes provocadas pelas alterações físicas correspondentes às emoções suprimidas. Mas chega num ponto em que não dá pra esperar amanhã. Os desejos estão aqui, agora. O medo, a culpa, o remorso, a timidez, a insegurança, até a falta de condições de realizar os desejos, vêm colados à vontade de gozar o prazer que a realização dos desejos traz.

Sinto que a diferença entre a vida e a morte em vida pode ser medida pelas tentativas que faço, indo à luta. Se respeito minha vontade, o que meu corpo pede, se quebro a moral que está grudada em mim, ai, que bom, junto com o prazer, o charme, o me sentir bonito, inteligente, gostoso, vivo. Se não respeito os desejos que surgem em mim fico triste, burro, feio, duro, não há brilho nos meus olhos.

Não tem jeito, tenho que cuidar de mim. Até para poder me juntar aos outros que sentem a vida. A esperança de que alguém vá cuidar de mim, de que uma revolução vai acontecer lá fora e de que pegarei o vácuo dela, sinto ser só esperança, anestesia.

O PIOR LUGAR DO MUNDO

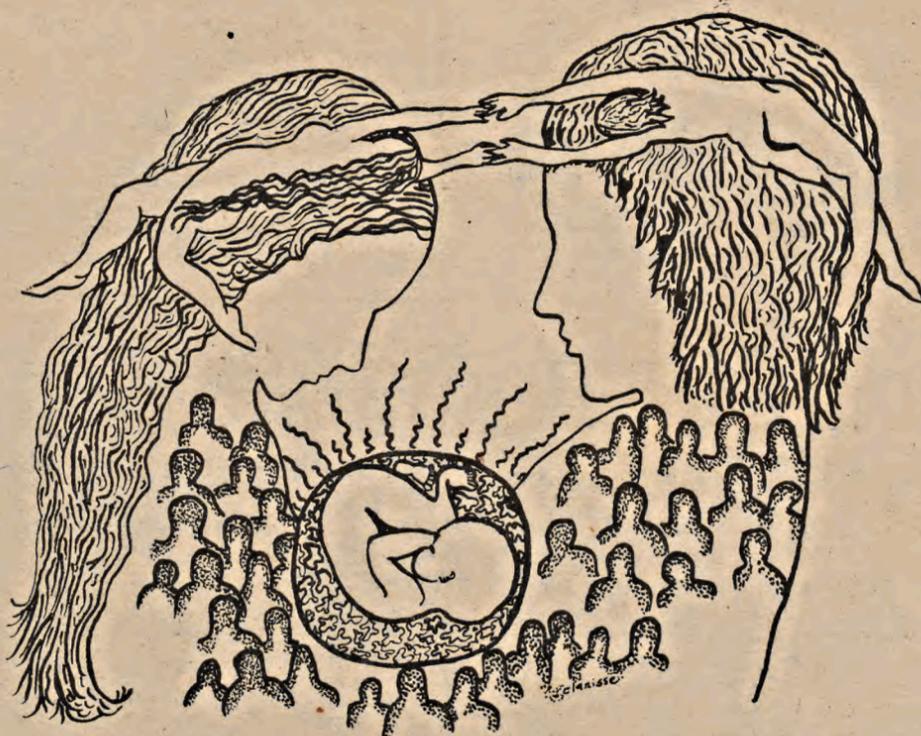
Tem tanto tempo que o mundo tá assim, mais pro feio. Passo por uma escola pública e, triste, vejo a educação castradora se repetir, como foi comigo há 25 anos. Igualzinho. Talvez mais colorido. E o que dá pra sacar da história confirma: quando a vida emerge, lá vem sufoco. Nem é preciso ver os grandes jornais, TVs, rádios. Os melhores repórteres

Está sendo difícil refletir sobre o homem novo. Desconfio que atrás desta dificuldade está o meu desejo mais profundo de me transformar a mim mesmo. As tentativas práticas de vivenciar a minha própria vida, de buscar a cada momento a emoção naquele momento sentida, constantemente se chocam com os incômodos que me fazem fugir do presente, relembrando o passado ou imaginando o futuro.

E a vida correndo solta. Juntos inseguranças, incertezas, emoções não percebidas, impaciências, nervosismos, incapacidades. E às vezes, juntos, lucidez, entendimentos, levezas. Num eterno troca-troca, mau humor-bom humor, beleza-feiúra, vida-estagnação.

E, entre solidário-consolidado-entristecido, a quase certeza de que estes são problemas comuns a muitas outras pessoas. Hoje, ontem, em qualquer lugar.

LUIZ SARMENTO
ILUSTRAÇÕES DE CLARISSE



*Seguir os nossos sentimentos,
respeitar os limites das outras pessoas envolvidas.*

Só esta ação conosco já é revolucionante.

somos nós. É só olhar em volta. Ou pra gente mesmo. Hoje acredito que uma coisa é tomar consciência, sentir. Outra, imediata, é o movimento, a ação. E a primeira ação possível pode ser conosco mesmo. Perceber o moralismo, examinar suas fontes, entendê-lo. Deixar de lado o moralismo e criar os nossos próprios valores. Seguir os nossos sentimentos, respeitar os limites das outras pessoas envolvidas. Só esta ação conosco já é revolucionante. E com certeza as nossas mudanças pessoais influem em quem convive com a gente: no trabalho, em casa, na rua. E oportunidade para isto temos em cada segundo de nossa vida. O melhor ou o pior lugar do mundo é aqui e agora: o momento que de fato existe é o que vivemos agora, aqui. E, mesmo sabendo que os castigos normalmente, quando existem, são menores do que o nosso medo antevê, há que tomar cuidados a toda hora para não ser atropelado por quem odeia a vida.

A FUNÇÃO DO CONTROLE NO TRABALHO

O controle é feito para quem não gosta do trabalho. Para controlar é necessário um controlador. Que utiliza do relógio de ponto, dos papéis, e exerce um poder de determinar quem faz o que, em que prazo. Determina o prêmio e o castigo.

O controlador controla até o momento em que perde o poder. Em não havendo mudança de idéias, há uma substituição de um controlador por outro. Controlador. Onde há controladores, há controlados. Que expressam suas insatisfações no próprio ato de trabalhar: a omissão, a apatia, a fuga do controle que os oprime.

Quando há controle, a produção também é função da intensidade do controle. Quanto maior o controle, maior a produção. O clima é de tensão.

A tensão também é função do controle. De um lado o trabalhador, controlado. De outro, a direção controladora.

QUANDO O TRABALHO É EMOCIONANTE

Quem gosta do trabalho não precisa ser controlado. Quem gosta do trabalho procura a melhor maneira de fazer o seu trabalho. Presta atenção no que faz. Cada vez que faz é uma nova vez. No prestar atenção, enxerga problemas. Por gostar do trabalho, procura soluções. O trabalho compõe sua vida. Tem prazer em chegar ao trabalho. Gosta de trabalho. As idéias na sua vida surgem em qualquer momento. Em qualquer momento surgem idéias sobre o trabalho. Ele as aproveita. Quem gosta do trabalho não precisa ser controlado. Quem gosta do trabalho não faz as coisas automaticamente. Tende a ser autônomo, saudável, vivo.

ATENÇÃO EM SI

É difícil. Pensar em si, prestar atenção no seu próprio corpo, nos seus sentimentos, sensações. Perceber o que o seu próprio corpo e mente lhe diz. O que está atrás dos seus próprios sentimentos: "quando foi que começou esta minha raiva? Por que este remorso?" É difícil buscar as origens dos seus sentimentos. Rever a história da sua própria vida, do seu próprio corpo. Relembrar, revivenciar, refletir.

"Percebo que as minhas ações são muitas vezes frutos dos meus sentimentos. Sinto e ajo." É difícil tomar conhecimento do que é interessante mudar. Mesmo na busca do prazer, é desconfortável mudar; volta e meia afloram angústias.

É mais fácil pensar em como mudar os outros. É menos doloroso mudar, tentar mudar; os outros que a si próprio. É mais fácil ver a solução dos problemas nos outros.

Mas, por mais que mudem os outros, outras angústias de cada um permanecem. A cada um cabe saber o que está dentro da sua área, de atuação. E como um compromisso com a sua própria felicidade, a cada um cabe também tentar a difícil mudança.

AOS MUITO AMIGOS, TAMBÉM O NÃO



Estamos à vontade para tudo?

Isto implica em que podemos nos dizer: não! E que considero que um não! dirigido a mim por outra pessoa, tem sua origem na pessoa que o diz. Ela é quem tem a melhor capacidade de saber dos motivos que a levaram a dizer não! Acredito que este não! dito por ela, possa representar algum problema dela. Tenho que me cuidar para não imaginar, não dar asas à minha imaginação, o tipo de problema que poderá ser.

Enfim, a origem do não! é um problema da pessoa que o disse. Já quando o não!, dirigido a mim por outra pessoa, me incomoda, surge um novo problema. Um problema meu. O que me incomoda e o porquê deste incômodo cabe a mim sabê-lo. Está na minha área de atuação.

Assim, um problema é o incômodo que o não! me traz. Outro problema é o incômodo que gerou o não! na pessoa que o disse. Talvez o caminho para a solução destes problemas seja, primeiro, resolver ou compreender o problema meu. Depois tentar compreender e atuar no problema da outra pessoa.



AS RAZÕES DE CADA UM

Ver os outros com os olhos meus, é o que normalmente faço. Posso também tentar ver-me com os olhos de outro. Compreendo melhor o outro quando consigo me colocar no seu lugar, com os seus olhos. E quando compreendo o outro, compreendo a posição que toma, mesmo sendo contrária à minha. Aqui o diálogo se torna mais fácil. Entendo o outro e me entendo. Tento não instigá-lo a ver com os meus olhos, me compreender.

Talvez a melhor maneira de perceber um problema seja vivê-lo. Percebe muito mais o problema do salário insuficiente, quem vive a insuficiência do seu salário. Quem não vive o problema do outro, no máximo é solidário: com certeza preocupar-se-á mais com os problemas que ele próprio está a viver.

EM BUSCA DO PRAZER

Um lugar (um país, uma cidade, bairro, um teto) onde as pessoas que aí vivam estejam também constantemente atentas ao presente, ao que está acontecendo a cada momento. Um lugar onde as pessoas ajam em função dos sentimentos e sensações que percebem em si. Onde cada pessoa, conscientemente, consegue perceber a respeitar também os espaços (físico, psíquico) de outras pessoas com quem convive. Um lugar onde em decorrência do acima suposto e em decorrência da racionalidade natural e da vida que aí frutificam, os problemas econômicos e sociais perderiam suas fontes.

Neste lugar cada pessoa se percebe e se respeita. Sua moral é natural, não lhe foi ensinada como dogmas. Seu princípio é o prazer. Em função do prazer é que define o seu trabalho. O trabalho só tem sentido se é também fonte de seu prazer. Cada pessoa usufrui dos frutos do seu trabalho. Não se apodera do resultado do trabalho de outros.

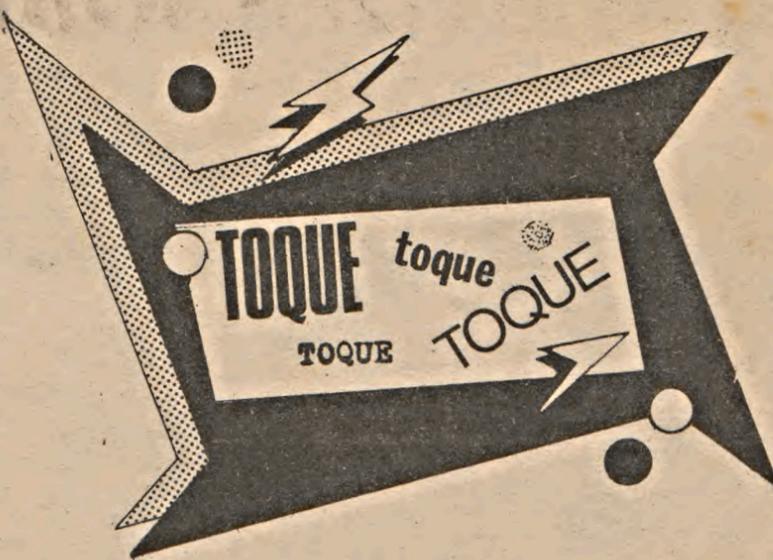
Também em função do prazer é que busca novos conhecimentos. Não aceita os conhecimentos que lhe são impostos como verdades; inquestionáveis; busca os novos conhecimentos em função das necessidades. Neste lugar cada pessoa tem consciência da liberdade que necessita ter e usufruir para que possa continuar vivo, emocionável, com brilho. Tem capacidade também de vivenciar suas dores e, com a vivência, crescer humanamente.

EMOÇÕES E TRANSFORMAÇÕES

Este lugar começa a existir a partir do momento em que uma pessoa passa, em busca do prazer, a mudar o seu comportamento em relação a si próprio e em relação às pessoas com quem convive: em casa, no trabalho, na rua, a todo momento.

Parece ser necessário, como base para uma mudança de comportamento, cada um tomar consciência dos seus próprios sentimentos e sensações. Também tomar consciência do que os seus olhos, orelhas, nariz, boca e pele percebem do mundo ao seu redor. Na verdade, se permitir sentir, deixar fluírem as emoções.

Por sua vez parece que as emoções geram transformações.



UMA PRINCESINHA INCA

É um livro de edição independente, só que não é de poesia. É um conto incrível de Alexandre Testa Campora chamado "Uma Princesinha Inca". Quando você esbarrar com o Alexandre vendendo o livro dele pelos bares e madrugadas do Rio, pense duas vezes antes de recusar. Essa princesinha dá o que falar.

CLASSIFICADOS COM CACHOEIRA

Projete seu chalé conscientemente na fantasia da realidade. Em Penedo, no fundo do quintal você encontra: 1 ducha natural, 1 cachoeira tipo véu, 1 ilha, 1 piscina natural, 1 nascente mais reserva florestal com 15 eucaliptos grandes, pinheiro, mata, abacateiro, borboletas, pássaros, etc. Tudo isso num terreno de mil e poucos m². Com luz, telefone, água encanada na porta. Cr\$ 900 mil. Telefone para (0243) 51 11 10 e chame o Cacá ou o Rodnei. Ou escreva pro Cacá, Caixa Postal 169 - Resende - RJ

DESPERTANDO A CONSCIÊNCIA

Atualmente a rapaziada toda está lendo sobre o oriente e descobrindo coisas incríveis. Mas cada um entende de um jeito as coisas que leu, o que é bom. Este é o caso de Ricardo Moyano, que leu um bocadinho em seu livro "O Despertar da Consciência", sintetiza e apresenta, de acordo com sua sensibilidade, a filosofia oriental. O livro está bonito, vale à pena dar uma olhada. Editado pela Ground.

OS PRESOS QUEREM FALAR

"Voz do Cárcere" é um jornal mensal de quinhentos exemplares que começou a circular no mês de outubro pelas penitenciárias brasileiras. Seus idealizadores e realizadores são quatro presos gaúchos que querem mostrar que preso é gente e tem muito o que contar. Como não visitamos nenhuma cadeia nos últimos tempos, desconhecemos o conteúdo do jornal, mas a iniciativa parece muito interessante, além de original.

REABERTURA EMOCIONANTE

Reabriu o grande sucesso do último Inverno carioca e inspirador de nossa coluna de cartas, o quantíssimo bar "Emoções Baratas". Com cerveja Boêmia, com outra cervejinha importada do Pará (exclusividade da casa), um montão de gente bonita e a presença ilustre/irreverente do famoso Rei do Pecado, o Emoções Baratas funciona de sexta a domingo (até o sol ralar) na Rua São Clemente, em Botafogo, no ASA. Apareça lá e se emocione profundamente.

PSIQUIATRIA EM MESSEJANA

Um hospital que vai à comunidade estudar suas entranhas, na identificação com o povo. A Psiquiatria nacional tem muito a aprender com a experiência desenvolvida no Ceará, onde um grupo de profissionais desenvolve um trabalho do mais alto nível. "Pesquisa sobre Epidemiologia Psiquiátrica em Messejana" é um trabalho de conhecimento da realidade para uma atuação eficaz e humana. A coordenação do trabalho é de Nilson de Moura Fé e a coordenação executiva de José Jackson Coelho Sampaio. Psiquiatras interessados em Medicina popular queiram dirigir suas atenções para este trabalho que vem do Ceará.

CYNTHIA NA AVENIDA

Quem não conhece ainda o trabalho de Cynthia Dorneles, Marta Nascimento e Banda já tá marcando touca. Mas, deixar de ir ao show que elas vão apresentar no CEU, nos dias 4 e 5 de dezembro, vai ser marcação geral. O "Avenida de Amores" (só o nome já arrupia) vai ficar só esses dois dias às 20:30 h. Vá também rodar a sua bolsinha nessa avenida, quem sabe não pinta um amor?

CARROSSEL LITERÁRIO

O "Solux", jornal literário pretende ser um espaço aberto (mas aberto mesmo) à criação, crítica & informação literária. É um jornalzinho pequeno, mimeografado e simpático onde se misturam ótimas poesias e artigos e outros, nem tanto. Mas é esta a proposta do "Solux", não haver seleção dos trabalhos recebidos, entra todo mundo, quem julga é o leitor. Quem quiser mandar trabalhos ou fazer uma assinatura pode mandar cheque nominal a "Luz Sérgio de Viveiros" (no caso de assinatura, lógico) de Cr\$ 250 para Rua Cecília Santana, 100 - CEP 03622 - São Paulo - SP



CELSO



OLHA A CARA DELES!

Essas duas caricaturas aí são o Rocha desenhado pelo Celso e vice-versa. Já viu os outros trabalhos dos dois no jornal? Se não viu dá uma olhadinha; beleza, né? Ambos estão oferecendo trabalho: fazem charges, caricaturas, humor negro, sujo, político, o escambau. Já pensou em vez de pendurar um poster seu na parede, transar uma caricatura? Ou dar de presente? Ou se você for dessa parcela de felizes proprietários de agência, procure os meninos. Ligue para o L&P: 242-0128 - Rio.

Amor. Agarradinho, o baile que viu mexer com os corações. 22 de Dezembro - Estudantina, Pça. Tiradentes. Livindo.

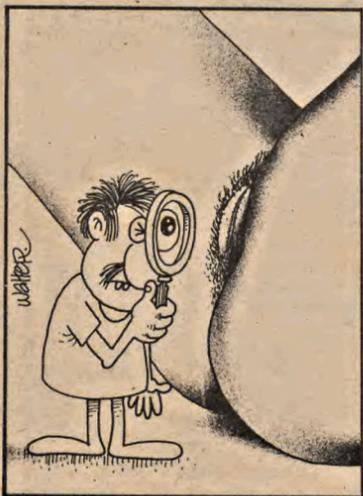
Para o par mais Romântico...

uma viagem às Cochabambas, UAU!

E prêmios!

Eu vou nesse baile!

espalhafato



Constituição Caquética

Levei um susto enorme ao saber que, mês passado, foi apresentado à Câmara um projeto de lei pelo qual a mulher deixa de ser obrigada a chegar virgem ao casamento. Juro que, num ato falho, havia esquecido da existência dessa mostruosidade constitucional. Segundo a lei atual, se o homem descobre que a mulher não possui a tal pelezinha chamada himen na fatal noite de núpcias (leia-se: se o comprador sente falta do selo de garantia no produto negociado), pode obter anulação do casamento, à revelia da outra parte interessada, ou seja, a parceira. Isso, convenhamos, deixa de ser anacronismo e cheira a caduquice, debilidade mental. A historinha da mulher-objeto de troca entre famílias já passou de realidade a dado histórico, estudado nas aulas sobre o período medieval.

O que eu quero ver é se o direito passa a fato, se as mães das tradicionalmente constituídas famílias deixam de educar seus filhos para oprimir e suas filhas para submeter-se, e mais importante ainda, se os mancebos já adultos se despirão de vez da fantasia de compradores, protetores, usurpadores, e deixam de exigir das mulheres o que quer que seja, em troca de sua gloriosa companhia, lavrada em cartório ou não.

SÍLVIA DE BARROS

Liberdade para a Pupila

Escuto falar tanto a respeito da porção mulher que comecei a perguntar qual é a do homem. E encontrei pelo menos um pedacinho de porção: a menina dos olhos. Por mais que o homem tente se esconder de si mesmo, esconder seus sentimentos, a menina dos olhos lá está fazendo esforço para o homem se descobrir. A pupila dos olhos, e para mim a porção mulher do homem

mais difícil de se entregar ao machismo. O "homem não chora" funciona até certo ponto porque chega a uma hora que o homem, queira ou não, se entrega. Os Capifao Rodrigo da vida choram trancados no banheiro ou molhando travesseiros. E, nos olhos, a menina sofre. Qual é a da garota? O negócio é deixar ela transar. Nada de isolar a Pupilazinha. A transa tem que ser total com o coração e a razão. Tem que ser aquela transa onde palavras, outras palavras, são desnecessárias. Tem que ser aquela transa de voar, "deixar a minha menina encontrar sempre a sua, se aconchegar sem preconceitos".

Esse negócio de olhos frios é coisa séria: céu nublado sujeito a chuvas ou inverno imperando. Será que não dá pra a menina viver as quatro estações, prolongar talvez a primavera, e o verão, ser livre...

MARCIMEDES/SP

Que loucura!



A recessão econômica aumenta as taxas de alcoolismo, criminalidade e sobretudo de loucura. Paracambi, interior do Rio, é um retrato disso. Em seu território funcionava uma metalúrgica que empregava 1.200 operários, todos moradores do lugar e oriundos de Minas. Na cidade também havia um pequeno hospital psiquiátrico que cuidava dos miolos dos trabalhadores "perturbados". E a cidade vivia em aparente calma, com sua metalúrgica e seu hospitalzinho.

Entretanto, seis anos atrás, a fábrica fechou por não ter mais condições financeiras de funcionar. E a partir daí, a cidade ficou maluca, o pequenino hospital foi se transformando numa imensa empresa, cujas dependências foram ampliadas, quadro de empregados alterado e a prosperidade chegou às mãos de seus donos. O que acontecia? Os

operários se viam sem emprego e "piravam", não suportavam o fato de não ter como sustentar mulher e filhos. Mesmo aqueles que não estavam muito "loucos" eram internados, pois assim o hospital poderia ganhar mais do INPS (aliás, pago pelos próprios trabalhadores). E os psiquiatras que discordavam dessas internações, eram postos para fora do hospital.

Mas o tempo foi passando e os trabalhadores desempregados tentaram receber da empresa seus vencimentos. Isso até hoje não foi conseguido, porém um avanço se deu na luta: até que a empresa decreta oficialmente falência (quando terá de pagar todas as dívidas, inclusive as indenizações dos empregados), ninguém — nem mesmo os donos — podem mais retirar qualquer coisa que pertença ao patrimônio da firma, que nesse momento está totalmente documentado fotograficamente e sendo guardado pelos antigos operários.

O mais interessante foi constatar a recuperação de muitos "loucos", empenhados na busca de seus direitos, em assembleias e reuniões. Muitos deles, segundo psiquiatras, hoje levam uma vida comum, sem mais nem menos grilos do que nós, os "normais".

Mas a moral da história é mesmo a seguinte: a recessão gera o desemprego, que gera o desespero, que gera a loucura, que gera a expansão das empresas da loucura. Já viu que loucura?

DAU BASTOS/PEDRO CASTEL

O estreito Cone Sul

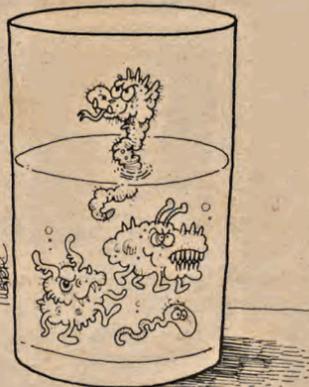
Uma notícia sem maiores dados, publicada no JB de 12 de Novembro, informa que a estudante Perla Yore, vice-presidenta do diretório da Faculdade de Psicologia de Assunción, Paraguai, se encontra em greve de fome há nove dias, em protesto contra sua detenção, ocorrida vinte dias antes. Perla foi presa em sua casa, numa operação que deteve mais de 300 pessoas. A denúncia foi transmitida à Comissão de Justiça e Paz do Paraná por alunos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Assunción.

Beatriz Perosio, a presidente "desaparecida" da Associação de Psicólogos da Argentina, continua como tal. E as instituições psi do Brasil em pleno e absoluto silêncio. Vamos mudar, pressionar; os caminhos são muitos; noticiar nos boletins, endereçar

cartas e manifestos às embaixadas e governos, etc. Se nos esquecermos deles, vítimas das ditaduras do famigerado cone sul, será fácil o extermínio silencioso de todas as oposições, inclusive as nossas. Sindicatos, associações, instituições, grupos, pessoas, democratas, amantes da vida da área psi, está na hora de estender a visão e ação para além das fronteiras do inconsciente. Olhar em volta, para os amigos oprimidos dos países vizinhos. Reclamar, exigir respeito à vida é uma ação terapêutica não importante como uma boa interpretação. Saúde para todos.

CE RALPH

Mais Veneno



E aí os ilustres leitores que resolveram dar um tempo com a birita alcoólica e se assustaram com o teor de contaminação da água que bebem, vão à padaria e voltam felizes com seu saquinho de leite. Pois saibam que quase toda a gordura do dito cujo (junto com a maior parte dos nutrientes) foi retirada para ser reaproveitada sob forma de manteiga, queijo, iogurte e outras guloseimas do gênero. "Até aí tudo bem", dirão vocês, "pelo menos eu não engordo". Mas, para que o volume do leite não se modifique — o lucro não pode diminuir — e até cresça, é acrescentada uma grande quantidade de água — desconhece-se se fervida, filtrada ou processada de qualquer forma — no produto, de maneira que, na verdade, o que bebemos é pouco mais que soro de leite com água.

Esse pouco mais consiste em, fora outros menos cotados, penicilina, dada regularmente às pobres vaquinhas e passada para nós através do leite, e DDT, aplicado à terra para evitar as pragas que atacam qualquer monocultura extensa, "chupado" pelo capim do pasto, comido pelas bichinhas, e mais, de efeito cumulativo, isto é, não eliminado

pelas vias normais de excreção, nem as nossas, nem as da vaca, e causador de graves defeitos físicos em fetos quando consumido, por mulheres grávidas, entre outras mazelas.

Eu, hein! Pra cima de mim, mané? Daqui pra frente, só cachça e água de fonte. E tem mais: me solidarizo com a vaca. O bezerro que mame.

SÍLVIA DE BARROS

Ceu é um Ceu

A Casa do Estudante Universitário, no Rio, está completando dezesseis anos de existência. A festa de aniversário durou uma semana inteira de agitos (de 16 a 22 de novembro), quando os moradores e os amigos da casa (que não são poucos) se juntaram e aprontaram mil: shows, peças de teatro, curtas, debates, danças, biritas, um carnaval dos diabos.

E a adolescente CEU bem merece uma festança dessas. Afinal, qual é o espaço carioca mais aberto pro delírio, pra política, pra cultura, pra marginalia que produz arte? Onde é que aqueles grupos de teatro que não têm um puto furado ensaiam suas peças? Onde é que se reúnem os movimentos de mulheres, de homossexuais, de negros, de tudo quanto é minoria ou maioria? Onde é que a capoeira, a rumba, o rock e o baiano encontram espaço pra se apresentar? Onde é que se hospedam os caroneiros sem grana? E onde é que moram os estudantes pobres vindos do interior?

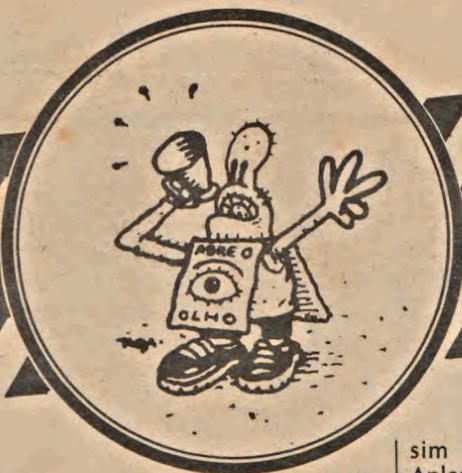
Ah, a CEU é um oásis, um lugar a ser preservado, um espaço que precisa ser cada vez mais lindo, cada dia mais aberto pra comunidade, principalmente pra parcela dessa comunidade que ainda se arrisca a sonhar, a lutar, a aprontar.

E, além de uma rapaziada aberta pras coisas novas que estão pintando, a CEU ainda conta com uma infra legal: bons salões, um teatro, uma varanda romântica, uma biblioteca, tudo. Em precisando, é chegar lá, conversar com o pessoal e armar o circo.

Parabéns pra CEU!

DAU BASTOS





Elas e mais elas

Assim como o programa "Elas Por Elas", realizado por Maria Rita Kehl e Ireda Cardoso em São Paulo, foi abortado pela mediocridade do sr. J. Silvestre, o seu similar aqui do Rio — "Elas e Mais Elas", da Rádio Solimões de Nova Iguaçu, sairá do ar por dificuldades financeiras.

Eliana, Valéria, Neli, Maria e Sandra, de segunda à sexta das 14 às 16 horas conversam com as mulheres da Baixada Fluminense sobre seu cotidiano, suas angústias, dúvidas, aflições e alegrias. "Elas e Mais Elas" surgiu numa festa, quando Maria conheceu um dos diretores da rádio. O convite pintou e pouco tempo depois o programa entrava no ar. Nenhuma das cinco tinha qualquer experiência anterior em rádio e, como não poderia deixar de ser, "Elas e Mais Elas" levou inicialmente alguns tropeços. Além da forma pelo qual era feito — não atraindo os ouvintes — as cinco mulheres enfrentaram um público acostumado ao programa anterior ao seu na região. O "aprender na prática" fez com que aos pouquinhos o programa fosse mudando a linguagem, para uma forma mais solta e descontraída. Novos quadros foram criados, os ouvintes participavam comparecendo ao estúdio ou através do telefone, enfim, uma série de inovações que fez do programa um dos mais ouvidos da Rádio Solimões.

No entanto, em termos financeiros, o programa não vingou. "É novo, todo mundo dá força, mas ninguém põe a mão", lamenta Valéria. Para ela, não é à toa que o programa não conseguiu um patrocínio até agora, pois "Elas e Mais Elas" é o único programa de Mulher e de Oposição na Baixada Fluminense. As tentativas de obter colaboração foram inúmeras: de dois meses para cá, o grupo se dividia e, enquanto duas ficavam fazendo o programa, as outras três saíam em busca de anunciantes. Os partidos de oposição — PT, PDT e PMDB — foram contactados, mas mesmo com as eleições há menos de um ano e sendo a Baixada Fluminense um barril de pólvora, a ajuda ficou nas promessas. As dívidas foram se acumulando, pois, da situação de pagar para trabalhar, elas passaram para a de não ter mais grana nem para a locomoção até Nova Iguaçu. Maria teve um

bebê, o que a afastou temporariamente. Sandra saiu, Eliane ficou doente e quem vem mantendo a realização do programa são Valéria e Neli, mas elas mesmo não sabem por quanto tempo vão agüentar.

E assim, experiências que visam o reconhecimento e reflexão das pessoas da sua realidade mais próximas, são derubadas por pressões que pintam de diferentes lados, dando continuidade aos programas que embotam a consciência crítica e que consolidam tudo o que está aí.

CONSUELO LINS

Brasil Pandeiro

... E SEMPRE RETIRO DA CENA POLÍTICA!
... E SEMPRE RETIRO DA CENA POLÍTICA!
... E SEMPRE RETIRO DA CENA POLÍTICA!



Janio Quá Quá Quadros não sai da cena, continua a deliciar a todos com seus quadros tragicômicos, seus manifestos ao universo, suas caretas fotogênicas. Agora almeja o céu. Via Embratel. Pois não é que nosso demissionário ex-presidente vai participar do eterno programa "O céu é o limite", do famigerado J. Silvestre, respondendo sobre a vida de Abraam Lincoln? É só imaginar o quadro: silêncio e tensão no auditório, Janio, contrito, pensa; J. Silvestre repete a pergunta com gravidade e, como se estivesse pedindo desculpas, lembra ao homem da vassoura que só restam 10 segundos. Nove, oito... Janio respira fundo e, com convicção, afirma: "A loja onde Abraam Lincoln comprou sua última cueca chamava-se Sammi's Co." A plateia delira, o apresentador saca seu sorriso de "absolutamente certo" e abraça Janio. Este, comovido, acena para as câmeras e lembra a todos que fará muito mais se for eleito. O prêmio é que o menos importa,

sim a felicidade da Nação. Aplausos.

Passem para a França e imaginem tal cena com De Gaulle. Impossível. Daí aquela céebre frase que todos ouvem ao passar pelo seu túmulo: "Aquele país não pode ser sério..." Até o próximo manifesto, absolutamente certo.

CÊ RALPH

Consciência Negra

Até que enfim os atabaques do movimento negro soaram para valer em boa parte do país. Foram as comemorações do 286º aniversário da morte de Zumbi dos Palmares, dia 20 de novembro, que começa a se consagrar como data nacional da consciência negra, esvaziando o 13 de maio oficial e branco.

Os aprontos começaram em Maceió, de 16 a 20, com o 1º Simpósio Nacional sobre Palmares, que reuniu historiadores e gente interessada de todas as áreas, num quilombo só, e se encerrou com uma missa rezada por Dom Pelé (José Maria Pires) na Serra da Barriga — cenário da resistência negra em 100 anos de luta armada contra a escravidão.

Em Recife, dia 22, o caldo engrossou com Milton Nascimento, cantando a Missa dos Quilombos (que ele compôs com Casaldáliga e Pedro Tierra), além do próprio Casaldáliga e de Dom Helder coadjuvando o Dom Pelé, em concerto-missa-despachocomício-festa na praça onde os "homens" espetaram a cabeça de Zumbi.

No Rio, uma boa turma de cantores e atores negros, alas de baianas, afoxês, capoeiras e maculelês, transformaram o Maracanãzinho num enorme e vibrante terreiro para acordar o Zumbi de cada um. Em São Paulo, em Salvador, em tudo quanto é canto onde tem grupinho negro, houve manifestações, debates, sessões de filmes e outros lances.

Quase toda a grande imprensa, obviamente, fez que não viu ou no mínimo esvaziou o caráter político dessa primeira mobilização geral em torno do movimento de Palmares, tratando-a no máximo como "alguns shows e festas religiosas" em pequenas notinhas na imprensa. Exceção para a Folha de São Paulo, que deu ampla cobertura, excelente Folhetim e até editorial, vendendo política por cima dos antolhos partidários e mostrando a transformação de mais um ex-

proscrito pela história oficial em a partir de agora, herói nacional de primeira grandeza. Para quem quiser saber mais sobre a saga de Zumbi (e esquecer de vez as mentiras que nos contaram desde a escola primária), a melhor dica é ler "Palmares — a Guerra dos Escravos", de Décio Freitas, Edições Graal.

Vamos ver se a negrada segura esse barco e não solta mais. Ano que vem prometem um barulho muito maior, daqueles pra ninguém dizer que não ouviu.

GUSTAVO BARBOSA

Simpósios Alternativas

Um ar de renovação e busca se dá nos modelos teóricos e práticos da psicologia nacional. O questionamento da vetustez dos psi, herméticos em cima de pedestais, começa a ter resultados. Tudo começou com o 1º Simpósio Alternativas no Espaço Psi, promovido pela Radice no Rio, em abril de 80. Junto com palestras, grupos de vivências, corpos à mostra; em vez da pompa do Copacabana Palace, o informalismo do Parque Lage. A classe dominante psi se vê destronada por novos profissionais a expressar trabalhos menos comprometidos com o sistema terapêutico tradicional.

As ordens e os gostos já não vêm de cima, impondo uma postura artificial de sobriedade e moralismo para acobertar os cabernites e lobos da vida. E a coisa cresceu, os estudantes tomaram o potro chucro nas mãos e começaram a organizar eles mesmos os seus simpósios, trazendo quem eles queriam. Um exercício de democracia na psicologia, quer a gente goste das opções ou não. Não mais os bafoes da psi a ditar o que é bom ou o que é mal, mas o povo da psicologia requisitando e respeitando a pluralidade de enfoques.

De repente me vejo transportado para Porto Alegre, Brasília, Recife com Hélio Peregrino, Tornaghi, Ralph, Ivan Campos, Gaiarsa, Chaim Katz, Joel Birman e mais o pessoal dos próprios locais. Todos com algo em comum, algo de rebeldia, de vitalidade, de não aceitação dos modelos impostos pela garganta. Questionando o modelo e o anti-modelo. Ao invés de bonecos reprodutores de preconceitos psicológicos, sua discussão, sua vivência.

Uns acusam de "moda", mas são os mesmos que, se a moda pega, refêm-na e organizam-na em sociedades herméticas. Assim

foi, assim será, se deixarmos... Não esqueçamos as críticas dos moralistas à Freud por se atrever a falar em sexualidade infantil, e do próprio Freud a Reich, quando este cria novas vertentes para explicar os mundos psi e político.

Os estudantes e profissionais têm prestigiado todos aqueles que questionam o saber e o poder psicológicos. Em Porto Alegre 800 pessoas, em Recife 500, em Brasília 300, juntas, sem hierarquização (afinal, os afetos não são hierarquizados), nesta nova forma de encontro e troca de experiências, na prática.

A mensagem está sendo levada para além dos muros fechados das faculdades, que se limitam a ensinar psicanálise (mal) e comportamentismo, nos tratando feito máquinas. O pessoal está cansado de ficar 5 anos aprendendo a como não trabalhar. E começa a batalhar por sua formação e aquisição de novos conhecimentos. É pena que para utilizar tais conhecimentos tenha que se ficar tanto tempo cumprindo a burocracia do canudo.

As alternativas estão aí, nessas formas de simpósios, na própria vida. É optar.

EUGÊNIO MARER

Movimento

"Todo mundo agora tá chorando o fim do Movimento, mas todos sabiam que estava em dificuldades, que era um bom jornal, mas ninguém comprava, dava força." Este desabafo, ouvido no dia em que saiu a última edição de Movimento, depois de 6 anos de existência, deve ser acrescentado às discussões sobre o porquê da inviabilidade do jornal. As esquerdas brasileiras não souberam preservar este espaço livre para debates, centraram seu apoio nos jornais partidários, esquecendo a necessidade de um órgão independente que externasse um ponto de vista crítico, inclusive sobre a própria esquerda.

Acabou Movimento, um jornal semanal de muito boa qualidade, cuja história está definitivamente ligada à do movimento democrático no Brasil. E com pesar que registramos este fato. Esperamos que a reflexão que a equipe do jornal está fazendo sobre sua existência seja publicada, para que enriqueça a história do jornalismo e do próprio movimento de resistência brasileiro. Como lembrete de nossa parte, o desabafo do início. Até quando não vamos nos empenhar na manutenção de nossos espaços? A imprensa independente é um espaço livre, do leitor, e é fruto de uma ação coletiva, precisa ser preservado.

LUTA E PRAZER

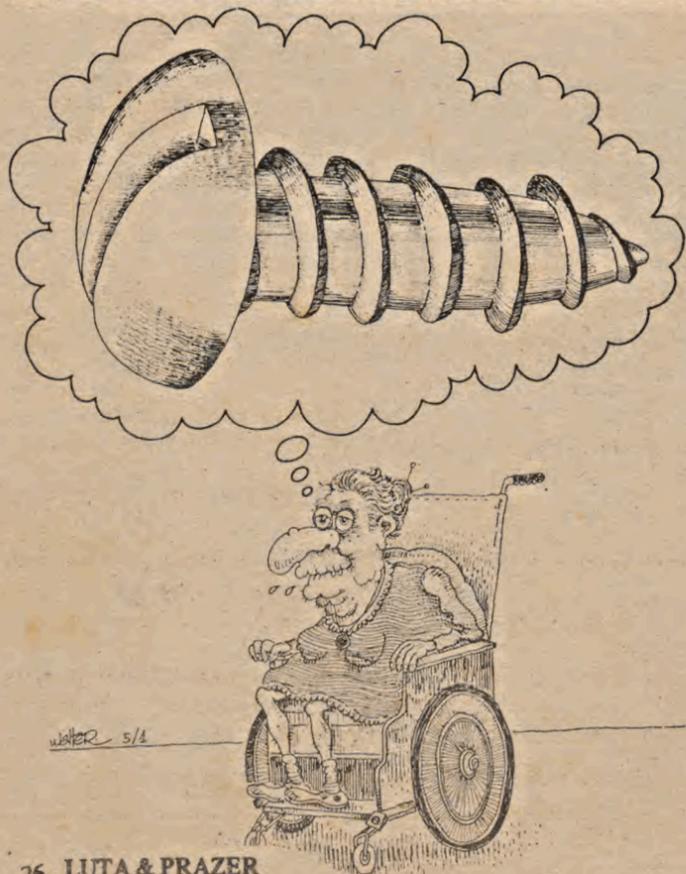
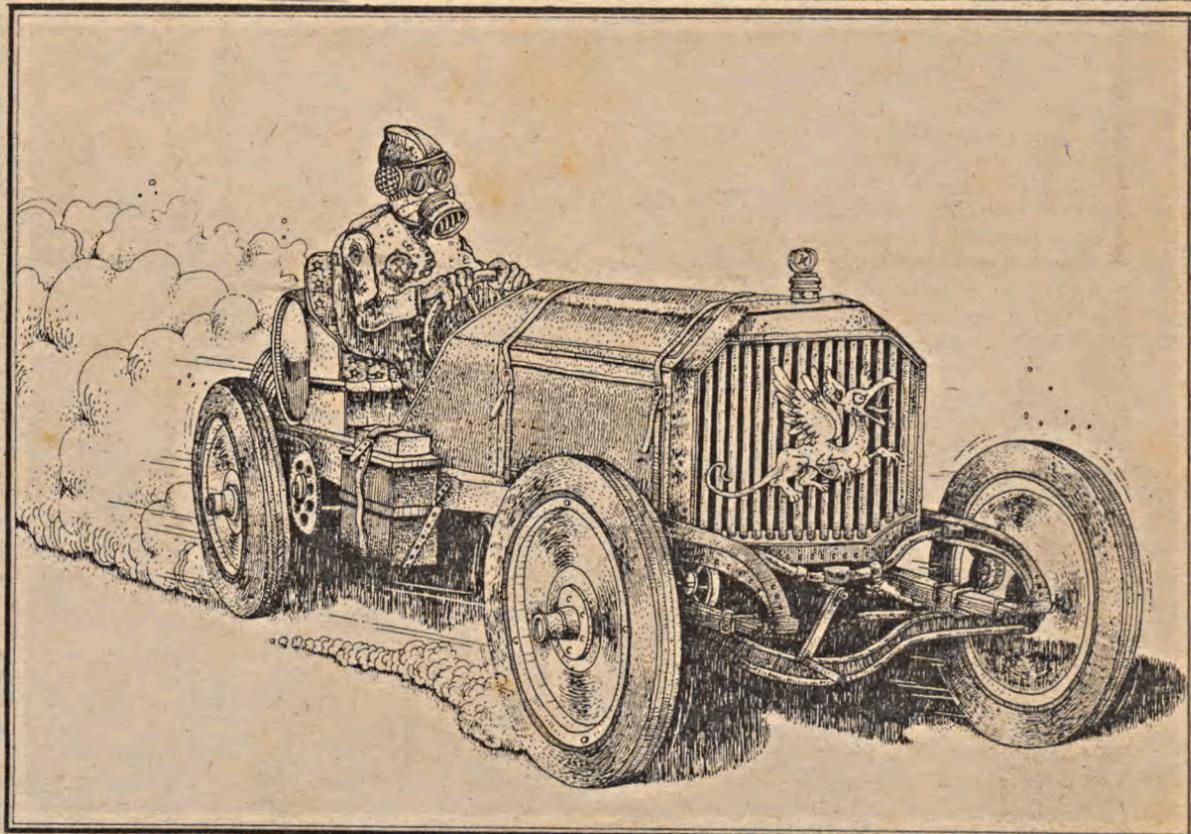
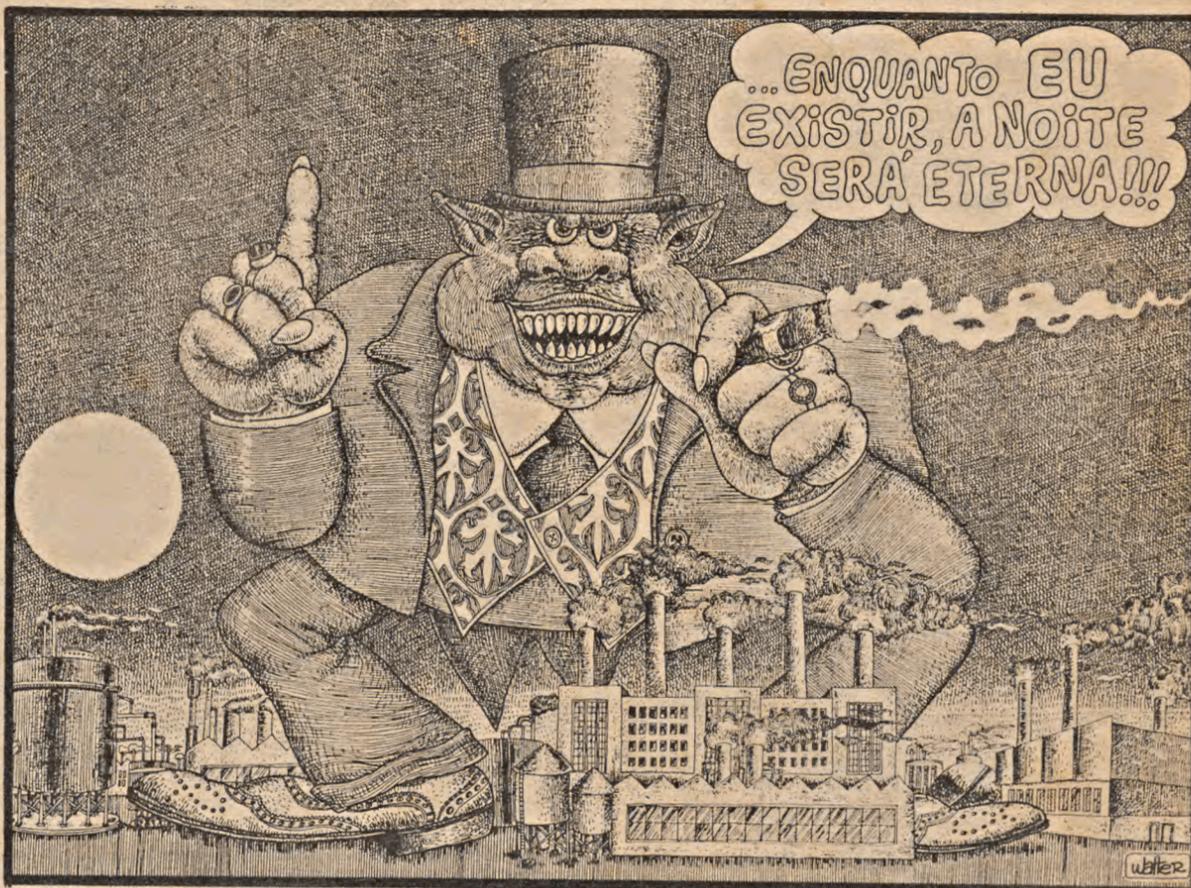
LUTA & PRAZER 25

WALTER LUIZ



Walter Luiz é uma pessoa finíssima, com um astral que não cabe no próprio corpo, contagiante. Tranquilo, tímido, 23 anos, é um ilustrador e cartunista de mão cheia, daqueles que quando você vê o desenho não consegue tirar os olhos, tal o nível de qualidade. Colabora com a imprensa desde 76, tendo trabalhos publicados em "Ele/Ela", "Jornal do Brasil", "Data-News", "Revista do Ibam", "Ficção".

Entre 77 e 78 editou A MOSCA, revista de quadrinhos e cartuns em esquema marginal, além de participar de diversas publicações independentes. Está agora aqui no L&P mostrando serviço, numa ótima. As ilustrações do Manifesto da Paz e da Poluição no Japão no número passado são dele, confirmam. Nesta página uma seleção de ilustrações que é pra ninguém botar defeito.



**BAZAR DO
LUTA & PRAZER**

Atrevida!



Rádice, jornalismo da Psicologia
Uma revista atrevida, insolente, polêmica, independente.

Rádice marcou profundamente o espaço psíquico nacional, informando e debatendo os principais acontecimentos de tendências da Psicologia no Brasil e no mundo.

Em suas 15 edições, um material impressionante, absolutamente indispensável para todos aqueles interessados no ser humano, no seu comportamento, na sua evolução.

A história da Psicologia brasileira está inscrita nas páginas desta revista. Com ousadia, sem mesuras e medalhas ou títulos.

Receba a coleção completa de Rádice por somente 980,00.

E cada edição atrasada (exceto os n.º 4,5,7 e 8), por 90,00 o exemplar.

Remeta seu nome e endereço completo, junto com seu pedido, para Editora Raízes, Rua da Lapa 180/504, Rio de Janeiro, Cep 20021. Adicione um cheque nominal ou Vale Postal no nome da editora, e receba as revistas em sua casa.



O Centauro é um sim à existência do homem sem dicotomias, completo, inteiro, instinto e razão, animal e consciência, tudo junto.

É o símbolo dos tempos atuais, quando realizamos a síntese do racional transformador dos anos sessenta com o coração que pulsa e abala a década setenta.

É LUTA & PRAZER.

Ponha-o no peito.

Escreva-nos dizendo o número do seu manequim, juntamente com um cheque de 600 cruzeiros em favor da EDITORA RAÍZES (Rua da Lapa, 180/504 — 20021 — Rio) e lhe remeteremos rapidinho essa linda camisa. No mais, boas badalações.

**SONHO QUE SE
SONHA JUNTO
É REALIDADE**

**RÁDICE
LUTA & PRAZER**

propõe

uma ação comum, coletiva



ricardo fraquoso tupper

Onde todos sêremos beneficiados.

Nós, porque precisamos de sua assinatura para manter e fortalecer o jornal.

Você, porque além de receber um bom desconto, ficará livre da inflação que se abaterá sobre aquele número vírgula dois zeros da capa.

Enfim, uma troca entre amigos, uma questão de solidariedade.

E nossos planos são ótimos.

**QUANDO VOCÊ DÁ UM PRESENTE,
QUEM GANHA É VOCÊ**

Esta promoção é de aniversário, natal, dia das mães
Você faz uma assinatura anual e oferece outra
prum amigo, amiga, namorado/a, consorte,
mandaremos para você um dos excelentes livros abaixo,
que você pode escolher e curtir à vontade.

1. HISTÓRIA DA SEXUALIDADE — Michei Foucault — Graal
2. O TABU DO CORPO — José Carlos Rodrigues — Achiamé
3. AS CLASSES SOCIAIS E O CORPO — Luc Boltansky — Graal
4. O AMOR LIVRE — Charles Albert — Achiamé

Preencha o cupon abaixo e aproveite, os preços são por tempo limitado.
Desejo receber uma assinatura do LUTA & PRAZER,
e estou remetendo cheque nominal em nome da Editora Raízes.

N.º do cheque _____

Banco: _____

() Anual — 1.000,00 () Semestral — 550,00

Nome _____

endereço _____

Mande os mesmos dados da pessoa para quem
você está oferecendo uma assinatura.
Remeta para LUTA & PRAZER, Rua da Lapa 180/504
Rio de Janeiro — Cep 20021-RJ

**Você é fundamental
nesta viagem**

Amor agarradinho no Rio ♥♥

Você vem sozinho e sai apaixonado. Este baile vai ser demais.
LUTA & PRAZER convida para uma noite inesquecível. Gafieira Ti-
radentes (Estudantina) — 22 de Dezembro — 21 horas.

Eu sou! ABERTURA DA TEMPORADA ROMÂNTICA DE VERÃO!!!

rãdice
LUTA & PRAZER



JULIANO SERRA

Pra pensar